

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FORMAÇÃO DE LEITORES ADULTOS
COM ESCOLARIZAÇÃO IRREGULAR E EXTEMPORÂNEA

LUCIANA DA SILVA

Belo Horizonte

2003

Luciana da Silva

FORMAÇÃO DE LEITORES ADULTOS
COM ESCOLARIZAÇÃO IRREGULAR E EXTEMPORÂNEA

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação:
Conhecimento e Inclusão Social em
Educação da Faculdade de Educação
da Universidade Federal de Minas
Gerais, sob orientação do Professor
Dr. Antônio Augusto Gomes Batista,
como requisito à obtenção do título de
Mestre em Educação

Belo Horizonte

UFMG – Faculdade de Educação

2003

S586f
T

Silva, Luciana Prazeres, 1966-
Formação de leitores adultos com escolarização irregular e extemporânea /
Luciana Silva. - Belo Horizonte, 2003.
157 f., enc.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.

Orientador: Antônio Augusto Gomes Batista.
Co-orientadora: Aracy Alves Martins Evangelista.
Bibliografia: f. 155-157.

1. Educação -- Teses. 2. Leitura (Educação de adultos) -- Teses.
3. Educação de adultos -- Teses. 4. Alfabetização de adultos -- Teses.
5. Leitura -- Estudo e ensino -- Teses.
I. Título. II. Batista, Antônio Augusto Gomes. III. Evangelista, Aracy Alves
Martins. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 374

Dissertação defendida e aprovada, em 25 de abril de 2003, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Antônio Augusto Gomes Batista
Orientador

Profª. Drª. Aracy Alves Martins.
Co-Orientadora

Profª. Drª. Leiva Viana Figueiredo Leal.

Profª. Drª Isabel Cristina Alves da Silva Frade.

Profª. Drª. Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca

Para meu avô,
leitor modelo.

AGRADECIMENTOS

A Cezarina, Sara, Antônio Carlos e Antônio Geraldo que permitiram que me infiltrasse em suas vidas e aprendesse, com cada um, a ver de diferentes formas as práticas de leitura.

Ao meu orientador, Professor Antônio Augusto Gomes Batista, pelas orientações e contribuições.

À professora, Aracy Alves Martins, co-orientadora deste trabalho, por orientar essa caminhada e pelas palavras de incentivo.

Aos professores Juarez Dayrell, Maria Amélia e Conceição por instigarem meus questionamentos e possibilidades.

Às colegas de trabalho da Escola Estadual Professor Tibúrcio por acreditarem na possibilidade da realização deste estudo.

Aos colegas do mestrado, Silvânia, Marco e Marina, pelo companheirismo.

Às amigas Araci Coelho, Cleusa, Denise Araújo e Jaqueline, pela amizade e cumplicidade de todos os momentos da produção deste trabalho.

Aos amigos, Juliana, Pilar, Ana Paula, Leda, Luiz Roque, Elizabete e Rosa, pelo incentivo, leituras e críticas.

A meus pais e a toda minha "GRANDE FAMÍLIA", pela paciência, zelo e confiança em minhas produções.

Ao Edinho, pelo carinho, incentivo e críticas.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	08
CAPÍTULO I	
FORMAÇÃO DE LEITORES ADULTOS.....	11
CAPÍTULO II	
SARA.....	27
CAPÍTULO III	
CEZARINA.....	60
CAPÍTULO IV	
ANTÔNIO CARLOS.....	97
CAPÍTULO V	
ANTÔNIO GERALDO.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	155

RESUMO

Os fatores condicionantes da formação de quatro leitores adultos com escolarização irregular e extemporânea foram analisados nesta dissertação de mestrado. Os sujeitos eram alunos do Ensino Fundamental em um curso para adultos oferecido pela UFMG.

A entrevista semi-estruturada foi utilizada para coletar informações sobre a trajetória de formação dos sujeitos. Construiu-se, inicialmente, uma narrativa sobre a formação de cada um. Posteriormente, foi feita uma análise mais ampla ao comparar as quatro trajetórias.

Pode-se afirmar que a formação de leitores adultos com escolarização irregular e extemporânea não pode ser atribuída a um único fator. Procurou-se, assim, compreender a interdependência de fatores, o que nos permitiu visualizar a singularidade de cada caso. A familiarização, a escolarização, o autodidatismo, a inserção no mercado de trabalho e a participação em movimentos sociais foram os condicionantes interdependentes que mais se destacaram no caso das quatro trajetórias analisadas.

ABSTRACT

The conditioning factors of four adult readers with irregular and extemporaneous schooling were analysed on this master's degree dissertation. These people were students from the elementary school in a course for adults offered by UFMG.

A semi-structured interview was used to get information about these people's journey. Firstly, a narration about each one was written. Then an analysis was made to compare the adult readers.

It's possible to say that the adult readers formation with irregular and extemporaneous schooling can not be related to only one factor. Then we tried to understand the factor interdependences and this allowed us to see the uniqueness of each case. The familiarization, schooling, self education, work market insertion and social movement participation were the interdependent conditioning factors that were more showed on the four analysed journey.

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação procura analisar o processo de formação de leitores que tiveram uma escolarização irregular e extemporânea, ou em outros termos, que abandonaram ou freqüentaram esporadicamente a escola formal na infância ou na adolescência e retornaram aos estudos na idade adulta.

O interesse por realizar este estudo surgiu, inicialmente, de meu relacionamento pessoal com indivíduos que foram privados do acesso à escrita na infância e na adolescência, mas que mostraram forte interesse e desenvolveram esforços para participar de práticas de leitura e de escrita. Mais tarde, a prática profissional como professora/alfabetizadora de jovens e adultos no Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da Universidade Federal de Minas Gerais (doravante PEBJA/UFMG) mostrou que jovens e adultos das camadas populares investem esforços nas práticas culturais de leitura e de escrita. Aliar a convivência pessoal e a prática pedagógica na realização de uma pesquisa sobre formação de leitores colocou-se como um desafio de quem desejou compreender um pouco mais as tramas tecidas por esses sujeitos em suas trajetórias de formação como leitores.

O interesse em realizar este trabalho surgiu também a partir de discussões de estudos sobre o letramento, formação de leitores e práticas de leitura. No caso mais geral do letramento, os estudos, dos quais tenho conhecimento, redobram as atenções nos indivíduos analfabetos ou em processo de alfabetização, como por exemplo, os trabalhos de MIRANDA (1991), MACIEL (1994), Santana (1996), DIAS (1999) e CARVALHO (2002).

No caso mais específico dos estudos sobre práticas de leitura há uma tendência em focalizar os sujeitos mais letrados, ou seja, aqueles que têm uma inserção mais forte e sistematizada no mundo da escrita. Temos como

exemplo o trabalho de FRADE & SILVA (1998) sobre a leitura de textos oficiais por professores. Além desses trabalhos, o estudo realizado por EVANGELISTA (1993) analisa as condições familiares e escolares da construção de leitores em processo de alfabetização.

Todos esses estudos têm priorizado, portanto, a análise das condições de letramento e as práticas de leitura de sujeitos analfabetos, em processo de aquisição do código escrito ou aqueles considerados leitores mais proficientes. Entretanto, uma lacuna nesse campo de estudos se coloca como ponto de partida para a realização de um trabalho exploratório sobre a formação de leitores adultos com escolarização irregular e extemporânea.

Vários estudos sobre leitura e seu aprendizado¹ têm mostrado que as práticas de leitura são influenciadas por fatores como as formas de aquisição da leitura e da escrita, religião, etnia, gênero, ocupação, envolvimento do indivíduo em movimentos sociais, por sua origem social, dentre outros. Quais fatores, além da escolarização, interferem na formação de leitores adultos que vivenciaram escolaridade irregular e extemporânea? Que condições sociais, históricas e econômicas regulam a formação desses indivíduos como leitores? Essa preocupação parece fundamental para quem trabalha com alfabetização e insere esta investigação nos estudos sobre a formação de leitores adultos.

O objetivo desta pesquisa é, portanto, compreender as condições que vêm conformando a formação de leitores adultos, ao longo de sua trajetória de vida, assim como os principais traços que os caracterizam, atualmente, como leitores. Com certeza, a escolarização, ainda que tardia, integra essas condições de formação. Mas em que medida a escola, efetivamente, contribui para a formação desses leitores?

A escolha dos sujeitos levou em conta, em primeiro lugar, sua idade. São adultos com idade entre 30 e 52 anos, inseridos no mercado de trabalho. Outro fator que contribuiu para a escolha desses sujeitos foi o lapso de tempo que permaneceram sem freqüentar a escola formal. Todos estavam afastados do processo de escolarização há pelo menos dez anos, quando retornaram a esse processo, em 1998. Dadas as características do estudo, mais à frente

¹ Ver por exemplo estudos sobre práticas de leitura de CHARTIER 1990; HÉBRARD, 1993; DARTON, 1995; LAHIRE, 1995.

apresentadas, foram selecionados quatro sujeitos, dois homens e duas mulheres.

Coletei os dados da pesquisa junto a uma turma do PEBJA/UFMG que cursava, no início da pesquisa, o segundo segmento do Ensino Fundamental e, ao final dos trabalhos, estavam, quase todos os alunos, na etapa final do Ensino Médio do mesmo programa. O instrumento metodológico privilegiado na coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada por se mostrar adequada para apreender os fatores que condicionaram essa formação e que configuram as práticas atuais de leitura. A partir das entrevistas construiu-se uma narrativa da trajetória de formação como leitor o que propiciou a organização dos dados sobre as práticas de leitura ao longo da trajetória de vida dos sujeitos. A análise procurou apreender a singularidade de cada uma dessas trajetórias assim como as recorrências ou as regularidades passíveis de serem apreendidas nos diferentes casos.

Este trabalho está organizado em seis capítulos. No primeiro capítulo apresento o objeto de estudo, seus pressupostos teóricos, os procedimentos metodológicos utilizados. Nos quatro capítulos que se seguem apresento os sujeitos e analiso suas trajetórias de formação como leitores. No último capítulo, são feitas algumas considerações que os dados coletados e sua análise permitiram estabelecer.

CAPÍTULO I

Formação de Leitores Adultos

OBJETO DE ESTUDO

Esta dissertação é um estudo sobre o processo de formação de leitores adultos que vivenciaram uma escolarização irregular e extemporânea. Situa-se, portanto, numa zona de intersecção de dois campos: o campo de estudos sobre jovens e adultos e o campo de estudos sobre a cultura da escrita e o letramento e, mais especificamente, sobre os processos de formação de leitores e os condicionantes dessa formação.

Indivíduos adultos com esse tipo de escolarização são considerados, geralmente, como “não leitores” ou “leitores precários”. A avaliação negativa desses leitores é feita devido a preferências, frequência e utilidade da leitura em seu cotidiano em comparação com outros leitores. Este estudo considera fatores socioculturais, econômicos e religiosos que vêm dando forma a essa formação. Não pretende, portanto, comparar as práticas de leitura ou mesmo a formação desses sujeitos com outros leitores.

É pressuposto, neste estudo, que esses indivíduos, apesar da escolarização irregular e de uma inserção precária na cultura escrita, são, evidentemente, leitores por participarem de forma ativa em uma sociedade letrada. Pretende-se caracterizar esse tipo de inserção, de envolvimento com a cultura da escrita sem estabelecer julgamentos em relação a essa prática social.

Para isso, discutirei a seguir a construção desse objeto de estudo e os procedimentos metodológicos empregados para o desenvolvimento desta pesquisa.

ELABORANDO O OBJETO DE ESTUDO

O anseio por realizar esta pesquisa encontra sua origem em minhas relações com pessoas que foram privadas do acesso à escrita na infância e na adolescência e em minha experiência como educadora das séries iniciais do Ensino Fundamental com jovens e adultos.

A vida escolar da maior parte dos membros de minha família não é muito diferente da formação da maioria das pessoas das camadas populares, ou seja, cursaram as séries iniciais do Ensino Fundamental (antigo primário) e utilizam a leitura e a escrita para resolver questões cotidianas que exigem pouca frequência do uso dessa prática. Dito de outra forma, as pessoas não vêem necessidade dessa prática cultural com maior frequência e diversidade. No entanto, o processo de alfabetização e a utilização dos conhecimentos de leitura de meu avô materno me despertaram a atenção para a importância e significado da leitura e da escrita para pessoas que aprenderam a ler já na fase adulta da vida.

Meu avô foi alfabetizado em uma classe do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) com idade bastante avançada. Meu avô foi convidado por uma de suas sobrinhas – professora da turma de alfabetização - para completar o número de alunos necessários para o funcionamento no programa na comunidade em que moravam. Não me deterei aqui nos processos e métodos de alfabetização utilizados por não ser o objetivo deste estudo compreender os processos de aquisição da escrita.

Quando me tornei professora e comecei a lecionar, meu avô sempre pedia que lhe trouxesse um livro do segundo ano para que pudesse aprender a ler melhor. Uma vez, perguntei-lhe o motivo do pedido e ele respondeu-me que só tinha lido, na escola de adultos, o livro do primeiro ano e para ser bom leitor precisaria ler todos os livros de leitura até chegar ao livro do quarto ano.

O que muito me impressionou e incomodou foi o fato de que mesmo acreditando não saber “ler direito”, ou de não se sentir autorizado pela escola para praticar a leitura, meu avô lia revistas especializadas sobre plantações e criações de animais - assuntos de seu interesse. Dessa forma, percebi que

meu avô superou as expectativas e objetivos de sua formação inicial como leitor, pois não só lia os textos como era capaz de explicar seu conteúdo e discuti-lo comigo e com outros parentes. Muitas vezes fui instigada a ler os artigos para poder apreciar a riqueza de seus argumentos forjada no confronto das informações do texto com sua experiência de lavrador.

A partir desse envolvimento de meu avô com a língua escrita, especificamente com a leitura, entendi que a alfabetização tinha para ele um significado maior do que o saber assinar o nome e poder votar. Saber ler conferia a meu avô, apesar de sua irregular e extemporânea escolarização, o acesso a informações impressas de seu interesse.

O trabalho desenvolvido junto ao Projeto de Ensino Fundamental - 1º Segmento da UFMG (PROEF I) possibilitou-me uma reflexão mais sistemática sobre os usos da leitura e da escrita por indivíduos com escolarização irregular e extemporânea. Os alunos dessa turma já tinham adquirido, em outros espaços escolares, os conhecimentos de leitura e de escrita, em diferentes épocas das trajetórias de vida. O objetivo dessa turma era, portanto, "sistematizar os conhecimentos e habilidades adquiridos (anteriormente) e uma preparação para a inserção na escolarização formal" (UFMG, 1998:8).

Nos primeiros meses de trabalho observei que mesmo "sabendo ler e escrever" os alunos, praticamente, não utilizavam esse conhecimento. Durante as aulas, demonstravam dificuldade em expressar suas idéias oralmente e principalmente por escrito. Embora as atividades propusessem aos alunos uma efetiva participação no processo de construção do conhecimento, fazendo com que fossem, chamados a analisar textos, relacionar informações, a fazer inferências durante as discussões e nas produções orais e escritas em sala de aula, os alunos não demonstravam, ao final do trabalho, uma efetiva apropriação da língua escrita.

Minha experiência profissional anterior ao trabalho com jovens e adultos, presa aos condicionantes escolares da formação de leitores e ao incentivo à leitura pautado em interpretações dirigidas e avaliações, não permitia que considerasse outros fatores no processo de formação de leitores. Em outros termos, para mim a escola era o único espaço que poderia possibilitar a formação de leitores. Dessa forma e por causa dessa concepção,

o trabalho com jovens e adultos que discutiam seu próprio processo de escolarização e formação permitiu-me um olhar mais amplo ao analisar os motivos pelos quais meus alunos tinham dificuldades para utilizar a escrita em seu cotidiano.

Observei, no decorrer dessa experiência, que diversos fatores, além do processo de escolarização, influenciam a formação de leitores e produtores de textos. Meus alunos liam motivados por outros condicionantes além da escolarização que vivenciavam. Meu avô, apesar de ter adquirido na escola apenas os rudimentos elementares da escrita, fazia uso da leitura com certa desenvoltura, conforme mencionado anteriormente. O que me intrigava, enquanto professora, eram os motivos pelos quais a escolarização não era suficiente para inserir todos esses alunos em práticas de leitura mais diversificadas. Entretanto, havia casos de outros alunos, dessa mesma turma, que tinham vivenciado também um processo de escolarização extemporâneo e irregular e em semelhantes condições de vida, mas ainda assim se inseriram de forma significativa na cultura escrita. Estaria em questão as condições de uso desse conhecimento adquirido em diferentes condições e momentos da vida de cada uma das personagens a que venho me referindo até aqui? Se a resposta for positiva poderíamos afirmar a escolarização não tem primazia ou exclusividade sobre outros fatores no processo de formação de leitores?

A experiência profissional com adultos trouxe para mim questões intrigantes em relação à leitura exercida por meus alunos fora do ambiente escolar. Ansiava por entender o significado dessa prática cultural na vida de indivíduos considerados "não leitores" ou "leitores precários". Durante as aulas e em conversas com esses alunos procurava sondar sobre o processo de sua formação na tentativa de apreender fatores que explicassem a atual prática de leitura. Essas conversas levaram-me a crer que a formação de leitores vai além da formação escolar e que outros fatores, além do incentivo e do gosto pela leitura propiciado pelas aulas, definiam as práticas de leitura de meus alunos.

Elaborar o projeto de pesquisa exigiu um empenho maior, pois minha experiência como educadora e uma visão ainda bastante presa às práticas escolares de leitura não permitiam que percebesse a influência de outros

fatores na formação de leitores. A experiência profissional com jovens e adultos levou-me a iniciar, portanto, uma reflexão mais ampla sobre outros fatores que podem influenciar essa formação. A todo o momento precisava estar atenta a questões socioculturais, além do fator escolar, que permitissem uma visualização dos fatores que conformam o processo de formação de leitores. Algumas questões foram se constituindo: o que caracteriza indivíduos adultos como leitores? Como se deu a formação desses possíveis leitores? Que fatores vêm conformando essa formação? Qual seria o papel da escolarização, mesmo que tardia, nesse processo de formação?

A busca por compreender o processo de formação de leitores ponderando os condicionantes socioculturais dessa formação tem sido, com certeza, uma maneira de me afastar da sala de aula. A vivência dos sujeitos em relação à escolarização é considerada, neste trabalho, como um dos fatores que pode contribuir para a formação de leitores.

Vários estudos sobre leitura e seu aprendizado² têm mostrado que as práticas de leitura são influenciadas por fatores como as formas de aquisição a leitura e da escrita, religião, etnia, gênero, ocupação, envolvimento do indivíduo em movimentos sociais, por sua origem social, dentre outros. Que configurações ou condições conformam a formação de sujeitos adultos como leitores? Que práticas de leitura caracterizam esses sujeitos como leitores? E qual o peso da escolarização extemporânea nessa formação?

A formação de leitores e as práticas de leitura têm sido foco de atenção de várias pesquisas. Não pretendo aqui comentar todos os estudos realizados nos últimos anos, mas chamar a atenção para alguns pontos que parecem relevantes para a compreensão do campo em que se insere este trabalho assim como para mostrar, mais adiante, a existência de uma lacuna em relação à formação de leitores adultos com escolarização irregular.

No caso mais geral dos estudos sobre o letramento ou alfabetismo há uma forte predominância de pesquisas que analisam o processo de alfabetização e as condições socioculturais que interferem nesse processo. MACIEL (1994) acompanha um grupo de seis famílias das camadas populares

² Ver por exemplo estudos sobre práticas de leitura de CHARTIER 1990; HÉBRARD, 1993; DARTON, 1995; LAHIRE, 1995.

com filhos em idade escolar. O estudo mostra que ao mesmo tempo em que as famílias valorizam a alfabetização dos filhos vêem nela um empecilho para que trabalhem e consigam auxiliar no próprio sustento. A pesquisa apresenta indícios de que os filhos de pais analfabetos têm mais propensão a se tornarem analfabetos considerando-se as condições sociais, econômicas e culturais das famílias.

SANTANA (1996) aborda os usos e funções da leitura e da escrita para jovens e adultos analfabetos e recém-alfabetizados. Procura dar voz aos sujeitos na medida em que analisa e interpreta as representações que constroem sobre si mesmos, sobre o trabalho e sobre sua condição de analfabeto e/ou recém alfabetizado. O estudo mostra que os investimentos em favor da alfabetização de adultos privilegiou algum tipo de ideologia sem considerar os anseios e buscas dos analfabetos. A autora, ao dar voz aos sujeitos, relaciona suas impressões em relação à aquisição do código escrito e sua inserção social e, principalmente, no mundo do trabalho.

CARVALHO (2002) faz uma reflexão sobre o processo de alfabetização de jovens e adultos em uma escola com proposta pedagógica alternativa. A autora analisa as relações entre professores e alunos e as condições sócio-históricas que conformam o processo de construção do letramento.

EVANGELISTA (1993) analisa condições familiares e escolares da construção de leitores. O trabalho é desenvolvido em uma turma de crianças em processo de alfabetização com origem nas camadas populares. A autora afirma que para as famílias pesquisadas o acesso à leitura é marcado por condições sociais e econômicas precárias e as práticas de leitura são reguladas pela escola e têm por objetivo maior o aprendizado do código escrito. Afirma ainda que, por outro lado, a escola desenvolve práticas de leitura para garantir o aprendizado e a sistematização da aquisição do código escrito. Verifica, nesse caso, um investimento da escola e das famílias para garantir às crianças o acesso ao código escrito sem fazer com que tenham uma interação mais ampla com textos e impressos.

MIRANDA (1991) faz uma reflexão sobre os usos da escrita por sujeitos de uma vila da periferia de Belo Horizonte. A autora afirma que as práticas de leitura e escrita, guardadas as especificidades, fazem parte de um projeto que

os sujeitos se propõem a alcançar. Outro ponto relevante nesse estudo é a relação feita pela autora entre a quantidade e o tipo de material escrito presente nas relações travadas na vila e o uso que é feito desse material. Mostra que há uma singularidade do trato desse material pelos sujeitos pesquisados em comparação ao discurso dominante sobre as práticas de leitura. Ou seja, para os sujeitos pesquisados a leitura e a escrita são atividades que perpassam a construção de um projeto de pessoa que esses sujeitos pretendem alcançar. A autora analisa, portanto, as práticas de leitura de uma determinada comunidade e a relação dessas práticas em um projeto de vida dos sujeitos, mas sem especificar a faixa etária ou mesmo o nível de escolaridade dos sujeitos.

Ainda discutindo as práticas de leitura de crianças das camadas populares em processo de alfabetização ARAÚJO (1999) discute as relações entre escola e família e a utilização de textos e impressos, assim como os procedimentos de leitura de crianças em processo de escolarização formal. A autora verifica que na família as práticas são diversificadas e marcadas pela concepção de leitura veiculada pela escola. Na escola essas práticas, assim como a seleção e utilização de suportes textuais estão mais direcionados para o processo de aquisição da língua escrita. O estudo mostra que famílias de classes populares investem esforços nas práticas de leitura de suas crianças de acordo com o enfoque dado pela escola para essa prática sociocultural. Apesar de uma forte influência da escola as práticas familiares de leitura são mais diversificadas do que a escola julga.

No caso mais específico das práticas de leitura e da formação de leitores os estudos têm concentrado a atenção em sujeitos mais letrados ou que têm uma inserção mais forte no mundo da escrita. DIAS (1999) analisa a prática de leitura de professoras que lecionam e moram em comunidades rurais do Alto Vale do Jequitinhonha. No decorrer do trabalho a autora apresenta indicadores de que o grupo pesquisado tem um conjunto de regras e práticas de leitura que possibilitam afirmar que são leitoras. Assinala ainda que as leituras desenvolvidas por essas professoras têm a marca de duas instituições: a escola e a igreja. As leituras realizadas em função da escola estão voltadas para o planejamento de aulas por meio do livro didático. E as

leituras ligadas à igreja têm seu sentido atribuído à busca de uma revelação e até mesmo de oração.

FRADE & SILVA (1998) em uma pesquisa realizada pelo Centro de Alfabetização Leitura e Escrita (CEALE) analisam as leituras realizadas por professores da rede municipal de ensino. Essas leituras analisadas estavam diretamente ligadas aos documentos oficiais de divulgação do Projeto da Escola Plural. As autoras apontam para uma diversidade de estratégias e modos de processamento da leitura no campo da profissão docente que requerem uma revisão das concepções de leitor e de práticas de leitura.

O trabalho de SCHETINE (2002) analisa as condições de formação de educadores como leitores por meio da reconstrução da trajetória de vida de docentes em processo de formação continuada. Apoiada em Batista (1996) a autora estabelece algumas categorias que possibilitaram a apreensão e a análise de fatores que condicionam a formação a formação de docentes como leitores.

Esse breve apanhado de informações em referência aos estudos sobre as práticas de leitura e formação de leitores permite uma visualização do que se tem construído e sustentado nesse campo de estudos. O conjunto de estudos apresentados reflete diferentes perspectivas sobre o letramento e sobre as práticas de leitura de diferentes sujeitos em contextos sócio-históricos específicos no interior de recentes produções.

Há, ainda nesses trabalhos, o estabelecimento de algumas direções que dizem respeito aos fatores que condicionam a formação de leitores. Entretanto, esse direcionamento não é suficientemente sistematizado para permitir que um conjunto de categorias prévias permitisse analisar a trajetória de formação dos sujeitos. Por essa razão este trabalho é de natureza exploratória e um de seus objetivos é apreender categorias explicativas para os casos singulares tratados ao longo da análise dos dados.

A bibliografia consultada indica que o aprendizado na família e as relações familiares constituem fatores importantes na transmissão cultural da escrita, que a escola desempenha, evidentemente, um papel respeitável no processo de inserção no mundo da escrita. No caso dos sujeitos desta pesquisa é difícil apreender as reais contribuições do processo de escolarização

para a formação devido às características peculiares das trajetórias escolares dos sujeitos. O autodidatismo parece ser outro elemento de análise que nos ajuda a apreender as condições de formação de leitores, assim como, as redes de sociabilidade estabelecidas em torno do trabalho, da família e dos movimentos sociais e religiosos.

Pretende-se dispensar atenção a essas categorias de análise no decorrer deste estudo tendo em vista o que os dados revelarem sobre os aspectos já mencionados. Outros fatores, que por ventura se mostrarem importantes nas trajetórias de formação de sujeitos adultos com escolarização irregular e extemporânea, serão também considerados.

Tendo por base o trabalho de LAHIRE (1997) sobre o "sucesso" escolar nos meios populares buscou-se, neste trabalho, analisar um conjunto de fatores, que interligados, conformam a formação de leitores. Dessa forma, ao longo da coleta e análise de dados procurou-se identificar, na trajetória de formação de cada sujeito, uma rede de condicionantes que determinaram as características das atuais práticas de leitura. É objetivo, deste estudo, no entanto, apreender a configuração de fatores que vêm conformando a formação de leitores.

As pesquisas sobre o letramento, sobre as práticas de leitura e a formação de leitores, observadas neste trabalho, tendem a ater seu interesse sobre certos públicos, como mulheres, professores, crianças, e na maioria das vezes, os sujeitos são pertencentes de camadas populares. Esses estudos contribuem ainda para a compreensão de estratégias construídas por indivíduos das camadas populares para possibilitar ou garantir sua inserção no mundo da escrita. No entanto, esses mesmos estudos indicam meios para se fazer outros questionamentos sobre a noção de práticas de leitura e sobre os fatores que constituem o processo de formação de leitores.

Considera-se, neste estudo, a noção de leitura a partir do desenvolvimento de um conjunto de práticas perceptíveis na construção dos perfis que permitem afirmar que os sujeitos em questão são leitores. As estratégias de utilização e manuseio do material escrito são diversificadas e constituem um conjunto de investimentos que cada um dos sujeitos funda em sua própria condição de leitor.

A noção de leitura ou de práticas de leitura, é determinada pelas singularidades de cada um dos sujeitos ao desenvolver estratégias para a realização dessa prática cultural em seu cotidiano. A leitura ganha, portanto, um significado diferenciado daquele utilizado em estudos sobre leitores com uma inserção mais forte e sistematizada no mundo da escrita. Dessa forma, a leitura e as práticas desenvolvidas pelos sujeitos ao longo de sua trajetória de formação, assim como os percalços para a sua realização, ganham, talvez, um novo significado: o significado atribuído pelo conjunto dos sujeitos para as práticas culturais de leitura desenvolvidas junto à família, à escola, no ambiente de trabalho, nos movimentos sociais e religiosos.

Sendo assim, as principais perguntas que esta pesquisa pretende responder são: Como sujeitos adultos com escolarização irregular e extemporânea se formaram como leitores? Que fatores, ou que configuração de fatores, vêm conformando a formação desses leitores? Qual o papel da escolarização, ainda que irregular e extemporânea, no processo de formação desses leitores?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS

A escolha dos sujeitos desta pesquisa pressupõe alguns critérios: sujeitos com práticas atuais de leitura diversificadas, o objetivo de leitura de cada um dos sujeitos, a idade e as condições de escolarização. A questão de gênero não era, em princípio, um determinante para a escolha dos sujeitos, mas tendo em vista trajetórias de formação que apontavam para diferenças palpáveis e significativas entre as práticas de leitura de homens e de mulheres optei por analisar a trajetória de formação de dois homens e de duas mulheres.

Os sujeitos desta pesquisa são indivíduos adultos, com idade entre 32 e 55 anos. Todos eles se inseriram no processo de escolarização em idade regular (entre sete e oito anos de idade) e, por diversos motivos, dele se afastaram e retornaram na tentativa de alcançarem a conclusão do Ensino Fundamental e/ou Médio.

Apesar do termo oficial dessa modalidade de ensino ser Educação de Jovens e Adultos, trataremos aqui da formação de adultos como leitores que vivenciaram um processo de escolarização irregular e extemporâneo. A opção por restringir a discussão ao caso dos sujeitos adultos deve-se à consciência de tratar-se de universos distintos entre si.

Segundo OLIVEIRA (1999) não é apenas a faixa etária (a condição de “não-crianças”) que caracteriza o aluno da Educação de Jovens e Adultos. Há também, uma especificidade cultural que determina um “grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea”. O público alvo da educação de jovens e adultos é composto, geralmente, por pessoas procedentes de áreas rurais, com baixo nível de instrução, trabalhadores não-qualificados (p. 2).

No interior desse grupo há diferenciações entre o jovem e adulto que exigem procedimentos também diferenciados. O adulto é:

geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não-qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito freqüentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo” (OLIVEIRA,1999:2).

Nesse mesmo trabalho, a autora caracteriza o jovem como também excluído da escola, mas ligado ao mundo urbano, à sociedade letrada e “incorporado aos cursos supletivos em fases mais adiantadas da escolaridade, com maiores chances, portanto, de concluir o Ensino Fundamental ou mesmo o Ensino Médio” (p.2).

Portanto, essa opção por pesquisar a formação de adultos como leitores justifica-se por serem sujeitos que trazem consigo “uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas” (OLIVEIRA, 1999: 4).

A seleção dos sujeitos foi feita em uma escola tendo em vista um dos recortes da pesquisa: a escolarização irregular e extemporânea. Decidi por realizar a pesquisa com alunos do Projeto de Ensino Fundamental – segundo segmento (doravante PROEF II). Esse projeto é integrante do “Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG – da Alfabetização ao Ensino Médio”³ (PEBEJA/UFMG). Atende a jovens e adultos com discrepância no processo de escolarização em relação a idade e série.

A forma de inserção dos alunos nesse projeto se dá por meio de uma prova escrita sobre conhecimentos nas áreas de Português, Matemática, Ciências, História e Geografia em uma primeira fase. Na segunda etapa da seleção, os candidatos passam por uma entrevista em que relatam um pouco de sua história de vida e de escolarização, e também suas intenções ao retornar aos estudos.

Concomitante a etapa de escolha dos sujeitos uma professora da Faculdade de Educação⁴ realizava uma pesquisa com alunos da “turma 18”⁵ do PROEF II. Durante a coleta de dados dessa pesquisa tive acesso a algumas informações que indicavam a presença de alunos nessa turma com percurso escolar irregular, práticas diversificadas de leitura, idade acima de trinta anos e o lapso de tempo sem frequentar a escola igual ou superior a dez anos. A realização de duas pesquisas de diferentes campos de estudo com o mesmo grupo de sujeitos é vista, neste trabalho, como uma possibilidade de ampliação da análise desse público da Educação de Jovens e Adultos.

Aliado a esses fatores era de fundamental importância para a análise dos dados que os sujeitos tivessem um envolvimento maior com a leitura e uma inserção mais sistematizada no mundo da escrita.

Tendo em vista a análise de trajetórias de formação de leitores, optei por selecionar alunos que estivessem cursando a última etapa do processo de escolarização no PROEF II por acreditar que tais alunos teriam um

³ O Programa de Educação básica de Jovens e Adultos da UFMG – da Alfabetização ao Ensino Médio, atende a jovens e adultos com defasagem no processo de escolarização. Engloba três projetos distintos e interligados: Projeto de Ensino Fundamental – primeiro segmento – coordenado pelo Centro de Alfabetização Leitura e Escrita da FAE/UFMG; o Projeto de Ensino Fundamental – segundo segmento – coordenado pelo Centro Pedagógico/UFMG e o Coltec coordena o Projeto de ensino Médio.

⁴ FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Reminiscências

⁵ No PROEF II as turmas são nomeadas pela sequência de entrada no curso, ou seja, essa era a décima oitava turma do projeto desde sua fundação.

envolvimento maior com a escrita. A coleta de dados, no entanto, foi realizada quando os sujeitos cursavam o Ensino Médio no Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos da UFMG (PEMJA/UFMG) que mantém as mesmas características de atendimento que o PROEF II.

No princípio dos trabalhos, a idéia era desenvolver a pesquisa com todos os alunos da "Turma 18" pois a intenção era construir uma espécie de mapa das trajetórias de formação, ou seja, havia a pretensão de apresentar traços comuns presentes na formação de leitores adultos com esse perfil de escolarização. Realizei então uma entrevista semi-estruturada com catorze alunos para coletar dados sobre sua trajetória de vida e de formação⁶. Nessa etapa, privilegiei a busca de dados mais gerais como origem familiar, condições sócio-econômicas, formação escolar e profissional e preferências de leitura.

Ao concluir as transcrições das entrevistas elaborei uma narrativa contendo informações mais relevantes da trajetória de cada um dos sujeitos. Essa narrativa permitiu um novo olhar sobre os perfis de formação. Havia uma singularidade entre os sujeitos se se levar em consideração o tipo de escolarização e as formas de inserção no mundo da escrita. Com exceção de um aluno, todos freqüentaram escola formal em idade regular e nela concluíram o primeiro segmento do Ensino Fundamental. outro traço comum é a precoce inserção no mercado de trabalho para ajudar no orçamento familiar e/ou para aprender uma profissão. Entretanto, havia uma grande variedade de dados em relação ao contato e utilização do material escrito a que cada um dos sujeitos tinha acesso. Outro ponto que apontava para essa diversidade eram os objetivos e os significados que cada dos sujeitos atribuía à leitura e a sua utilização no cotidiano.

A partir da elaboração e análise desse texto contendo informações gerais sobre cada um dos sujeitos selecionei, então, casos em que a leitura estava presente de forma significativa durante a trajetória de formação do sujeito e fosse possível vislumbrar os fatores que vêm conformando essa formação.

⁶ A turma 18 era composta por dezessete alunos, três não foram encontrados por terem interrompido o processo de escolarização e a escola e os colegas perderam o contato com esses alunos.

Foram escolhidos, portanto, quatro sujeitos sendo dois homens e duas mulheres. Conforme já foi mencionada a questão de gênero não foi decisiva na escolha dos sujeitos. Os dois sujeitos do sexo masculino vieram do interior de Minas Gerais a mais de vinte anos e as mulheres são naturais de Belo Horizonte. Cada uma das trajetórias apresentava uma característica peculiar o que dificultou a escolha daqueles sujeitos que teriam a trajetória analisada com maior profundidade. Procurei selecionar trajetórias de formação em que fosse possível visualizar os fatores que vêm conformando a formação como leitor.

O primeiro sujeito a ser escolhido foi Cezarina por estar envolvida em movimentos comunitários e religiosos e por sua leitura estar mais voltada para as atividades de inserção política e social. O segundo sujeito escolhido foi Antônio Carlos por apresentar uma prática de leitura voltada para questões de sua profissão tendo por objetivo principal manter no emprego. A escolha do terceiro sujeito considerou a participação da família na formação de leitores e a trajetória de Sara apresenta com maior ascendência a participação da família, especialmente de sua mãe, em sua formação. O quarto sujeito é Antônio Geraldo que apresenta uma prática de leitura mais restrita em relação aos outros sujeitos. Essas trajetórias foram selecionadas porque constituem uma amostra significativa da formação dos alunos da "turma 18" e, com certeza, da maioria de alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Assim que foram determinadas quais trajetórias seriam analisadas na segunda fase da pesquisa fiz uma leitura cuidadosa de cada uma das entrevistas. Apropriar da história de vida de cada dos sujeitos e iniciar um processo de análise, mesmo que rudimentar, foi fundamental para estabelecer relações entre os fatores presentes em cada perfil que podem contribuir de alguma forma para a formação desse leitor. Simultaneamente, procurei fazer uma revisão bibliográfica de trabalhos que já tivessem tratado da análise de formação de leitores, de trajetórias escolares e sobre a Educação de Jovens e Adultos, dentre eles, LAHIRE (1997), VIANA (1998), DIAS (1999), PANIAGO (2000) e RIBEIRO (1999). Essas leituras orientaram a elaboração de questões que deveriam ser levadas aos sujeitos nos encontros seguintes.

Nessa segunda fase da pesquisa foram realizadas mais duas entrevistas com cada um dos quatro sujeitos em sua residência para que se pudessem perceber as formas de tratamento do material escrito pelo sujeito e por sua família. Nenhum membro da família, amigo ou companheiro de trabalho foi entrevistado para garantir, neste trabalho, a opinião dos sujeitos sobre sua própria formação. Apesar disso, algumas pessoas participaram das conversas de forma espontânea como foi o caso do marido de Cezarina e da mulher de Antônio Carlos. A esposa e os filhos de Antônio Geraldo participaram da entrevista quando solicitados por ele. No caso de Sara tentei conversar com sua mãe para obter mais dados sobre as leituras realizadas em família, mas Sara não conseguiu agendar nosso encontro.

Essas entrevistas tiveram por objetivo complementar a coleta de dados e esclarecer alguns equívocos de interpretação da pesquisadora a partir da primeira conversa. Para equacionar esses equívocos levei a narrativa elaborada a partir da primeira entrevista para que cada um lesse e avaliasse a veracidade das informações além de acrescentar informações aos dados já coletados. Nessa fase aproveitei para explicitar com maiores detalhes os objetivos da pesquisa e os motivos pelos quais cada um foi escolhido. Esse procedimento foi adotado por acreditar que os sujeitos teriam melhores condições de expor fatos e experiências de vida que melhor ajudariam a compreender sua trajetória de formação como leitores. Sendo assim, o perfil de cada dos sujeitos apresentados neste trabalho nos capítulos seguintes mostra a fala de cada um sobre seu próprio processo de formação. É evidente nos perfis que a pesquisadora filtrou as informações mais relevantes para a análise de uma configuração de fatores que vêm conformando a formação desses leitores ao longo de sua história de vida.

As entrevistas tiveram por objetivo fazer com que os sujeitos falassem sobre seu próprio processo de formação na medida em que apresentavam fatos relacionados ao processo de escolarização, à inserção no mercado de trabalho e as estratégias utilizadas para nele se manter, as relações interpessoais provocadas pela leitura sejam elas familiares, comunitárias ou políticas.

As entrevistas foram semi-estruturadas para orientar o trabalho da pesquisadora. Na maioria das vezes esse roteiro foi utilizado como garantia de não deixar para trás nenhuma questão uma vez que os sujeitos relataram com desembaraço e suscitaram um amplo leque de questões não planejado pela pesquisadora. Outro cuidado durante as entrevistas foi o de procurar entender até que ponto era possível adentrar a intimidade de cada um dos sujeitos. A necessidade desse cuidado foi explícita por Sara ao me receber no alpendre de sua casa as três vezes em que lá estive. LAHIRE (1997:76) nos alerta para tais cuidados:

... uma parte do trabalho (da profissão) de entrevistador consiste justamente em limitar o máximo possível os efeitos de legitimidade através de sua participação ativa na entrevista e ofuscando sua pessoa em prol da palavra e da experiência dos entrevistados.

Essa preocupação em respeitar a subjetividade de cada um dos sujeitos e seu posicionamento em relação a sua participação neste trabalho fez com a entrevistadora, muitas vezes, percebesse a necessidade de fazer outras questões mas preferisse permanecer com os dados apresentados pelo sujeito, mesmo que tais dados fosse considerados superficiais. Há um limite entre a necessidade da pesquisadora de avançar nos questionamentos sobre a história de vida dos sujeitos e o ponto em que o entrevistado responde com frases evasivas que deixam margem para inúmeras interpretações. Cabe ao entrevistador perceber esse limite, respeitar a intimidade de seu colaborador para construir um trabalho pautado no respeito mútuo e na ética.

CAPÍTULO II

SARA⁷

"leio muito"

Sara Alexandra tem 36 anos. É magra, tem estatura média, pele morena, cabelos lisos e pretos. É uma pessoa agradável ao conversar e tem bom relacionamento com os companheiros de escola. Diferencia-se dos outros sujeitos, e até dos colegas de escola, por gostar muito de ler. Acredita que o gosto pela leitura foi um "vício" transmitido pela mãe. Não gosta de estudar e só retornou aos estudos, segundo ela, porque o mercado de trabalho estaria exigindo escolaridade até o segundo grau e/ou curso de computação. Desde que se casou, há cerca de vinte anos, Sara está fora do mercado de trabalho. É dona de casa.

As entrevistas: restrição de informações

Sara preferiu que as entrevistas fossem realizadas em sua casa porque não podia chegar mais cedo ao Coltec, como os demais entrevistados. Foram realizadas três entrevistas que tiveram duração de pelo menos uma hora e meia cada. Quando Sara soube que tinha sido escolhida para fazer parte da segunda fase da pesquisa, prontificou-se a colaborar, mas, principalmente na primeira entrevista, limitou-se a responder ao que era perguntado. Ao final da

⁷ Os quatro sujeitos da pesquisa, Sara, Cezarina, Antônio Geraldo e Antônio Carlos, concordaram em manter o próprio nome neste trabalho. Os nomes de parentes e amigos são nomes fictícios.

primeira conversa, e nas duas seguintes, mostrou estar um pouco mais à vontade para contar sua história.

Na primeira visita à casa de Sara, fui recebida por Tiago, seu filho mais velho, que me acompanhou do portão até o alpendre da casa onde sua mãe me esperava. A entrevista foi realizada no mesmo local onde fui recebida. Tudo estava muito limpo e arrumado. No terreiro de chão batido não havia uma folha ou cisco espalhado e, segundo Sara, Tiago é o responsável pela limpeza do terreiro e dos cuidados com a cadela.

Além de Sara, estavam presentes Tiago e uma senhora a quem não fui apresentada. Tiago esteve em casa durante todo o tempo, não participou da entrevista ou sequer interrompeu nossa conversa. Não foi preciso que a mãe lhe pedisse para buscar a irmã na escola. Ao retornarem, a filha - Laura - cumprimentou a mãe e a mim. Os dois entraram e assistiram televisão na sala ao lado do alpendre.

Na segunda entrevista, Sara me recebeu, novamente, no alpendre da casa enquanto costurava junto com duas de suas irmãs. Nessa época, ela e as irmãs tentaram montar uma confecção. Mais uma vez limitou-se a responder as questões e em boa parte da conversa deu continuidade à costura, o que prejudicou a gravação. Apesar desses contratemplos, o objetivo da entrevista foi alcançado.

Tive dificuldades para agendar a terceira entrevista com Sara porque, segundo ela, estava procurando emprego e poderia ser chamada a qualquer momento. Nesse dia, a casa de Sara apresentava características diferentes daquelas das primeiras entrevistas. O terreiro estava cheio de folhas, a mesa do alpendre empoeirada. Ela justificou o estado da casa ao informar que os filhos estavam de férias e ela estava passando por uma crise de depressão. Essa conversa foi bastante proveitosa na medida em que complementou informações e acrescentou dados às outras entrevistas.

É preciso esclarecer aqui um pouco mais a respeito das primeiras impressões da pesquisadora em relação ao comportamento de Sara nas entrevistas. Ao limitar-se a responder com frases curtas e às vezes imprecisas ao que lhe era perguntado, Sara estabeleceu um limite em relação ao que a pesquisadora poderia saber sobre sua vida e sua trajetória de formação. Sara

mostrou-se, na verdade, cuidadosa ao responder as questões limitando-se a falar pouco. Essa foi uma característica que a diferenciou dos outros sujeitos que, a partir de uma questão, suscitavam outras, ou mesmo acrescentaram dados tão relevantes para a pesquisa quanto aqueles formulados pela pesquisadora.

Por que ela foi escolhida para fazer parte do grupo de sujeitos que teriam sua trajetória de formação analisada? Essa escolha se deu a partir do momento em que Sara nos relatou a origem de seu envolvimento com a leitura. Quando ainda criança, a mãe fazia com que ela e os irmãos lessem antes de dormir.

Nenhum outro membro da família ou amigo de Sara foi entrevistado. Segundo ela, sua mãe contribuiu, significativamente, para sua formação como leitora; por isso, a entrevistadora tentou agendar, após a primeira entrevista, um encontro com ela no intuito de apreender os motivos que a levaram a se tornar leitora e a criar nos filhos o hábito de ler. Além disso, esse encontro poderia ajudar muito a entender melhor as tramas familiares e suas contribuições para a formação de leitores. Segundo Sara, porém, a mãe não poderia ir ao nosso encontro.

Casa e bairro: família unida

Dona Estela e o Senhor José Gregório, pais de Sara, tiveram seis filhos: um homem e cinco mulheres. À exceção do irmão, que mora no Barreiro, a família de Sara vive no bairro Santa Mônica desde que seus pais se casaram. É um bairro residencial, na região da Pampulha, em Belo Horizonte. As ruas têm infra-estrutura característica de um bairro urbanizado: ruas asfaltadas, iluminação pública, redes de água e esgoto implantadas. Os moradores contam, segundo Sara, com linhas de ônibus que conduzem a outras regiões da cidade.

De acordo com Sara, ela e as irmãs decidiram continuar morando nesse mesmo bairro para estarem próximas à mãe e porque ainda oferece boas

condições de segurança e tranquilidade para a vida em família. Informou, ainda, que o bairro tem um bom comércio que atende às suas necessidades diárias de consumo. O fato de morarem todas as mulheres da família no mesmo bairro facilita o empréstimo de livros entre elas.

A rua em que Sara mora é, aparentemente, tranqüila. Vi poucas pessoas transitarem por ela. No entanto, altos muros parecem mostrar o cuidado com a segurança, ou mesmo com a privacidade.

A casa de Sara (alugada) tem um grande muro na frente e foi construída no fundo do terreno. Algumas árvores frutíferas entre a casa e o muro conferem ao espaço um ar interiorano, silencioso, capaz de transmitir uma tranquilidade pouco comum na capital. A presença de árvores não impediu que o terreiro estivesse muito limpo nos dias de minha visita, mais especificamente nas duas primeiras visitas. Não conheci o interior da casa porque as entrevistas foram realizadas no alpendre que dá acesso à sala da casa. Como me senti uma intrusa, não insisti por conhecer o restante da casa. Foi possível notar que a casa tem, além do alpendre, uma sala com jogo de estofados e uma estante com aparelho de televisão e alguns enfeites. Há, na estante, uma parte fechada onde supostamente são guardados livros como a enciclopédia que Sara afirmou possuir. Conta com dois quartos e mais um cômodo onde, segundo Sara, dorme um irmão de seu marido. Há um banheiro na área de serviço que fica ao lado da cozinha. Segundo ela, a família tem a intenção de sair do aluguel e comprar uma casa ou apartamento no mesmo bairro.

A família (de origem) de Sara: "... lá em casa todo mundo lê muito"

Os pais de Sara são naturais de Jaboticatubas, cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte. A vinda para a capital aconteceu quando ainda eram jovens e solteiros. A mãe de Sara, dona Estela, veio, aos quinze anos de idade, com os pais e os cinco irmãos. Seu pai, senhor José Gregório, mudou-se sozinho.

Segundo Sara, o seu avô materno comprou, em Belo Horizonte, algumas casas para alugar e os tios arranjaram emprego. Sua mãe, única filha, não podia sair para trabalhar, como boa parte das mulheres da época. Durante alguns anos o avô manteve atividades no interior e na capital. Pouco tempo depois, vendeu as terras em Jaboticatubas e passou a viver apenas em Belo Horizonte.

Dona Estela tem 56 anos, estudou até a quarta série do Ensino Fundamental, ainda em Jaboticatubas. Na infância e na juventude ajudava a mãe nos afazeres domésticos e lia para passar o tempo, uma vez que seu pai não permitia que trabalhasse fora de casa. Sara comenta o que sua mãe costuma contar sobre esse tempo:

... e ela me contava que ela levantava cedo ... mas cedo mesmo... arrumava casa... enquanto ia arrumando a casa, ia fazendo almoço, pra ficar lendo o dia inteiro.

Segundo Sara, dona Estela era uma católica fervorosa até aceitar o convite insistente de uma vizinha para participar de um culto na Congregação Cristã do Brasil⁸. Durante esse culto, fez um pedido a Deus: que seu marido arranjasse emprego. Contou para Sara ter ouvido a voz de Deus dizendo-lhe que, se se convertesse àquela religião, o marido arranjaría emprego. Ao chegar em casa, após o culto, resolveu que mudaria de religião se o marido conseguisse trabalho no dia seguinte. Como o marido conseguiu o emprego, dona Estela cumpriu a promessa. O marido e os filhos também passaram a freqüentar a Congregação Cristã do Brasil, com dona Estela.

Dona Estela, segundo Sara, é costureira e dona de casa, e nunca trabalhou

fora de casa. Apesar de preferir a leitura do noticiário policial dos jornais, lê qualquer texto a que tiver acesso: livros, revistas, jornais. Sempre leu muito e, antes de casar-se, tinha a companhia de sua mãe, que também gostava de ler. Sara caracteriza a mãe como leitora, ao dizer: "Minha mãe... ela é igual

⁸ Congregação Cristã do Brasil é um ramo do Protestantismo, que, segundo Sara, tem preceitos rigorosos quanto ao modo de comportar-se, vestir-se, enfim é uma religião que proíbe a seus seguidores a participação em festas não ligadas à religião e os meios de comunicação de massa são utilizados apenas para atender aos interesses religiosos.

eu... ela lê tudo... até hoje... tudo... jornais, livros, revistinha em quadrinho... tudo ela gosta de ler”.

A mudança de religião contribuiu para que essa prática se intensificasse por não permitir que assistissem televisão, ouvissem músicas além dos hinos da igreja, se divertissem como outras pessoas, indo a festas.

Quando os filhos eram crianças, dona Estela os colocava para ler à noite, antes de dormirem. Segundo o relato de Sara, todos liam o material oferecido pela mãe: *... lá em casa a gente brigava pra ler... minha mãe comprava muitas revistinha... a gente lia tudo que era livro...*

Sara não acredita que sua mãe a tenha colocado, assim como aos irmãos, para ler apenas com o intuito de ocupar o tempo ou por causa das exigências da igreja, uma vez que ela sempre gostou de ler e, quando estava lendo, parecia desligar-se do que acontecia a sua volta. Enquanto os filhos liam, dona Estela, segundo Sara, também fazia suas leituras, prática que só era interrompida quando alguém começava a discutir por querer trocar o material de leitura. Sara relata que:

...aí, ela parava de ler quando a gente começava a brigar... porque... tipo assim... eu acabava de ler... eu queria ler aquela lá que o meu irmão estava lendo e ele não me emprestava, aí... ela ia pra parar a briga.

A prática de leitura de dona Estela, com certeza, influenciou a formação de Sara como leitora, uma vez que julga ter aprendido a ler mais rápido por causa das leituras que fazia em casa junto com a mãe e os irmãos. Acredita que a mãe tenha transmitido aos filhos o gosto e o hábito de ler, de ler com frequência e de ler materiais diversificados:

Acho que a gente foi pegando... ela lia, entendeu, aí... a gente ia crescendo e ia pegando o hábito também, aí... lia também, porque ela... quando ela pegava alguma coisa pra ler... podia conversar com ela... que ela nem respondia, aí... a gente indo atrás também lendo.

Dona Estela e as filhas têm o costume de trocar material de leitura, de forma que todas lêem o livro que uma delas consegue emprestado. Atualmente, segundo Sara, dona Estela não tem trocado muitos livros com as filhas porque segue, rigorosamente, os preceitos religiosos que proíbem a

leitura de romances espíritas, textos que as filhas têm lido com mais frequência, ultimamente.

O senhor José Gregório, pai de Sara, veio para Belo Horizonte na mesma época que dona Estela, para trabalhar. Segundo Sara, os dois se conheceram em Jaboticatubas, casaram-se pouco tempo depois que mudaram para Belo Horizonte e continuaram morando na capital. Três anos depois do casamento, o senhor José ficou desempregado e teve dificuldades para arranjar outro emprego. Atualmente, segundo Sara, seu pai é aposentado e trabalhou como vigia noturno, durante toda sua vida profissional. Converteu-se à religião da Congregação Cristã do Brasil na mesma época que a mulher, influenciado por ela. Abandonou a religião, segundo Sara, há mais ou menos vinte anos, por causa do uso do cigarro e da bebida alcoólica, que são proibidos pela igreja. Quando sente necessidade de rezar, segundo Sara, procura uma igreja da Congregação para fazer suas orações.

O senhor José Gregório, assim como dona Estela, também tem o hábito de ler. Sara não tece longos comentários sobre as leituras do pai, mas afirma, com veemência, que o pai também "tem o hábito de leitura... lá em casa os dois, né"?

Contava histórias para os filhos quando eram crianças e Sara fez questão de esclarecer que o seu pai lia as histórias e não as inventava:

O pai era mais... assim... de contar história pra nós. Era um tipo de livro... quer ver?... acho que chamava "As mais belas histórias"⁹... tinha... tinha... essas histórias antigas... aí é tantas... é tudo... assim... do livro (grifo nosso).

Ao falar sobre seus irmãos, Sara faz questão de dizer o quanto cada um gosta de ler e que, com exceção do irmão, todas trocam livros freqüentemente: "aqui em casa todo mundo tem o hábito de... de ler... então fica... roda aqui... roda lá... vai na minha mãe... vem aqui, vai na casa dela"

[referindo-se a uma das irmãs]. O que Sara chama de roda é a forma que encontrou para caracterizar essas trocas de livros que acontecem entre as irmãs, a mãe, uma cunhada de Sara (irmã de seu marido), que também mora próximo a sua casa, vizinhas, patroas e algumas amigas de escola.

⁹ Trata-se de livros utilizados pela escola para ensinar a ler da autora Lúcia Casasanta.

Antes mesmo de aprenderem a ler, todos já participavam das práticas familiares de leitura, ouvindo ora as histórias lidas pelo pai, ora as leituras da mãe. O tipo de material que liam na adolescência e na juventude não foi definido por Sara que afirmou que o importante é estar lendo sempre.

A irmã mais velha de Sara, Carla, tem 38 anos, é casada, tem dois filhos. Atualmente, segundo Sara, montou uma loja em sociedade com as irmãs Zélia e Ana. Nessa loja vendem roupas e artigos para presentes. Interrompeu os estudos na quarta série do Ensino Fundamental para trabalhar. Sara afirma que a irmã gosta muito de ler e participa das trocas de livros realizadas pelas mulheres da família.

Pedro o único irmão de Sara, tem 37 anos e é casado. De acordo com Sara, estava cursando o primeiro ano do Ensino Médio, quando surgiu uma oportunidade de emprego em Rondônia, cidade em que morou por algum tempo. Também gosta de ler, mas não participa das trocas de livros realizadas entre as irmãs e a mãe porque a distância entre sua moradia e as das irmãs não permite que tenham contato freqüente. Esse foi o motivo apresentado por Sara para justificar a não participação do irmão na roda de livros. Talvez, fosse possível afirmar que os textos veiculados entre as mulheres da família estejam próximos do que se pode chamar de leitura feminina, como é o caso dos romances espíritas, fazendo com que o Pedro não tenha mostrado interesse em lê-los.

Das irmãs mais novas que Sara, Zélia é a quarta filha, é casada e tem 32 anos. Segundo Sara, gosta de ler e participa da roda de livros. Interrompeu os estudos no primeiro ano do Ensino Médio para casar-se. É sócia de Carla e Ana na loja.

Márcia, ou Duca, como é carinhosamente chamada por Sara, é a quinta filha, tem 28 anos e é casada. Interrompeu os estudos na quarta série do Ensino Fundamental. Retornou ao processo de escolarização em 1997, no supletivo do Centro Pedagógico e, em 2001, concluiu o Ensino Médio no Coltec. Segundo Sara, Duca voltou a estudar a convite do marido de Zélia, que já estudava no Centro Pedagógico e, como gostava da proposta da escola, fez o convite à cunhada. Duca também faz parte da roda de livro entre as irmãs e a mãe.

Ana é a caçula da família, com 24 anos de idade e é também casada. Gosta de ler, segundo Sara, e participa da roda de livros. Interrompeu os estudos na quarta série do Ensino Fundamental porque sempre fora muito doente. Segundo Sara, um problema nos músculos não permitiu que desse continuidade aos estudos.

A família (atual) de Sara: “deixa eu ler aqui... calma... só mais uma página...”

Aos vinte e um anos de idade, Sara casou-se com João , branco, católico, policial civil. Segundo ela , João tem trinta e cinco anos de idade, é natural de Belo Horizonte e não pratica nenhuma religião. Sara chegou a dizer que “ele também é de Deus”, para justificar o envolvimento do marido com a religião.

A família de João , segundo Sara, é católica e segue os preceitos religiosos. O marido afirma freqüentar a igreja, mas ela afirma não ter conhecimento dessa prática. Comentou que costuma conversar com ele sobre a necessidade de procurar por Deus devido ao grande risco que corre na profissão. Sua fala mostra que os hábitos religiosos do marido são diferentes dos seus:

Diz ele que freqüenta [a igreja católica]... diz ele...que eu falo com ele: 'você nessa profissão perigosa... só conta comigo e sua mãe pra orar pra você... você não está nem aí... você deita e nem um Pai Nosso você ora', aí... ele fala comigo: 'engano seu...eu vou lá na igreja da delegacia'... Ah... então... eu nem estou sabendo que isso existe, diz ele que tem... numa delegacia lá tem uma capela... diz ele que vai lá... diz que dá esmola pros pobre... diz que faz isso... faz aquilo... falei: 'então se é... é com ele pra lá'... eu não sei, né?

Deixa claro que não percebe no marido ações que mostrem seu envolvimento com a religião. Mas prefere acreditar que esteja rezando e buscando proteção de Deus porque, se ele afirma que ela está enganada, não tem como fazer com que pratique a religião de outra forma. Sara parece respeitar não só a forma de praticar a religião do marido como também de

qualquer outra pessoa. Essa postura de Sara em relação aos diferentes costumes religiosos podem ser melhor compreendidos quando afirma:

que eu não gosto que fica gozando religião de ninguém, mesmo o tal macumbeiro lá... se ele acha que é ali que ele quer ficar... problema é dele [macumbeiro].

Com a afirmação acima, Sara mostra respeito à individualidade das pessoas ao escolherem uma religião para ser praticada e demonstra que cada um tem o direito de praticar a religião que melhor lhe aprouver. Apenas deixa perceber, em sua fala, um tom de desprezo pelo macumbeiro ao dizer que "o problema é dele", como se essa prática, para ela, fosse pouco recomendável.

Há onze anos João trabalha como detetive II na polícia civil. Durante a coleta de dados, a atividade profissional do marido sofreu algumas mudanças. No início dos trabalhos (maio de 2000), de acordo com Sara, ele tinha uma firma em sociedade com outro detetive, que prestava serviços de segurança para algumas lojas do centro de Belo Horizonte. De acordo com ela, essa era uma atividade que contribuía, de forma significativa, para o orçamento da família.

Em julho de 2002, Sara informou que:

Ele [referindo-se ao marido] distribuía os homens, né... pras loja... [...] que era muito assaltada. Também acabou... porque a polícia federal deu de cima... teve que parar.

Ou seja, o marido já não pode contar com essa fonte de renda como complemento para o orçamento da família. Talvez fosse esse o motivo de Sara estar tão ansiosa para conseguir emprego e poder contribuir de alguma forma com o orçamento da família.

Segundo Sara, o marido mudou muito depois que começou a trabalhar na polícia civil, parece não ter mais sentimento em relação ao sofrimento de outras pessoas e se preocupa o tempo todo em conseguir pegar bandido: "confunde muito, a polícia entrou nele". Afirma que se preocupa muito com o marido porque essa é uma profissão muito perigosa, em que está exposto a todo tipo de perigo.

Segundo Sara, o marido apóia seus estudos e faz questão que dê continuidade. Mencionou que, sempre que possível, compra jornais e revistas necessários à execução de trabalhos escolares dela e dos filhos. Em relação à sua prática da leitura, João parece não gostar muito que leia à noite. Em seu relato, Sara esclarece que a relação - esposa/livros/marido - não é tão bem aceita pelo marido:

Leio... deixo a luz acesa a noite inteira... ele dorme pra lá e eu leio... depois eu apago. 'Você vai ficar lendo isso aí... não vai me dá um beijo?...' depois... depois...[...] Por fim... eu: 'deixa eu ler aqui... calma... só mais uma página... só essa página', aí... ele fica esperando, aí... eu viro a página devagarinho, aí... ele: 'você virou, né...' aí, eu: 'só mais essa... só mais essa' [risos]... Aí... acaba dormindo...

Ao comentar sobre as leituras que o marido fazia para os filhos enquanto eram pequenos, Sara informa que ele não lia os textos, mas inventava as histórias. Sara compara as práticas de leitura de sua família com as práticas da família do marido:

Ah, o João foi criado mais assim...na... no lance... assim... de... pai dele... e tanto pai como a mãe dele... eles passou isso até pros neto... eles não tinha... não têm o hábito de ler... não... mas eles têm o hábito de inventar_leitura... sabe... [risos]... então, é assim... e assim o João fazia com eles... inventava também... é historinha... mas sem ler.

Para Sara, há uma distância significativa entre ler e contar histórias. Quando menciona as leituras feitas pelo pai quando era criança, faz questão de dizer que as histórias eram lidas de livro, citando o livro utilizado para esse fim. Ao comentar a prática de leitura do marido, destaca o fato de não ler os textos, mas de inventar as histórias. Essa posição de Sara mostra que a valorização do texto escrito que acontece em sua família, não ocorre na família do marido.

Atualmente, segundo Sara, João não lê por não ter tempo disponível para essa atividade. Conta que o marido lê e coleciona o noticiário de jornal que contenha informações sobre algumas de suas intervenções de policial:

O João ... ele tem muito pouco tempo... então... a hora que você vê ele lendo um jornal... no geral é jornal... que você vê ele lendo um jornal... você pode saber que ele está lá. Então... é uma coisa... é bandido que ele pegou, aí... o nome dele está lá... ele faz até coleção... Mas se não for isso... não.

Os filhos de Sara - Tiago com treze e Laura com dez anos - freqüentaram a mesma escola que a mãe freqüentou na infância. Na primeira entrevista, Sara avaliou essa escola como de boa qualidade, que atendia as necessidades que julga necessárias à formação dos filhos. Na terceira entrevista (julho de 2002), porém, Sara fez outra avaliação da escola. Afirma que não há exigências em relação ao aprendizado. Ao mesmo tempo que compara a escola de seu tempo de infância, aponta fatores que, na sua opinião, fizeram cair a qualidade da aprendizagem:

É... hoje está muito relaxado... a minha filha estuda lá... entendeu... não é aquele ensino bom... igual antigamente... se você tinha nota você passava... hoje em dia são A B e C e pronto... está bom... então... menino passa sem saber nada...

Para Sara a qualidade do ensino está diretamente relacionada à distribuição de notas para os alunos que souberem responder corretamente a uma prova. A responsabilidade do estudante estaria então vinculada não a seu compromisso com a escola e com o aprendizado, mas com a aquisição de notas e com o passar de ano.

Tiago, segundo Sara, cursou até a quarta série do Ensino Fundamental na mesma escola que a mãe. A partir da quinta série passou a freqüentar outra escola, também pública, em um bairro vizinho. Tiago está cursando, em 2002, a oitava série do Ensino Fundamental. Na avaliação da mãe, tem bom desempenho escolar e gosta de ler:

O Tiago... ele já é independente... né... ele mesmo cuida da parte escolar dele... em termos de pesquisa... essas coisa... tem um grupinho dele... e junta...

Laura, de acordo com Sara, está cursando a quarta série do Ensino Fundamental na mesma escola que Tiago. Como foi mencionado, Sara já não acredita que a escola ofereça um ensino de qualidade para a filha. Afirma que a filha não é responsável com os estudos e apresenta uma outra justificativa para o baixo rendimento da filha na escola:

Agora... Laura... Laura está meio preguiçosa... ela não pegou o ritmo não... Sabe por quê? Quando ela estudava à tarde... ela era bem mais ativa... passou pra de manhã... está meio fraca... ela ainda não pegou o ritmo de levantar cedo...

Laura, de acordo com Sara, ainda precisa das intervenções da mãe para que faça todas as tarefas escolares. É a própria mãe que relata o empenho que precisa fazer para que a menina estude:

... preciso ficar em cima porque... fala que é pouquinho... se deixar... meia noite... uma hora está fazendo... só olhando televisão... A Laura está me dando mais trabalho nessa parte.

Ao ser interrogada sobre as práticas de leitura dos filhos, Sara diz que:

O Tiago está pegando uns livrinho de adolescente lá... entendeu, aí... a Laura fica gozando a cara dele: 'ah... tem coração aí...' [risos] e ele: 'e, não é nada disso que você está pensando.' Aí... eu xingo ela... falo: 'oh, a leitura é dele... deixa ele ler... não tem que ficar intrometendo não.' Mas ele está mais interessado com leitura do que ela.

Ao mesmo tempo que avalia a leitura dos filhos, procura respeitar o gosto de cada um. Mostra, com esse respeito, que a leitura, para ela, é um ato subjetivo, particular, que outras pessoas não têm que dar palpites de como e o que se deve ler. Ao avaliar as leituras da filha, diz que:

A Laura é preguiçosa... ela quer que eu leio os livros que eu estou lendo alto... ou então conto a história do livro que estou lendo... entendeu.

Sara afirma ter aprendido a gostar de ler com a mãe que lia e oferecia material de leitura para ela e para os irmãos. O hábito de ler de dona Estela foi transmitido aos filhos sem que fosse preciso dizer-lhes que essa era uma prática importante ou que os ajudaria na escola. Conforme já foi mencionado, a mãe de Sara lia e os filhos adquiriram, com seu exemplo, o mesmo hábito. O mesmo não pode ser dito em relação aos filhos de Sara, uma vez que ela afirma que: "Pois é... agora comigo está diferente... agora comigo... eu prefiro que fica na televisão e me deixa ler... entendeu...".

Nota-se que Sara lê, mas não faz com que os filhos leiam, quer que a deixem quieta para que possa ler sossegada. Essa atitude exige um outro tipo de investimento para que os filhos leiam. Ela faz um discurso para que eles percebam que o hábito da leitura contribui para a formação, principalmente como leitores. Ao ser interrogada sobre as leituras feitas pelos filhos, apresenta os argumentos utilizados para convencer os filhos da importância da leitura:

Não. De vez em quando... eu falo com Tiago e com Laura: 'oh... vocês têm que ler', aí... o Tiago... já está pegando mais livro na escola. [...] Eu falei: 'oh... você está na oitava série... você tem que ler muito mesmo... pegar o hábito da leitura... e não ficar só nisso aí... nesse livro que você estuda não... pensa lá na frente...' E Laura eu já falo: 'oh... você está lendo muito mal... seu Português está horrível... pega uns livros na biblioteca pra você ler'.

Sara deseja que os filhos possam ter "uma vida organizada" e os orienta e apóia na escolha da profissão. Almeja que os filhos tenham condições de levar uma vida tranqüila tanto em relação às condições econômicas quanto no que diz respeito ao exercício mesmo da profissão. Não admite, portanto, a idéia de que o filho possa estudar para exercer cargo de delegado ou mesmo de juiz. Não quer ver o filho exercendo a mesma profissão do marido (nem mesmo profissões de áreas afins) porque já está com a saúde "danificada" de tanto preocupar-se com ele. Sara explica esse posicionamento:

Eu penso... assim... que eu não quero é preocupar com filho meu envolvido em polícia... igual preocupa porque... se marido meu... eu quase morro... imagina eu... sabendo que filho meu está entrando em viatura... está entrando em favela... em tiroteio... nem... [...] Se ele quiser ser... acho que nem juiz eu não quero que ele seja... porque ele vai condenar esses bandido, aí... vai ficar manchado... não... seja outra coisa.

Para a tranqüilidade de Sara, os filhos têm dito, segundo ela, que querem ser veterinários. Ela os encaminha para que escolham com cuidado a profissão possam ter condições de exercê-la com eficiência.

Afirma que não lhes impõe a prática de uma religião ou outra. Batizou os dois filhos na igreja católica para atender à família do marido que não admite que as crianças cresçam sem serem batizadas. Segundo seus depoimentos, os filhos não só foram batizados como também freqüentam a igreja católica, indo à missa e fazendo o catecismo.

No momento da última entrevista, Sara tinha presenteado Laura com um livro de catecismo da Igreja Católica, e justifica essa atitude dizendo que: "já que ela gosta muito de igreja, arrumei um livro pra ela de catecismo". A menina mostrou-me o livro com entusiasmo e disse pretender fazer a primeira comunhão ainda em 2002.

A prática religiosa de Sara, nos últimos tempos, tem sido variada. Quando sente necessidade de rezar, procura uma Igreja da Congregação Cristã do Brasil. Não gosta de ir à igreja sozinha, por isso os filhos a acompanham. Afirma ir à Igreja Católica junto com os filhos porque prefere prevenir e protegê-los de qualquer coisa ou pessoa. Sara justifica essa preocupação ao lembrar incidentes ligados à pedofilia que vêm acontecendo nas igrejas. Seu depoimento mostra esse cuidado com os filhos e, ao mesmo tempo, procura orientá-los para uma prática religiosa que não discrimine uma religião diferente da sua:

Vão... porque eu não gosto de ir sozinha, aí... eu gosto de levar eles. E outra... eu não deixo eles ir sozinho também... acaba que eu vou... entendeu... muitas história desse, né... tanto pastor como padre que... ah... morro de medo... ou alguém que está ali dentro, então... eu gosto sempre de estar perto... protegendo... quando não é eu é minha cunhada... se ela não vai... eu vou. E na minha também... porque quando eu preciso de ouvir um bocado a palavra de Deus... eu levo ela e ele... Eu explico, assim... que Deus é um só... que eu não sou a favor... é... esses trem de macumba... de centro de macumba... assim, aí... não... mas na católica tem Deus... na crente também tem... entendeu...

Os cuidados com os filhos fizeram com que Sara deixasse de trabalhar fora de casa. Deixou de trabalhar há mais ou menos treze anos, após o nascimento de Tiago. Atualmente, os filhos estão maiores. Ela pretende voltar a trabalhar para contribuir com o orçamento familiar.

Trajetória de formação de Sara: "... também está me ajudando...porque me estimulou mais... a ler".

Antes de entrar para a escola e de aprender a ler, Sara participava dos momentos de leitura com a família como ouvinte das histórias que o pai lia, ou ficava olhando os outros lerem. Nessa época, queria muito aprender a ler para fazer o que era comum entre os membros da família - ler antes de dormir. Sara lembra, com emoção, esse tempo em que não podia participar ativamente dessa prática familiar:

Quando eu não sabia ler... eu era doida pra mim aprender a ler... pra mim não precisar ficar olhando... todo mundo lendo, só eu não... eu era doida pra mim aprender a ler...

A trajetória escolar de Sara foi regular até a quinta série do Ensino Fundamental, quando interrompeu os estudos. Ela afirma que sua vida escolar foi tranqüila, apesar de nunca ter gostado de estudar.

Iniciou a vida escolar aos sete anos de idade. Parece que, para Sara, era muito importante o aprendizado da leitura logo na primeira série. Essa não era, talvez, uma exigência explícita da família, mas a prática da leitura em casa fez com que desejasse saber ler o mais rápido possível. Ao que tudo indica, saber ler significava poder participar efetivamente da comunidade familiar de leitores. Ela comenta sua ansiedade para aprender a ler e poder assim participar dos momentos de leitura junto com a família:

Quando eu entrei pra escola... eu ficava naquela ânsia pra aprender... pra aprender e, [...] aí, eu aprendi rápido... assim... acho que leitura me ajudou até desenvolver mais... pra aprender a ler... então... eu li os dois [lia na escola e em casa] aí... fica mais fácil...

Seu depoimento mostra a contribuição das práticas familiares de leitura para o aprendizado da escrita na escola. Ao dizer que leu "os dois", os textos oferecidos pela mãe e os oferecidos pela escola, aponta para uma diferenciação entre ler na escola e ler em casa. Mostra ainda que, em sua opinião, a leitura realizada em casa contribuiu para que aprendesse a ler de forma rápida e fácil. Em compensação, a escola garantiu, por meio do ensino do código escrito, sua participação ativa na comunidade familiar de leitores. São, portanto, instituições que lidam de modo diferenciado com a leitura mas, de alguma forma contribuíram para a formação da leitora Sara.

Sara não faz nenhum comentário sobre leituras feitas na escola ou de livros indicados por professores. Lembra-se com mágoa das leituras que teve que fazer em voz alta para a diretora da escola. Acredita que, atualmente, não consegue ler em público, ou mesmo em voz alta para os filhos, devido aos testes de leitura feitos na escola. Para Sara, esse foi um dos fatores que prejudicou sua formação como leitora:

Ah, parte horrível... acho que foi isso que me fez ler mais. A gente tinha... na época, a gente tinha... não sei se uma vez por mês... tinha

que ir lá na diretora, pra ler sem gaguejar... então eu ficava sofrendo até chegar esse dia.[...] Ah... que prejudicou... que eu achei... foi esse lance de ter que ficar lendo pra diretora. Eu... hoje em dia... eu não consigo ler em público.

Sara diz que "foi horrível" a experiência de ler para a diretora e, em consequência, disso não consegue ler em voz alta e em público. Ao mesmo tempo afirma que foi essa mesma experiência que a fez ler mais. Sara comenta ainda que lia em casa preparando-se para "ler sem gaguejar" para a diretora, mas não conseguia fazer os testes de leitura com a mesma desenvoltura com que lia em casa. Para Sara, as duas experiências se complementavam na medida em que se esforçava para obter bons resultados na escola. A escola, no entanto, parece não ter considerado essas leituras realizadas por Sara junto a sua família. Pelo menos, os depoimentos de Sara apontam para essa interpretação.

Sara diz que os alunos não tinham tempo na escola para prepararem a leitura do texto antes do teste. Nota-se que isso a deixava nervosa, ansiosa para mostrar suas habilidades de leitora. Faz-se necessário informar que, de acordo com os depoimentos de Sara, o preparativo dela para os testes era um investimento pessoal que a escola não previa em seu planejamento. Descreve, com segurança, alguns procedimentos da aplicação dos testes de leitura:

...na hora que tinha que ler... era assim... ia passando, eu começava... lia uma parte... meu colega lia... ia lendo até... E isso era um teste... se você não soubesse... você não passava de ano... se não lesse direitinho. [...] Agora, tinha um fato também, né... era aquele suplício... tinha que saber.

Não se recorda das notas que obtinha nesses testes, mas seu comentário mostra que não entendia os motivos reais que a faziam ler mal na escola:

Não, não lembro [referindo-se às notas]... que eu pensava... assim... 'ah, eu leio tão bem... eu estou lendo aqui em casa'... mas na hora lá... sempre dava, ficava nervosa.

Ler na escola tinha como único objetivo comprovar para outras pessoas, a diretora, por exemplo, que era capaz de decifrar códigos, o que era visto por Sara como "pressão psicológica". Em casa fazia leituras sem cobranças e exigências, apenas lia.

Para Sara, ler em casa era um ato que lhe garantia participação efetiva na comunidade familiar de leitores. Ou, dito de outra forma, fazer parte das práticas familiares de leitura significava ser membro dessa família, como se só por meio da leitura fosse possível integrar-se de fato ao grupo: lendo, trocando livros e conversando sobre os textos lidos. Na escola, de acordo com os depoimentos de Sara, entretanto, a leitura aparece como um esforço extraordinário para mostrar o que sabia decifrar para conseguir passar de ano.

Nessa mesma época, Sara freqüentava a Escola Dominical¹⁰ na Congregação Cristã do Brasil. Segundo ela, a pessoa responsável por ensinar os textos bíblicos para as crianças determinava um trecho da Bíblia para que estudassem durante a semana. No domingo seguinte, o grupo de crianças apresentava os versículos do texto estudado. As apresentações em voz alta de textos da Bíblia também contribuíram, na opinião de Sara, para essa dificuldade de ler em voz alta e em público, porque "detestava ler lá na frente".

Ao ser interrogada sobre lembranças de professores do tempo em que cursava o primeiro segmento do Ensino Fundamental, chama a atenção o fato de lembrar-se de uma professora de Matemática e de um padre que dava aulas de religião. Em sua fala nota-se um certo saudosismo:

Ah... eu lembro da professora Edna... de Matemática... adorava ela... e ela gostava muito de mim também... ela me dava esmalte... ela era doida comigo. Chegava em casa, minha mãe jogava tudo fora [risos].

Ah... o que eu não esqueço nunca... é... do padre que ia lá... dar aula de religião pra nós [...] então... ele colocava uns quadro pra gente ver... muito bonito, eu adorava ver aqueles quadro... entendeu... e através do quadro ele ia explicando... acho que era uma vez por semana.

Apesar de gostar tanto de ler, Sara não tem lembranças de leituras feitas na escola, de livros indicados por alguma professora e nem mesmo de ter ouvido a professora ler e contar histórias. O que ficou na lembrança da menina leitora foram os carinhos da professora de Matemática, que lhe presenteava com esmalte, e do padre que ensinava religião.

¹⁰ Escola Dominical é a denominação dos encontros realizados na igreja, aos domingos, para transmitir às crianças os ensinamentos bíblicos. Tem a mesma função do catecismo na Igreja Católica ou da Escola Sabatina na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

As lembranças de Sara de leitura praticadas por ela no tempo da escolarização, até a quarta série, apontam para contradições: primeiro, ela lembra com mágoa os testes de leitura para passar de ano em contraposição à satisfação, ao prazer com que conta as práticas de leitura familiares.

Outra contradição é o fato de ter se dedicado com tanto afincamento à preparação para os testes em casa e, apesar disso, não ter conseguido, segundo ela, bons resultados nesses testes. Não se dedicava, entretanto, aos estudos dos conteúdos de Matemática apesar de ter afirmado gostar desse conteúdo e da professora.

Uma terceira contradição que aparece nos depoimentos de Sara e que merece destaque diz respeito ao fato de ela ter gostado das aulas de religião lecionadas por um padre. Isso indica que, apesar de freqüentar a Congregação Cristã do Brasil, as aulas do padre conseguem chamar sua atenção e permanecem em sua lembrança. E talvez tenha gostado dessas aulas porque, a partir das imagens mostradas, o padre contasse histórias. Exatamente histórias que ela tanto ama ouvir.

O gosto pela leitura foi construído pela família. As entrevistas dão visibilidade a uma contribuição da escola para a formação de Sara como leitora: o ensino do código escrito. As práticas de leitura em família influenciaram o processo de escolarização, segundo ela, na medida em que aprendeu a ler mais rápido, com menos dificuldades.

Conforme mencionado anteriormente, Sara tem um histórico escolar regular e tranqüilo até a quinta série do Ensino Fundamental. Não teve repetência e pareceu que não tinha problemas com as notas porque a "escola exigia... tinha que saber". Seus depoimentos deixam claro que a escola "exigia", os alunos se empenhavam para atender às exigências das professoras e os pais mandavam que os filhos fossem para escola:

Pois é... era mais responsabilidade... a gente tinha... pai e mãe não ligava não... pra eles, tanto faz como tanto fez... mas a escola exigia... então... você tinha que ter aquilo ali... porque se você não fosse... [se a professora dissesse] 'ah, amanhã vou tomar os fatos'... se você não soubesse... você... aquilo pra você... ia ser assim... você ia te cobrar, entendeu... você não precisava pensar em pai e mãe não... porque eles não estava nem aí não... negócio de pai e mãe, naquela época... aquele monte de menino... era só mandar ir pra escola... mas

em termos, assim... de ensinar, de correr atrás, de buscar, não... então... era uma coisa, assim... que a escola exigia do aluno... e o aluno tinha que se virar.

O comprometimento com o aprendizado era, para Sara, uma questão pessoal e interiorizada de forma que cumpria as exigências da escola sem participação direta dos pais em sua vida escolar. Tudo indica que, para Sara, participar da vida escolar dos filhos, atualmente, implica ensinar tarefas, participar de reuniões na escola e esse procedimento não fazia parte do relacionamento de seus pais com a instituição escolar quando ela era criança. Entretanto, as leituras realizadas em casa por todos os membros da família, com certeza, foram uma efetiva contribuição no processo de escolarização, e mais especificamente no processo de aprendizagem do código escrito, sobretudo no desenvolvimento do gosto pela leitura. No entanto, Sara não considera essa prática cultural e familiar como participação dos pais em sua formação escolar.

Sara mostra em seus depoimentos que, na época em que cursou o primeiro segmento do Ensino Fundamental, a família delegava à escola o trabalho de ensinar as crianças a ler e escrever, os rudimentos da Matemática e noções de Ciências, História e Geografia. Cabia à família educar os filhos segundo uma ética religiosa e fazer com que freqüentassem a escola.

Sara não relaciona diretamente a leitura feita em casa junto aos pais com sua formação como leitora. Talvez esse hábito fosse tão natural na família que tornou-se, para ela, pouco relevante uma vez que eles apenas liam antes de dormir. Mas foi exatamente essa prática diária, esse hábito de ler antes de dormir que imprimiu em Sara, assim como em seus irmãos, o gosto e a necessidade de ler.

Está claro que dona Estela não precisava mandar que seus filhos lessem ou que estudassem, ela lhes ensinou com o exemplo. Ensinou a ler lendo para os filhos, lendo com os filhos, comentando os textos lidos. Os depoimentos de Sara a esse respeito apontam para uma prática cultural que foi se consolidando na família sem imposição ou cobranças.

A contribuição da escola no processo de formação de Sara se deu por meio do ensino do código escrito. Em outros termos, foi na escola que ela

aprendeu a ler e a escrever. Como já mencionado, Sara participava, indiretamente, das leituras em família antes de aprender a ler. Após a aquisição da leitura e da escrita passou a vivenciar essa prática de forma mais intensa e efetiva. Para Sara, a escola trouxe a garantia de participação no grupo familiar durante as leituras. Nota-se, em seus relatos, que a escola não conhecia essas práticas, ou, se conhecia, as desconsiderava no processo de ensino e aprendizagem. Ela mesma fala dessa contribuição: *...desde os sete anos... comecei a ler no grupo, eu já comecei a pegar embaló lá em casa...*

Apesar dos bons resultados na escola até a quinta série do Ensino Fundamental, de acordo com seus depoimentos, Sara resolveu interromper os estudos na adolescência¹¹. Abandonou a escola em outubro do ano em que cursava a quinta série.

Apresenta, pelo menos, dois motivos que justificam a interrupção dos estudos: precisava trabalhar porque a família era numerosa e porque queria "ter mais" coisas do que os pais podiam lhe dar. É ela quem conta os motivos que a fizeram interromper os estudos: "Ah, eu parei pra ir trabalhar...porque lá em casa era muitos filhos [...] aí eu resolvi parar".

Segundo Sara, a família numerosa permitia que os pais garantissem o básico, o que era estritamente necessário, como, por exemplo, alimentação, vestuário, material escolar. Não era, portanto, necessário que ela trabalhasse para contribuir financeiramente com orçamento familiar. Entretanto, quando começou a trabalhar, ajudou em casa pagando pequenas despesas como forma de contribuição com a família. O depoimento a seguir revela esse posicionamento de Sara em relação às condições econômicas da família:

Bom, é... é, a gente... a minha mãe comprava os material escolar... mas... inclusive, ela pagava minha passagem, entendeu? Quer dizer, eu trabalhei e ajudei em casa... porque... ajudava uma coisinha ou outra, comprava gás...

Logo a seguir, informa que resolveu parar com os estudos porque "estava querendo muito mais... queria roupa, queria... muito mais que ela [a mãe] não podia me dar". Quando questionada se esse desejo de "ter mais"

¹¹ Sara informa a idade em que interrompeu os estudos com pouca precisão, não tem certeza se aos onze ou doze anos.

tinha relação com a adolescência, responde, categoricamente: "É... por isso mesmo... que eu queria, eu estava na adolescência, tal...".

Aliado a esses motivos, conta que não gostava de estudar:

Não, eu ia muito empurrada. Não gostava, não. Pra eu ir, eu ia empurrada... chegava lá eu gostava, né... tinha esse lance que eu não estava pensando em sair não.

O fato de ir "empurrada" para a escola mostra que os pais, mais especificamente a mãe, se empenhavam para que os filhos freqüentassem a escola. Ou seja, Sara freqüentou a escola, enquanto os pais conseguiram fazer com que não faltasse às aulas. Esse investimento é reconhecido por Sara, que revela o que os pais disseram quando interrompeu os estudos: "Eles falaram que eu ia arrepender... que no futuro eu ia precisar... e hoje... eu estou vendo, né... a verdade".

Atualmente, Sara afirma sentir a falta que os estudos fazem por não conseguir se inserir novamente no mercado de trabalho. Sara interrompeu os estudos na adolescência para trabalhar. Vinte anos mais tarde tentou retornar ao trabalho e não conseguiu se recolocar, porque o mercado exige escolarização de nível médio e/ou curso de computação.

As tentativas de (re) inserção no mercado de trabalho a fazem retornar aos estudos para concluir o Ensino Fundamental. Como já tinha conhecimento do curso oferecido pelo centro Pedagógico da UFMG (CP), através do cunhado (marido de Zélia) e da irmã Duca, participou do processo de seleção no final de 1997.

Sara apresentou outro motivo que a fez escolher o CP para estudar:

Ah, assim...você com um diploma da UFMG, aí... é uma coisa garantida... que esses cursinhos que você faz lá fora... Acho que... vale mais lá na frente... né...

E completa dizendo que:

Era um curso mais... é... intensivo também... mais aprofundado, né... que esses outros cursos tem aí fora... tipo CESU... você... ou esses mesmo de Telecurso... você tem... você não tem base nenhuma... ah e

o CP... lá dentro tem bons professores, né... pra te orientar... pra você aprender mesmo... acho melhor lá.

Durante o curso no CP, freqüentava a biblioteca para realizar trabalhos escolares e retirar livros emprestados. Avalia que o retorno ao processo de escolarização contribuiu para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita:

A minha escrita... por exemplo... melhorou bastante... era horrível... melhorou bastante... eu tinha vergonha de... de... de assinar qualquer tipo de papel... na presença de outras pessoas. [...] A letra era horrível... e, assim... a escrita também... porque é... muitas palavra errada... agora eu não escrevo nada errado, nada sem acento, nada trocando letra... tudo certinho... já aprendi isso direitinho... porque eu adoro Português também, né... e... a leitura... também está me ajudando... porque me estimulou mais... a ler.

Conforme já foi dito anteriormente, Sara já lia com freqüência antes de retornar aos estudos, mas acredita que a escola a levou a ler mais. Afirma que, antes do retorno à escola, estava dedicando muito de seu tempo para a televisão e a leitura ficava em segundo plano. A escola, segundo ela, faz com que os alunos leiam mais na medida em que precisam realizar trabalhos e pesquisas escolares. Seu depoimento esclarece seu posicionamento em relação às contribuições da escola para suas leituras:

Eu já lia... mas andava meio preguiçosa... antes de... porque... na... na... depois que você se entrega televisão... você... você... não lê mais nada... e era o que eu estava fazendo... eu estava muito escrava de televisão, aí... tinha tempo que eu lia, aí... agora voltou o hábito de novo.

Os pais de Sara a apoiaram quando decidiu voltar a estudar e a incentivam a dar continuidade aos estudos. Principalmente, dona Estela a incentiva e consegue animar a filha quando ela se sente desanimada:

E agora que eu voltei... eles me dão a maior força, aí... de vez em quando eu fico com a minha mãe: 'ah, vou desistir... ah, não dou conta não... fico cuidando de casa e ainda tem que sair correndo...' ela falou: 'não... você não vai fazer isso... não... ela me dá maior força... e o marido também...

O marido de Sara também a incentiva nos estudos. Sara considera como "rebarba" os jornais e revistas trazidos pelo marido, à noite, da

delegacia e/ou da firma de segurança. Enquanto ela cursava o Ensino Fundamental, ele trazia exemplares de jornais e revistas para que lesse à noite. Quando precisava de algum material mais específico para a realização de tarefas escolares, ele sempre comprava, seja para os estudos de Sara ou dos filhos.

Ao concluir o Ensino Fundamental, participou do processo de seleção no Coltec para cursar o Ensino Médio, também em caráter supletivo. Sara avalia suas duas experiências escolares vividas na fase adulta:

...ah, e o CP... lá dentro tem bons professores, né... pra te orientar... pra você aprender mesmo... eu acho melhor lá.

Ah, eu acho que... algumas matéria... eu acho que... eu achava que... que os professores tinha que ser avaliado... pra saber mexer com esse tipo de aluno, entendeu... porque... é... uns exige muito, outros faz uma pressão psicológica... e... sei lá... você com uma idade dessa... você não... você está ali por precisão... você não... não está mais querendo sonhar com estudo nenhum... e... você tem que engolir aquilo ali... então... tem uma pressão psicológica danada... você não... acho assim... que devia ser preparado pra... lidar com esse tipo de aluno, entendeu...

Os depoimentos acima foram dados em momentos diferentes da pesquisa. No primeiro, Sara se refere mais especificamente aos professores do CP e, no segundo, aos professores do Coltec. No caso do Coltec, acredita que os professores precisariam de uma formação mais voltada para o atendimento das especificidades do aluno adulto, de modo que compreendessem as dificuldades inerentes à idade e àquelas provocadas pelo afastamento do processo de escolarização.

No momento da última entrevista, julho de 2002, Sara não estava mais estudando porque não conseguiu ingressar em um curso preparatório para o vestibular, por ser pago. Não acredita que tenha condições de obter sucesso se prestar o vestibular no final do ano, porque terá que concorrer com jovens que estudam regularmente desde crianças e em escolas de boa qualidade.

Quando iniciou o curso no CP, pretendia apenas concluir o Ensino Fundamental. Como surgiu a oportunidade de fazer o Ensino Médio, deu prosseguimento aos estudos porque “pensava em fazer o segundo grau... computação... pra mim ser caixa... isso aí eu não quero mais... não”.

Seu objetivo principal é poder se inserir novamente no mercado de trabalho e os certificados de Ensino Fundamental e Médio, na sua opinião, poderiam ajudá-la nesse empreendimento. Descobriu, durante esses cursos, que tem potencial para ir além nos estudos. Afirma que dará continuidade: *Aí, mudou... já ficou pra trás... que eu vi que eu tenho condições... que eu posso, aí... eu vou indo.*

Pretende prestar vestibular para o Curso de Ciência da Computação ou Fisioterapia, mas as condições financeiras não permitem que frequente um curso preparatório para o vestibular. Na data da última entrevista (julho de 2002) estava procurando emprego e afirmava que o investimento nos estudos fora em vão, uma vez que não consegue dar prosseguimento aos estudos e nem mesmo consegue trabalho. Seu comentário mostra decepção por ter investido tempo e esforços em um estudo que não lhe proporcionou o que mais queria - a (re) inserção no mercado de trabalho:

Ah... eu não gostava de estudar... eu nunca gostei não... eu voltei mesmo porque... eu estou até hoje procurando emprego... e de vez em quando eu ainda falo: 'pra quê eu fui estudar se até hoje eu não consegui arrumar um emprego?'

Ao que tudo indica, Sara investiu grandes esforços em seu retorno ao processo de escolarização. Em primeiro lugar, porque afirma não gostar de estudar, em segundo lugar, porque o longo tempo sem estudar trouxe dificuldades em relação aos conteúdos das disciplinas. Fazer um curso noturno, em tempo reduzido, significa estar buscando algo prático, com objetivos bem definidos, como no caso de Sara, para se inserir novamente no mercado de trabalho.

Para Sara, a disputa nos vestibulares é praticamente impossível de ser vencida porque estará concorrendo com jovens que frequentaram escola a vida inteira. E no mercado de trabalho já não tem experiência exigida para o trabalho tendo em vista as novas tecnologias presentes em seu ramo profissional: caixa em supermercado.

É compreensível sua decepção, uma vez que não consegue dar continuidade aos estudos por não ter condições financeiras para frequentar um curso preparatório para o vestibular. E não consegue se inserir no mercado de

trabalho novamente apenas com o certificado de conclusão de curso porque não possui a experiência exigida por este mercado.

Tempo sem escola: diversão e muita leitura

Em nenhum momento das entrevistas, Sara apresenta uma justificativa para não gostar de estudar, apenas afirma que nunca gostou. Conforme citação anterior, ela era obrigada a ir para escola. E, mesmo gostando de permanecer nela e executar as atividades ali propostas, não tinha vontade ou desejo de estudar.

Ao interromper os estudos, com onze ou doze anos mais ou menos, Sara começou a trabalhar como arrematadeira¹² de costura em uma confecção junto à irmã mais velha. Sara comenta sobre esse trabalho:

Eu comecei a trabalhar nas fábrica... com a minha irmã... de arrematadeira... ela era costureira e eu arrematadeira, onde ela ia ela me levava.... surgia uma vaga... ela me chamava... entendeu...

Nota-se que a irmã contribuiu para que aprendesse a profissão de costureira - uma das opções de trabalho que Sara tem atualmente. Afirmou que não quer voltar para o ramo da costura porque gosta de trabalhar no comércio.

Durante o tempo que permaneceu sem freqüentar escola, mais ou menos vinte anos, Sara trabalhava e procurava se divertir com as amigas. Afirma que o salário que recebia como arrematadeira era suficiente para cobrir os gastos pessoais, participar dos momentos de diversão e ainda contribuía com o orçamento da família. Esse divertimento estava, segundo ela, baseado em pequenas viagens, bailes e festas:

Viajava... pra, pra... pra esses interiorzinho de perto... Rio Acima... essa viagem mais perto... que você ia e voltava... é... saía pra barzinho... essas coisa...

¹² Arrematadeira é uma tarefa geralmente atribuída a iniciantes e/ou adolescentes, pois consiste apenas em aparar as linhas que sobram nas costuras. Dentro de uma fábrica é pouco qualificada e tem baixa remuneração.

O interesse por diversão que a igreja não permitia fez com que, aos poucos, fosse deixando de freqüentar a Congregação Cristã do Brasil, após o abandono da escola e de ter começado a trabalhar. Ter um emprego permitiu que pudesse comprar suas roupas, sair para passear e viajar com as amigas. Acreditava que, como os passeios a satisfaziam, não precisava se preocupar com estudos e com a participação na igreja. Ou seja, ela vivia as oportunidades de lazer e diversão a que tinha acesso sem se incomodar com o futuro. Ela comenta que:

A religião foi assim... eu comecei a trabalhar... comecei a comprar minhas roupa... aí... já foi... foi esfriando mesmo... porque eu achava que saindo com minhas colegas... vivendo o que eu estava vivendo... estava melhor do que ficar só indo à igreja.

Os depoimentos de Sara mostram que a igreja fazia exigências severas que não permitiam que aliasse diversão e prática religiosa, fazendo-a sentir-se presa:

... porque... é... nessa religião é muito assim... é... você não pode usar calça comprida... você usar short... você não pode beber... não pode fumar... não pode... não pode quase tudo... entendeu... e eu estava... assim... como se diz... doida pra sair... pra passear... pra divertir... e eu já não queria ficar só indo na igreja... na igreja... igreja... eu queria ir pra outros canto.

Afirma que, durante o tempo em que ficou sem freqüentar escola, continuou lendo. Não disse que tipo de leitura fazia nessa época porque sempre lê o material a que tiver acesso. E confirma a informação de que ler é uma prática constante entre os membros da família: "É constante... desde os sete anos... comecei a ler no grupo... eu já comecei a pegar o embalado lá em casa ... lá em casa é todo mundo..."

Entre os doze e os vinte e um anos de idade, Sara trabalhou em confecções, onde aprendeu a ser costureira. Trabalhou, ainda, em uma farmácia e em um hipermercado exercendo as funções de vendedora e/ou caixa. A profissão de costureira parece não ter atraído seu interesse, porque afirma que: *Ah... só tem costureira [na família]... só quebrando galho... minha área mesmo é comércio, caixa, vendedora.*

No momento desse depoimento Sara estava trabalhando como costureira junto a suas irmãs, mas já afirmava que só costurava enquanto não

conseguia outro emprego. E, ao final da coleta de dados, estava procurando emprego no comércio.

Leitura em família: "A gente vai pegando assim... rebarba"

Sara nasceu em uma família em que a leitura é um hábito cotidiano. Essa prática cultural está presente na família, segundo Sara, desde a geração da avó materna, que lia para ocupar o tempo. Ter a leitura como atividade para ocupar o tempo tem sido uma constante entre as mulheres da família de Sara. Sua avó e sua mãe, por exemplo, liam, na adolescência, com essa finalidade.

Conforme já foi mencionado, dona Estela, mãe de Sara, sempre gostou de ler e lê com frequência todo e qualquer tipo de material que chegue as suas mãos. Enquanto seus filhos eram pequenos, colocava-os para ler antes de adormecerem. O material de leitura, segundo Sara, era oferecido aos filhos de acordo com a idade e com as dificuldades do material.

Sara afirma que, espelhando-se na mãe, todos na família aprenderam a gostar de ler. A mãe lia muito e, enquanto estivesse lendo, não gostava de ser interrompida. Parece que colocava os filhos para ler como uma estratégia de controle, para que se mantivessem quietos. Ver a mãe lendo com tanto gosto fez com que ela e os irmãos também desejassem participar daquele momento mágico em que ela parecia ausentar-se, pois só interrompia suas leituras quando alguém brigava por um material.

O hábito da leitura diária, antes mesmo de aprender a ler e escrever, fez com que desejasse muito saber ler. Nota-se que, para Sara, saber ler significava poder fazer parte daquela família, ou daquela comunidade de leitores. Ao entrar para a escola, Sara logo aprendeu a ler e conta que a partir daí não parou mais.

Desde pequenos, Sara e os irmãos trocam material de leitura entre si. Quando eram menores, a mãe intermediava essas trocas, oferecendo outro

livro ou gibi. À medida que foram crescendo, não perderam o hábito da leitura diária e, como forma de obtenção de material, continuam trocando material de leitura entre si. Entre os membros da família, segundo Sara, somente Pedro não participa das trocas por morar distante das irmãs e da mãe.

Mesmo na adolescência e na juventude Sara e os irmãos liam e trocavam material de leitura entre si. Sara não conseguiu, no entanto, definir o período de sua vida em que mais tenha lido:

Ah... eu vou te falar, lá em casa a gente sempre teve o hábito de ler, lá em casa dava noite, cada um com um livro na cama, foi passando..., entendeu.

Não consegue categorizar o tipo de material de leitura que preferem ler, uma vez que lêem, com muita frequência, todo material a que tiverem acesso, como livros, revistas, jornais, material didático, impressos diversos.

Para explicar a rotatividade dos livros na família, Sara utilizou o termo "roda". Essas trocas parecem ter um caráter natural entre as mulheres da família por ser essa a forma que encontraram para estar sempre lendo. Ela informa que essa troca de livros já se constitui um hábito na família, pois começaram a trocar material de leitura quando a mãe ia trocando o material oferecido na medida em que terminavam de ler. Atualmente, costumam ler pelo menos um livro por semana.

Há outras pessoas que participam da roda de livros, indiretamente, como é o caso de algumas amigas que estudaram com Sara - Cezarina, Neusa, Orlanda e Luduvina - que lhe emprestam livros. Esses livros são lidos rapidamente para que todas possam ler dentro do prazo combinado para devolução. O mesmo acontece com as amigas de cada uma das irmãs, da mãe e da cunhada de Sara. Sara calcula que lêem, pelo menos um livro por semana. Deu exemplo de algumas estratégias utilizadas para conseguirem livros:

... minha cunhada está trabalhando na casa de uma senhora, aí... ela é enfermeira... ela cuida do marido dela. E essa senhora... ela compra livros, assim... todo dia... entendeu? E fora os que tem aí [referindo-se aos livros de uma colega de sala que estão em sua casa] aí... ela vai trazendo... eu vou lendo... eu vou entregando, então... está assim... muito corrido... muito em cima... Ela está me emprestando pra mim e pra Zélia, aí... o que eu estou lendo... acabei de ler entrego pra

Zélia... a Zélia pega o dela que ela terminou de ler e me dá, aí... até a gente entregar. [...] Zélia de vez em quando... também ela: 'ah... eu estou sem livro nenhum... você não tem?', ah... o que eu tenho aqui você já leu', aí... ela vai procura com as amiga dela: Dênia, a Elenice, tem uma outra dona, aí... que ela... ah, é tem a Marlete... tem a Márcia... ela procura lá eu falo: 'Me dá... pra mim ler também'. A gente vai pegando assim... rebarba. Ou então... antes dela entregar ela fala: 'Nó esse livro aqui é lindo... lê porque eu vou entrega...r. Então..., acaba sendo assim... se juntar tudo... vamos supor... eu pego com a Neusa... que pega com as amiga dela prá lá... minha irmã pega comigo... pega com as amiga dela que outra... e assim vai... multiplicando.

Atualmente, segundo Sara, elas têm priorizado nessa "roda" a leitura de romances espíritas que as ajudam a entender fatos da vida, a compreender as atitudes das pessoas, o sofrimento e a felicidade. Esses livros passaram a fazer parte da prática de leitura na família a partir das trocas que Sara fez com algumas colegas de sala. Ela afirma aprender com essas leituras a:

Ver a vida de outro... com outros olhos, né... [silêncio]. Você não... não ser tão prepotente... você entender a cabeça da pessoa..., você vê um crime bárbaro... por que essa pessoa faz isso, aí... você tenta entender... o pior psicopata que tiver... você tenta entender porque que ele é daquele jeito... ou então... a pessoa que está, assim... com aquele... com aquela doença.. nasceu com aquela doença... aquele alejão mais feio, aí... você entende tudo aquilo... porque... você não pode ter dó porque essa pessoa, aí... geralmente elas pedem pra vim assim... pra pagar uma coisa que elas fez em outra vida... entendeu.

Esses livros são emprestados de amigas e, às vezes, a irmã do marido de Sara compra um exemplar. Parece-nos que há uma compulsão por leitura e, quanto mais lê, mais aumenta a vontade e o desejo de ler, como ela mesma já nos indicou parece "um vício". Sara comenta sobre os pedidos da cunhada e da irmã:

A gente fica numa fomiagem... depois que começa a ler esses livro aqui [espíritas]. Igual a Neide [cunhada] falou: 'oh, Sara... você não tem mais desse livro, não?', eu falei: 'tenho uai...' que é os da Neusa que está aí... 'Me dá lá... não agüento ficar sem ler não', aí... Zélia de vez em quando também ela: 'ah... eu estou sem livro nenhum... você não tem?', ah... o que eu tenho aqui você já leu'...

Ao que tudo indica, as trocas são realizadas em curto espaço de tempo para que todas possam ter acesso a todos os livros. Dessa forma, o tempo que cada uma tem para ler um livro depende do prazo determinado para a devolução ao dono. Por exemplo, quando Sara consegue um livro combina a

data de devolução. Se esse prazo for de quinze dias todas as irmãs e mais uma cunhada de Sara farão a leitura do livro. Sara costuma, ainda, ler dois ou mais livros ao mesmo tempo porque:

... e pra mim não entregar ele sem lê... que eu já li lá... como é que ele é... como fala... lá atrás... aquele resumo... eu li e vi que é bom... então... eu leio os dois junto... eu tenho que entregar os dois junto... eu consigo ler... eu não entrego sem ler.

Algumas Considerações

Práticas de leitura: "...agora voltou o hábito de novo"

Alguns pontos da trajetória de formação de Sara merecem ser destacados. A influência da família em sua formação como leitora. O hábito de ler vem sendo transmitido de mãe para filha desde a avó materna de Sara. A leitura de dona Estela foi caracterizada por Sara como uma leitura para ocupar o tempo ocioso, uma vez que não podia trabalhar fora de casa e ao mesmo tempo em que se apressava para terminar os trabalhos domésticos e assim poder ler com tranquilidade.

Dona Estela "lê de tudo", segundo Sara, mas tem preferência por reportagens policiais. Consegue o material de leitura emprestado de amigas e vizinhas. Quando os filhos eram ainda pequenos, os colocava para ler junto dela. Essa atitude da mãe em relação à leitura formou nos filhos o hábito da leitura antes de dormirem. Os comentários de Sara a respeito das leituras de sua mãe apontam para a realização de uma leitura evasiva, em que procurava preencher o tempo com algo útil.

As leituras do senhor José Gregório são comparadas por Sara com as leituras de seu marido e da família dele. Ela faz questão de frisar que as histórias que o senhor José Gregório contava eram lidas de livros e não inventadas. Já a família de João tinha o costume de inventar as histórias. Sara comenta essa atitude do marido com os filhos, avaliando que os filhos preferem ouvir uma história do que ler um livro. Esse posicionamento de Sara

em relação às leituras realizadas pelas duas famílias mostra a valorização da leitura do texto escrito como forma de aprendizado.

Sara comenta a herança transmitida pelos pais e como valoriza esse hábito:

Ah... eu acho... que é até um vício... sabe? Não tem cabimento, não... ah... é bom pra tudo, né... estimula a mente... você fica... você escreve corretamente... você desenvolve mais em tudo...

Assim como Sara, seus irmãos também adquiriram o hábito de ler. Ao que tudo indica, dona Estela educou os filhos ensinando-os a ler sem fazer cobranças ou mesmo fazia com que se sentissem na obrigação de ler. Desse modo, a leitura, desde a mais tenra idade, constituiu uma forma de participação efetiva no grupo familiar. O material oferecido pela mãe aos filhos variava de acordo com a idade de cada um e com as dificuldades inerentes a cada tipo de texto: revistinha em quadrinho, jornal, revistas ou livros.

Atualmente, a família de Sara continua lendo e, para conseguirem material de leitura, acabaram por instituir uma comunidade de leitores. Para manter essa prática cultural, trocam entre si todo o material de leitura a que têm acesso.

Outro ponto que merece ser destacado nesse processo de formação é a experiência escolar de Sara. No início do processo de escolarização, parece ter sofrido com as diferentes formas de tratamento da leitura em casa e na escola. Os dados apontam para uma contribuição da escolarização para que pudesse se incluir no grupo de leitores da família na medida em que aprendia a ler e a escrever. Por outro lado, sofria ao fazer os testes de leitura para a diretora da escola, pois julgava não obter êxito nos testes apesar de se preparar em casa.

Que diferenças haviam entre as leituras realizadas em casa e na escola? Por que Sara julgava-se leitora incompetente por não conseguir ler sem gaguejar para a diretora, apesar de já ler com desenvoltura em casa? Essas questões não puderam ser melhor analisadas neste trabalho devido ao enfoque dado à análise dos dados. Precisaríamos de informações mais precisas sobre o processo de alfabetização, sobre a metodologia de ensino da língua,

assim como sobre a concepção de leitura em cada uma das comunidades de leitores em questão, a saber a escola e sua família.

A prática religiosa na Congregação Cristã do Brasil também contribuiu de forma significativa para a formação de Sara como leitora. Como a religião proibia que assistissem televisão, o tempo ocioso à noite era ocupado com a leitura em família. A igreja não impedia ou recomendava o material que poderia ser lido. Desse modo, conforme informações de Sara, dona Estela oferecia aos filhos todo o material a que tivesse acesso como revistas, jornais, fotonovela e livros diversos.

A retomada do processo de escolarização contribuiu para que Sara voltasse ao seu hábito de ler. Ela mesma informa que os trabalhos exigidos pela escola fazem com que leia mais e procure diversificar as leituras que vem realizando.

O retorno aos estudos mostrou a Sara suas possibilidades e suas habilidades para estudar. Ela pretende, após a conclusão do Ensino Médio, prestar vestibular para Fisioterapia ou para Ciência da Computação. Ela tem consciência de que precisará fazer um curso pré-vestibular, pois a concorrência para esses cursos é grande como, também, o número de concorrentes melhor preparados do que ela. Quanto a esses concorrentes, ela comenta que:

porque você vai fazer um vestibular, aí... você concorre com menino... que estudou a vida inteira... fez cursinho lá no Promove, tal... então... você não agüenta mesmo, não... então... [...] cai no meio daquelas pessoas que sabe mais ou que teve mais oportunidade.

O fato de ter feito o segundo segmento do Ensino Fundamental e o Ensino Médio em curso supletivo é um dos fatores que aumenta sua dificuldade na concorrência para o vestibular.

As práticas de leitura de Sara e de sua família constituem um hábito construído desde a infância e vem se conformando na medida em que continuam a realizar as trocas de livros e de todo impresso a que têm acesso. As amigas de escola de Sara passaram a fazer parte dessa roda de livros.

CAPÍTULO III

CEZARINA

"eu tinha aquele sonho"

Cezarina da Silva Almeida tem quarenta e três anos. De estatura baixa, não é magra, mas também não é gorda. Declara-se negra, tem cabelos crespos, "secos", segundo ela. É uma pessoa agradável, bem humorada e seu relacionamento com os colegas de escola é marcado por sua disponibilidade para conversar, ouvir as pessoas e até aconselhar. As condições econômicas dificultaram sua permanência na escola em diferentes momentos de sua trajetória. Trabalha como faxineira, em uma prestadora de serviços, na Secretaria Estadual da Fazenda. Suas práticas de leitura estão voltadas para as atividades comunitárias, tanto na igreja católica quanto na comunidade do bairro. Tentou várias vezes retornar aos estudos porque tem como sonho fazer um curso superior.

A entrevista: "é interessante... quando você... posso começar?"

Cezarina teve um comportamento diferenciado dos outros sujeitos logo na primeira entrevista. Quando expliquei que conversaríamos sobre sua

formação, sobre os fatos que a fizeram ser o que é hoje, ela começou a relatar, desde sua infância até os dias atuais, os episódios que julgava importantes para sua formação. Esse comportamento indicou sua disponibilidade e interesse em participar e colaborar com a pesquisa, pois os outros sujeitos esperavam que as perguntas fossem feitas por mim.

Foram realizadas três entrevistas com Cezarina, duas no Coltec e uma terceira em sua casa. As duas primeiras entrevistas foram realizadas momentos antes do início das aulas, em uma sala de aula. Durante essas entrevistas Cezarina, relatou seu processo de escolarização e fatos de sua vida que interferiram em sua formação como leitora. Cabe ressaltar aqui que ela destacou não só os fatos que contribuíram para sua competência de leitora, mas considerou uma formação geral, como participante ativa dos movimentos sociais na comunidade do bairro.

Ao chegar à casa de Cezarina, para a terceira entrevista, Edilson, seu esposo, me esperava no portão. Foi ele que, gentilmente, me acompanhou até o interior da casa, onde Cezarina se encontrava. Tudo estava muito arrumado e limpo. Logo que cheguei, Edilson disse para Cezarina fazer um café. Ela pediu que ele mesmo fizesse porque seu café era mais gostoso. Ele atendeu ao pedido da esposa, saiu até o portão e, ao voltar, nos chamou para tomarmos o café. Ao chegarmos à cozinha, Cezarina comentou que ele não tinha colocado o café na garrafa térmica e Edilson se justificou dizendo: "eu fiz o café... você não pediu pra colocar na garrafa". Esse diálogo é demonstrativo do tipo de relação entre Cezarina e seu marido. Logo no primeiro contato, nota-se certa dependência do marido em relação à esposa, que diz o que ele deve ou não fazer.

Pareceu-me ser uma das características de Cezarina a disponibilidade para colaborar com qualquer pessoa. No decorrer das entrevistas e ao analisar sua trajetória, nota-se que há algo maior por trás da simples disposição em poder ajudar. Contribuir para a realização de uma pesquisa sobre formação de leitores, para Cezarina, é uma forma de fazer parte do mundo acadêmico. É como se pudesse, através de sua colaboração com essa pesquisa, estar fazendo sua parte na formação de outras pessoas - inclusive na formação da entrevistadora. Esse desejo de contribuir com a pesquisa e o fato de já ter

sido alfabetizadora fizeram com que sua trajetória de formação pudesse ser analisada neste trabalho.

Cezarina afirma que a sua participação em movimentos sociais, religiosos e políticos muito colaboraram para sua formação como leitora. Edilson esteve presente durante toda a entrevista, participou em alguns momentos da conversa e em outros foi impedido pela esposa. Uma das cunhadas de Cezarina, e também vizinha, veio até sua casa pedir-lhe um analgésico e logo saiu para não atrapalhar o andamento da conversa. O filho mais novo de Cezarina teceu elogios à mãe, além de fazer alguns comentários sobre sua prática de leitura, quando o encontramos ao final da entrevista, em frente à casa de Cezarina.

Casa e bairro: Cezarina viu a comunidade crescer

Cezarina mora há vinte anos em Justinópolis, bairro de Ribeirão das Neves - cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Segundo ela, participou da formação desse bairro. Afirma ainda que, atualmente, a região cresceu muito e vem se transformando, tornando-se populosa e com altos índices de pobreza e de marginalidade. A rua principal e a praça da igreja são asfaltadas. As ruas adjacentes, inclusive a de Cezarina, são de terra e contam com iluminação, redes de água e esgoto. A casa é feita de alvenaria, tem seis cômodos (quarto, banheiro, cozinha, sala, cômodo para estudo e área de serviço).

Ao entrar na sala da casa, encontrei um ambiente propício para uma boa conversa. Em uma das paredes havia pequenos quadros que retratavam paisagens e/ou pessoas, certificados de cursos feitos por Cezarina e uma figura do "Preto Velho", personagem do candomblé. A maioria desses quadros foi herdada de dona Regina, uma vizinha de Cezarina que contribuiu para sua formação. O sofá estava encostado na mesma parede dos quadros. Em frente ao sofá, havia um aparelho de televisão antigo e outro de som, também antigo. Cezarina mostrou sua coleção de discos de vinil que costuma utilizar

para as reuniões e atividades que realiza na Pastoral do Negro. Ao final da entrevista, tocou um desses discos para que eu conhecesse um pouco mais do material utilizado por ela nas reuniões da Pastoral do Negro. O disco exibido por Cezarina trata da história do povo negro no Brasil: a vinda da África, a escravidão e a libertação.

A cozinha é ampla, contém os utensílios básicos como armário, geladeira, pia e uma mesa. Ao lado da cozinha, há um "quartinho" onde Cezarina guarda seus livros, apostilas e revistas, além do material utilizado na Pastoral do Negro e da Criança¹³. Este cômodo tem, aproximadamente, 2,40 metros quadrados e uma pequena janela. É o menor cômodo da casa, com uma mesa em um dos cantos, por cima da mesa, duas prateleiras e à frente da mesa, uma estante. Todo o material de leitura de Cezarina estava guardado nesse cômodo que ela denomina "quartinho". Informou que é nesse local que estuda e/ou se prepara para reuniões das pastorais:

...eu sento aqui pra estudar um pouquinho... quando sobra tempo... chego mais cedo... que às vezes não adianta... você chega... às vezes chego cansada... quando assusto... eu estou lendo... eu estou dormindo [risos]

Durante nossa conversa, ela fez questão de ir mostrando seus livros, apostilas e cadernos. Comentou várias vezes que estava precisando organizar aquele material para facilitar seu trabalho, porque às vezes procura por um texto e não consegue encontrar. Justifica a desorganização do material com a falta de tempo e diz que vai fazendo o que é mais urgente. Aponta as melhorias que já fez no "quartinho":

Olha... estou precisando organizar aqui em casa... tudo... estou precisando de uma estante... eu ia por uma... melhorar aqui... mas... [...] Já melhorou... porque isso aqui era tudo [livros] em cima de um tijolo... quer dizer então... que já melhorou...

O quarto e o banheiro da casa são cômodos amplos. A área de serviço é pequena e fica do lado de fora da casa, ao lado da cozinha e do quarto. À frente de sua casa, há um espaço onde um de seus filhos está construindo um barracão para morar com a família. O espaço restante do lote é aproveitado

¹³ Fazem parte desse material os produtos para confecção de peças artesanais como tesoura, miçangas, linha de nylon, agulhas etc.

com a plantação de uma pequena horta e de flores. Quem cuida dessa horta, segundo Cezarina, é um de seus cunhados que mora ao lado de sua casa.

A família (de origem) de Cezarina: "... ela não via as outras possibilidades"

A mãe de Cezarina era natural de Aranha, uma região rural localizada em Brumadinho - cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Segundo Cezarina, o local onde sua mãe foi criada não oferecia recursos para frequentar escola. Ela caracteriza esse local como um "grotão... lá não tinha condição nenhuma".

De acordo com Cezarina, sua mãe era negra, católica e frequentava "terreiro" de candomblé. Era dona de casa e lavadeira, atividade desenvolvida para complementar o orçamento da família. Frequentou escola por um ano, aprendeu a assinar o nome, e não utilizava a escrita em seu cotidiano. Cezarina afirma que a mãe não lhe ensinava a fazer os deveres de casa e não se lembra de tê-la visto lendo e/ou escrevendo alguma coisa.

Quando começou a estudar, Cezarina ganhou uma caixa de lápis de cor. Sua mãe a presenteou com um caderno e desenhou nele uma flor para que colorisse. Nota-se que frequentar escola era, para ela, um sonho que começava a se realizar. Cezarina relata esse fato com emoção e ressalta o incentivo da mãe para os estudos apesar de não saber ler e escrever:

... eu lembro até hoje... quando eu comecei a estudar... que foi a maior alegria... foi quando eu ganhei um lápis... de uma caixinha de seis... com seis lápis de cor pequenininho... você já viu? Não tem mais... né...com seis lápis... ah... um sonho... Minha mãe comprou um caderno... engraçado... ela não sabia... né...Estudar... ela não sabia ler direito... mas ela... eu lembro que ela fez uma jarra pra mim no caderno e desenhou uma flor... Achei a coisa mais linda do mundo.

Mais tarde, segundo Cezarina, a mãe toma uma atitude que, de certa forma, contradiz o incentivo dispensado no início do seu processo de

escolarização: não se importou quando a filha interrompeu os estudos. Ela justifica esse posicionamento da mãe dizendo que:

...minha mãe era muito... aquela dona de casa que só ficava mesmo... por conta de ficar cuidando de... lavando roupa pra fora... né... ela acha que se a vida da gente fosse assim... que depois eu casava... ia continuar só como empregada doméstica e pronto... ela não via as outras possibilidades...

Essa atitude mostra que, para a mãe de Cezarina, bastava aprender a ler, o que Cezarina já deveria saber na terceira série do Ensino Fundamental. Mas, como a mãe tinha pouco contato com o mundo da escrita, era aceitável, para Cezarina, que não visse possibilidades para a filha exercer outras funções além de ser empregada doméstica. Conta que a mãe dizia para o marido que a filha precisava aprender a ser dona de casa e ajudar nas despesas da casa:

... ela tem é que trabalhar... é bobagem... mulher ter que ficar... ficar estudando... estudar pra quê? Meu pai chama Edmundo... eu me lembro ela falava: 'pra quê, Edmundo, ela vai estudar? Ela tem mais é que trabalhar mesmo... pra ajudar'.

Para Cezarina, o fato de sua mãe não saber ler e escrever ou de não ter freqüentado escola eram marcas de "falta de cultura". Até que um de seus professores do Coltec¹⁴ a ajudou a perceber que, apesar de não saber ler e escrever, sua mãe tinha cultura, tinha um conhecimento que lhe possibilitava entender o mundo. No depoimento a seguir, ela mostra seu posicionamento e a opinião desse professor sobre cultura:

... apesar de ter uma boa visão das coisas... que minha mãe... umas leituras que eu ficava assim... assim... até boba... falava: 'gente... é minha mãe mesmo que está fazendo essa leitura'... aí... depois é que eu descobri... até numa fala do Eliano... em sala de aula... que eu falei que às vezes a pessoa não tem cultura... ele falou: 'não... Cezarina... alto lá... vamos separar o que é cultura... o que que é o saber... o que que é entender as coisas, né...'. E de repente... minha mãe tinha uma vasta cultura que era a leitura que ela fazia da própria vida.

Ao que tudo indica, Cezarina compreende as decisões da mãe ao incentivar que começasse a trabalhar logo cedo e abandonasse os estudos. De acordo com seus depoimentos, apesar de ela não ter adquirido os conhecimentos transmitidos e valorizados pela escola, de acreditar que a filha

¹⁴ Coltec, Colégio Técnico da UFMG, onde Cezarina cursava o Ensino Médio no momento das entrevistas.

não precisava estudar, possuía outros conhecimentos que possibilitavam uma visão do mundo e dos acontecimentos diferenciada do que a sociedade em geral valoriza. Para Cezarina, sua mãe "sabia pra vida... ela tinha muita percepção...".

Segundo ela , sua mãe foi casada duas vezes. No primeiro casamento teve onze filhos. Cezarina é a filha caçula desse casamento. Quando se separou, tinha seis meses de idade e sua mãe já estava grávida do segundo marido. Logo que saiu de casa, foi morar em Rio Acima junto com a mãe de seu novo marido. Voltou para Belo Horizonte e morou em um "cortiço" no Alto da Barroca. É a própria Cezarina quem define esse local:

... era um lote grande... de um senhor... que alugava os barracões... era... não era favela que falava naquela época... era cortiço... era um cortiço... a gente morava lá... hoje não é mais... hoje é... é um bairro elitizado...

Sua família viveu nesse "cortiço" até a venda do terreno por seu dono para a construção de prédios. Mudou-se, então, para o bairro Caiçara. Nesse novo endereço alugou um barracão que pertencia a uma tia de Edilson, atual marido de Cezarina. Foi nessa época que se conheceram e começaram a namorar.

De acordo com a entrevistada, alguns anos mais tarde, sua mãe comprou um lote (360 m²) em Justinópolis para pagar a prestação. Como não teve condições financeiras de concluir o pagamento das prestações, o vendeu para Edilson, então namorado de Cezarina. Edilson concluiu o pagamento e construiu uma pequena casa onde moram até hoje.

Segundo ela, mais tarde sua mãe e seu irmão Edmundo construíram um barracão no mesmo lote. Atualmente, moram no mesmo lote Cezarina e dois de seus irmãos - Catarina e Edmundo. E, conforme já mencionado, um dos filhos de Cezarina está construindo um barracão na frente da casa de sua mãe. O marido de Catarina é quem cuida do espaço restante com plantação de hortaliças e flores.

Cezarina não conheceu seu pai biológico e não fez comentário algum em relação a ele. Comentou apenas que a mãe a levou consigo e deixou os outros filhos com o pai. Com nove anos de idade, mais ou menos, ficou sabendo que

o marido de sua mãe era seu padrasto e não pai verdadeiro¹⁵. Como foi criada por ele, continuou o considerando como pai.

O seu pai, senhor Adão, natural de Rio Acima, era açougueiro, católico e, como sua mãe, também freqüentava "terreiro". Conta que o pai estudou até a terceira série do Ensino Fundamental e sabia ler e escrever. Ao ser interrogada sobre as práticas de leitura e de escrita do pai, mostra que, além de lhe ensinar as tarefas de escola o pai utilizava a escrita para controlar as despesas do açougue. Afirma que:

Era... às vezes... na hora de ensinar o para casa... às vezes meu pai lia... ou às vezes... um problema de Matemática, né... que eu não sabia... ou então... meu pai... principalmente... ele trabalhava no açougue... nos apontamentos que ele tinha do açougue também, né... que ele anotava as dívidas... essas coisa.

O senhor Adão era proprietário de um pequeno açougue. Segundo ela, seu pai passou por dificuldades financeiras com os negócios, o que o fez passar de pequeno proprietário a trabalhador em açougue. Mais adiante, Cezarina conta que no final da vida o pai trabalhava em um açougue e não tinha boa situação financeira.

Segundo Cezarina o senhor Adão não aprovou a interrupção de seus estudos para trabalhar. Ela acredita que essa posição em relação aos estudos é diferente da opinião de sua mãe porque ele lia mais, tinha mais conhecimento.

Seus depoimentos mostram que os pais achavam que tinham "pouca cultura". Quanto a essa avaliação dos pais, afirma que: "eles não tinham... o hábito de ler jornal, revista... não tinha não... só escutava mesmo... assim... de vez em quando pelo rádio... né...". Afirma, ainda, que não sentiam necessidade da leitura e da escrita porque "isso passava despercebido... eles [os pais] tinham consciência que eles não tinham cultura, né...".

Cezarina tem um total de dezessete irmãos, sendo onze do primeiro e sete do segundo casamento da mãe. Ela não tem contato com os irmãos mais

¹⁵ Consideramos, assim como Cezarina, o padrasto como seu pai, por isso não mais utilizarei o termo padrasto.

velhos. Os irmãos mais novos moram perto dela, conforme já foi mencionado. Construíram suas casas no mesmo lote que Cezarina ou moram em bairros próximos ao da irmã.

Para caracterizar os irmãos de Cezarina, consideramos a posição de cada um deles no segundo casamento da mãe. Ela é a caçula do primeiro casamento e, como permaneceu com a mãe e foi criada como filha pelo padrasto, considera-se a mais velha do segundo casamento de sua mãe. Flávio é o primeiro filho da segunda família de sua mãe. Estudou até a quarta série do Ensino fundamental. Tem quarenta e quatro anos, é casado, tem dois filhos e mora em Justinópolis. É pequeno comerciante - dono de um bar.

Edmundo, segundo filho da família, tem trinta e nove anos, é casado e tem dois filhos. É funcionário público federal, presta serviços em um laboratório de análises clínicas, exercendo a função de digitador e no atendimento ao público. Concluiu o Ensino Médio - curso técnico em Contabilidade. Interrompeu os estudos no segundo período do curso de Direito da PUC Minas porque "não era o que ele queria". Edmundo gostaria de fazer o curso de Medicina. Fez inscrição para o vestibular de 2003 da UFMG e pretende cursar Psicologia. Ele era afilhado de dona Regina, uma vizinha da família, que o levou para morar em sua casa.

Mara, terceira filha da família, tem quarenta anos, é casada e tem dois filhos. Também mora em Justinópolis, vizinha à Cezarina. Começou a trabalhar ajudando a mãe nas lavagens de roupas a domicílio. Aos doze anos de idade começou a ajudar uma das patroas de sua mãe em seu salão de beleza, com quem aprendeu a profissão de cabeleireira. Atualmente, tem um salão de beleza em sua casa. Estudou até a quarta série do Ensino Fundamental e "está pensando em voltar" aos estudos.

Paula é a quarta filha da família. Tem trinta e sete anos, é casada e tem dois filhos. Mora em Justinópolis, no mesmo lote que Cezarina. Cursou o Ensino Médio - Magistério. Está cursando o Ensino Superior em Ciência da Computação em escola particular, na cidade de Pedro Leopoldo. Exerce funções de "sub chefia" no Cartório Eleitoral do município de Ribeirão das Neves.

Catarina é a quinta filha da família. Tem trinta e seis anos, é casada e tem dois filhos. Mora em Justinópolis, em um bairro próximo ao de Cezarina. Também trabalhou como lavadeira junto com a mãe, depois passou a trabalhar como operadora de caixa em frigorífico. Atualmente, é dona de um salão de beleza em sua própria casa. Cursou o Magistério, não exerce a profissão porque “tem trauma... não consegue falar em público...”.

Cássia é a sexta filha da família. Tem trinta e quatro anos e mora no bairro Lagoa. Interrompeu os estudos, de acordo com Cezarina, no segundo ano do Ensino Médio, logo após a morte da mãe. Já trabalhou como operadora de caixa e, atualmente, está desempregada.

Aline é filha de criação da mãe de Cezarina. Tem dezoito anos, está cursando o segundo ano do Ensino Médio. A mãe veio a falecer logo depois que tomou a Aline para criar e os irmãos deram continuidade a sua criação. De acordo com Cezarina, Aline mora com Cássia. Atualmente, está trabalhando no Cartório Eleitoral de Ribeirão das Neves ensinando os eleitores a votar. Esse trabalho, segundo seus depoimentos, é temporário e conseguiu a vaga com a ajuda da irmã Paula.

Nas palavras de Cezarina, sua família passou por dificuldades econômicas, recebeu ajuda de vizinhos e amigos. Ela destaca as irmãs dona Regina e dona Iara como pessoas que auxiliaram sua família nas questões financeiras e que também intervinham na formação das crianças, ajudando-as na realização das tarefas escolares.

Dona Regina e Dona Iara: “... essa senhora conversava muito comigo...”

Dona Regina e Dona Iara moravam ao lado de sua casa no Alto da Barroca. Cezarina e seus irmãos prestavam pequenos favores para essas senhoras, como buscar o leite e alguma encomenda em um armazém. Pelas lembranças de Cezarina, as duas irmãs eram idosas, professoras e trabalhavam pelo estado. Dona Regina pintava quadros em pequenas telas e,

por isso, era considerada por Cezarina como artista. Cezarina guardou alguns desses quadros e os colocou em uma das paredes da sala. São pequenos quadros que retratam natureza morta e cenas bucólicas.

Ela tece comentários que melhor caracterizam dona Regina:

... uma professora... uma senhora que trabalhava no estado... essa senhora já era mais de idade... mas ela ajudava... dava roupa pra minha mãe.[...] era preconceituosa... descendente de italiano e tal.[...]. era artista... e bordava... fazia de tudo [...] ela era muito idosa... ela já estava com setenta anos e a irmã com sessenta... mas eu nunca vi... assim... como velha... era uma pessoa vaidosa...

Os depoimentos de Cezarina sobre essas senhoras mostram que as relações entre elas e sua família eram marcadas pela diferença social, econômica e pelo grau de escolaridade. Nota-se essas diferenças nos favores trocados na vizinhança e, principalmente, nas orientações para a realização de tarefas escolares. Cezarina buscava ajuda de dona Regina para a realização de pesquisas escolares e também quando seu pai não conseguia lhe ensinar as tarefas diárias da escola.

Conforme já foi mencionado, Cezarina teve conhecimento que o marido de sua mãe era seu padrasto e foi decidido que ela deveria sair da casa de sua mãe. Essa decisão foi explicada da seguinte forma:

... eles falava assim: 'você vai sair daqui de casa porque ele não é seu pai e ele pode até te fazer mal'... usava o termo fazer mal, né... 'pode fazer alguma coisa com você...vai sair e vai ficar lá'... aí eu fiquei morando.

De acordo com Cezarina, ela foi morar na casa de dona Regina para trabalhar e aprender a ser dona de casa. Nessa época interrompeu os estudos, quando ia cursar a terceira série pela segunda vez. Dona Regina reforçava a opinião da mãe de Cezarina dizendo-lhe que mulher não precisava estudar e que era preciso que ela (Cezarina) aprendesse a ser dona de casa. Essa era a explicação dada a Cezarina para que continuasse exercendo as atividades de doméstica sem sair da casa da vizinha. Em um de seus depoimentos, conta que dona Regina e sua irmã tinham estudado:

Ela [dona Regina] tinha estudado... contava a dificuldade que foi pra ela conseguir estudar... teve que trabalhar no colégio... fazia limpeza depois que as meninas... é... fazia... estudava, depois das aula

ela ia... fazia limpeza... depois é que ela ia dormir... ainda com lamparina.

Enquanto morou na casa de dona Regina, Cezarina, além dos afazeres de arrumação da casa, trabalhava cuidando de um cachorro que, segundo ela, era epilético, "batia leite na garrafa pra tirar manteiga", Recebia "uns trocadinho" pelo trabalho. Com esse dinheiro ajudava a mãe e comprou-lhe um móvel de copa de madeira.

Cezarina afirma ter aprendido muitas coisas com dona Regina, como a se comportar, a conversar e a respeitar os mais velhos. Os depoimentos a seguir mostram o quanto ela considera os ensinamentos da vizinha e o tempo em que morou e trabalhou em sua casa:

...e essa senhora conversava muito comigo... [...]. Ela me ensinou muitas coisas... principalmente... a questão de ver o velho... ela estava com setenta anos e a irmã com sessenta... mas eu nunca vi... assim... como velha... era uma pessoa vaidosa... então... aprendi um pouco com ela isso... e ela ensinava muito que o velho tinha muita sabedoria... e ela mostrava isso naturalmente... não é que ela chegava e falava muito do respeito que a gente tinha que ter com os velhos e... da sabedoria que tinha os mais velhos e me contava casos... a gente ria muito [...] o modo de conversar com as pessoas... ela corrigia muito a maneira de falar e tal.

Ao mesmo tempo em que considera positivamente o que aprendeu com essa convivência, Cezarina afirma ter sofrido humilhações que a fizeram se sentir tímida e incapaz. As conversas de dona Regina sobre História e Geografia tinham, segundo ela, caráter pejorativo em relação ao povo negro, ou seja, mostrava a supremacia do povo europeu sobre os outros povos.

... mas era muito exigente... ela me fazia chorar muito... era preconceituosa [...]. é interessante... eu morria de vergonha... eu me achava muito feia... por ser negra... muitas vezes ela punha apelido em mim... então eu ia agüentando isso tudo dentro da casa dela [...]. Contava uns caso da África... que eu ficava morrendo de vergonha... porque negro era porco, né... não tinha... não tinha nenhuma civilização... contava como se eles fossem os canibais...

Cezarina fala também do controle com a quantidade de alimentação e da falta de coragem para voltar para a casa da mãe:

... é... era muito arregada...[regrada] a questão de comida... essas coisa toda... Nossa Senhora... era uma loucura... as duas coisa junto e

me pôs assim... com muito medo... até de sair de lá eu não tinha coragem de sair... ao mesmo tempo ela me deixar tímida... eu sou uma pessoa tímida...

Conforme foi dito anteriormente, seu irmão Edmundo morava na casa de dona Regina e, segundo ela, podia estudar porque era homem. O comentário de Cezarina em relação a essa diferença de tratamento entre ela e o irmão mostra um sentimento de inferioridade por ser mulher que precisava trabalhar para auxiliar a mãe. Pareceu-me que dona Regina levou os irmãos para sua casa como uma estratégia de colaboração com a família de Cezarina no sustento e na educação dos filhos. Portanto, a diferença percebida por Cezarina, ainda na adolescência, indica, talvez, uma distinção entre os filhos do segundo casamento e Cezarina – filha da primeira união da mãe. Mas, indica, sobretudo, uma questão de gênero.

Os relatos mostram, portanto, que ela interrompeu os estudos por cautela da família em relação ao padrasto, para trabalhar e contribuir com o orçamento familiar. Na casa de dona Regina viveu momentos de humilhação em relação a questões de raça e de gênero. Cezarina comenta que, como dona Regina morava próximo à casa da sua família, não perdeu o contato com a mãe e os irmãos. Não faz referência sobre a frequência desse contato.

Como não podia freqüentar a escola, via nas conversas de dona Regina uma forma de instruir-se, uma vez que falava muito de História e de Geografia. Mais tarde, quando retorna ao processo de escolarização, “descobre” que o posicionamento de dona Regina, principalmente, em relação aos negros, era preconceituoso, por considerar o povo negro como “uns canibais... porco... sem cultura”.

Durante sua estada na casa de dona Regina, Cezarina lia os livros usados por ela para lecionar, em sua maioria, livros da área de História e Geografia. Isso nos leva a crer que era professora desses conteúdos. Lia enquanto tomava conta do cachorro. Faz questão de guardar esses livros e comenta:

Eu ficava lendo... lia muito... nossa... lia esses romances antigo... e tal. [...] Eu tenho lá em casa... um livro antigo... que agora não serve tanto que a história é contada de uma outra forma... completamente

diferente, né... "Viajando através do Brasil"... você já viu? [...] tinha um livro de Admissão¹⁶.

De acordo com Cezarina, quando resolveu voltar a estudar, dona Regina passou a esconder os livros e ela então lia às escondidas, à noite, com luz de lamparina.

A família (atual) de Cezarina: "... ele achava que estudar era invenção de moda".

O marido de Cezarina é branco, católico, tem 48 anos. Exerceu a profissão de pedreiro até os 38 anos quando teve um câncer no cérebro que o deixou inválido. Estudou até a quarta série do Ensino fundamental.

No início do casamento não permitia que ela estudasse, porque:

... ele achava, assim... que mulher tinha que ficar só dentro de casa... dando conta de tudo... estando trabalhando... mas era só isso. E ele achava... que estudar era invenção de moda. Era muito ciumento... e violento em casa.

Durante a fase crítica da doença, seu marido, de acordo com os depoimentos de Cezarina, foi levado para a casa de sua mãe para facilitar o transporte para as sessões de radioterapia. Ela comenta esse período de dificuldades e de retorno aos estudos:

O Edilson ficou... ficou mais ou menos... uns seis sete meses... ele ficou na casa da mãe dele... que era mais fácil pra fazer o tratamento... dependendo de remédio, aí... eu ia pro trabalho... do trabalho eu voltava... eu... eu ia na casa dele... aquela época ela [a sogra] morava no Caiçara... que era mais perto... dava banho... cuidava dele ... depois eu ia pra escola... chegava em casa era meia noite.

Nessa época, Cezarina já trabalhava como doméstica e/ou faxineira para ajudar a garantir o sustento da família.

¹⁶ Livro de Admissão era o livro utilizado pelo sistema escolar no período intermediário entre o término do primeiro e o início do segundo segmento do Ensino Fundamental. Este livro continha os conteúdos de todas as disciplinas em um único volume e era estudado pelos alunos no decorrer de um ano letivo para fazerem uma prova "de admissão" ao curso "ginasial".

Enquanto o marido doente permanecia na casa de sua mãe, resolveu retomar os estudos. Após o trabalho, cuidava do marido, em seguida se dirigia à escola para assistir às aulas no supletivo. Só via os filhos à noite e, na maioria das vezes, já os encontrava dormindo. Uma de suas irmãs e uma cunhada ajudavam a “dar uma olhada” nos meninos enquanto ela trabalhava.

Em setembro de 2001, o marido de Cezarina encontrava-se com a saúde estabilizada. Ela contou que “ele tem crises de loucura... às vezes... dá umas crises nele, assim... mas está bom”. O relacionamento de dela com o marido, presenciado na terceira entrevista, mostra que após a doença é ela quem cuida não só das despesas da casa como também é quem toma as decisões. Parece-me que o marido aceita as decisões de Cezarina e segue suas instruções no dia- a -dia. Houve uma inversão de papéis o que permitiu que Cezarina saísse de casa para trabalhar, estudar e participar das atividades da comunidade.

Atualmente, o marido incentiva os estudos da esposa colocando os certificados adquiridos por ela em quadros que fazem parte da pequena galeria de uma das paredes da sala. Durante a terceira entrevista, fez questão de mostrar-me os certificados de Cezarina - de conclusão do Ensino Fundamental e de um curso de segurança no trabalho - que ele mesmo mandou colocar na moldura. Edilson teceu pequenos comentários sobre os estudos da esposa e de sua participação na comunidade, mostrando seu apoio e satisfação ao vê-la conquistando diplomas: “Aqui o diploma dela. [...] mas eu guardo os diploma dela tudo”. Esses comentários foram curtos porque Cezarina o corrigia pedindo que não nos atrapalhasse, como ele a obedecia eu não insisti para que falasse mais.

O casal tem dois filhos: André, 21 anos, e Carlos, com 20 anos, na data de nosso último encontro. Ambos tiveram dificuldades nos estudos com várias reprovações.

As reprovações na escola foram causadas por dificuldades financeiras e pelo relacionamento com o pai, “sempre muito nervoso... muito violento... mesmo... dentro de casa”. Ao chegarem na adolescência, de acordo com Cezarina, desistiram de estudar para trabalhar.

Ela mostrou preocupação com o desenvolvimento escolar dos filhos dando conselhos, insistindo para que estudassem. Procurou também ajuda de psicólogo que a orientou que os “meninos naquele momento... precisavam de garantir a subsistência... e que mais tarde... voltariam a estudar”. Após ter insistido para que os filhos estudassem, sem obter êxito, resolveu voltar a estudar, apesar da rotina pesada daquele momento causada pela doença do marido e das dificuldades financeiras.

Em uma das entrevistas, afirmou que seu retorno aos estudos influenciou os filhos a voltarem a estudar. Estabeleceu com o mais novo uma espécie de disputa para ver quem se formaria primeiro.

O mais novo, Carlos, já concluiu o Ensino Médio no projeto “A Caminho da Cidadania” da Secretaria de Estado da Educação e pretende fazer um curso de técnico em Contabilidade. Quando as condições financeiras, permitirem, ele, segundo Cezarina, fará curso superior de Administração em Marketing.

No final da entrevista realizada na casa de Cezarina, fui apresentada ao Carlos que fez alguns comentários sobre a mãe e sobre suas práticas de leitura. Afirma que lê jornais e revistas para manter-se informado e poder participar das conversas no ônibus e no trabalho. É casado e tem uma filha. Trabalha em uma empresa de crédito como digitador e no almoxarifado.

De acordo com Cezarina, Carlos participa junto com ela da Pastoral do Negro através do desenvolvimento de atividades de capoeira com crianças carentes do bairro. Carlos lê, segundo sua mãe, textos sobre a capoeira e líderes negros para ter condições de dar continuidade ao trabalho com as crianças.

O filho mais velho, André, separou-se da esposa, tem uma filha. Trabalha em um açougue (não com o avô) e não encontra tempo para ler ou estudar. Cezarina acredita que assim que for possível retornará aos estudos. Durante nossas conversas, mostrou preocupação com o filho, com relação ao seu comportamento social, pois fez uma dívida que foi paga pela mãe e, recentemente, se envolveu em um incidente com a polícia (Cezarina não entrou em detalhes sobre este assunto. Optei por não interrogá-la sobre o incidente porque ela comentou rapidamente e com certo constrangimento).

Trajatória de formação de Cezarina: "eu me dou o direito de ter um hobby... que é estudar"

Cezarina, aos sete anos de idade, entrou para a primeira série do Ensino Fundamental, em uma escola pública municipal próxima à casa de sua família. Recorda-se de que na primeira série já juntava as letras, mas considera que tenha aprendido mesmo a ler na segunda série, "entre nove e dez anos de idade". Repetiu, uma vez a primeira e, outra, a segunda série.

Recorda-se com emoção de livros usados pela professora para ensinar a ler como "As mais belas histórias", de Lúcia Casasanta, e de poemas como os dois a seguir:

Menino luxento/você quer empada?

Não mamãezinha/está salgada.

Menino luxento/você quer pudim?

Não mamãezinha/está ruim.

Menino luxento/você não quer nada.

Menino luxento/pois tome palmada.

A rolinha fez o seu ninho/para os seus ovos chocar

Veio a cobra e os comeu./A rola pôs-se a chorar

Cala boca minha rola/que a cobra eu vou matar

Os ovos que ela comeu/ela há de me pagar.¹⁷

Lembra-se, ainda, das escritas que produzia na escola, do material utilizado, dos enfeites e da organização dos cadernos. Não tem lembranças do tipo de texto produzido na época em estava aprendendo a ler e escrever. Seu comentário mostra a emoção com que estudava:

Eu lembro... que eu fazia as composições... lembro até dos blocos que eu tinha... que a dona Regina... também ela punha decalque... a dona Regina e dona Iara... elas punham decalque pra mim... com florzinha... tudo organizadinho... e eu fazia algumas composições... agora lembrar do que eu escrevia... assim... do texto... assim... não lembro.

¹⁷ É proposital, os poemas aparecerem aqui exatamente como Cezarina os recordou.

Cezarina interrompeu os estudos na terceira série, aos onze anos de idade para morar e trabalhar na casa de dona Regina. Conforme já foi comentado, ir morar na casa de dona Regina foi estratégia de sua família (talvez da mãe e das vizinhas) para separá-la do padrasto e uma forma de a vizinha ajudar a família na criação dos filhos.

Aos treze anos de idade, manifestou para as vizinhas (agora patroas, pois recebia “uns trocadinho” pelo trabalho) sua vontade de voltar a estudar para completar a quarta série. Segundo seus relatos, dona Iara concordava que estudasse, mas dona Regina não permitia que Cezarina saísse sequer para ir à igreja. Quando completou dezesseis anos, resolveu retomar os estudos, em uma escola que oferecia a terceira e a quarta séries no turno da noite. Sua fala expressa o investimento feito para conseguir o que queria:

...eu fiz dezesseis anos, aí... eu bati o pé... eu falei: eu vou estudar... eu vou... tinha nessa época... tinha terceiro e quarto ano... eu entrei... à noite... à noite... aí... a irmã dela... com um frio danado... ia lá me buscar... elas tinha muita preocupação...

Parece que, apesar de dona Regina dificultar ou mesmo impedir os estudos de Cezarina, ela tinha cuidados com sua formação em outros campos além do escolar. Um indício desse investimento é o fato de ter ensinado Cezarina a comportar-se, a falar em público, a produzir peças artesanais de crochê e bordado, além da preocupação em levar e buscá-la na escola todos os dias para que não saísse de casa sozinha.

Dona Regina, segundo Cezarina, começou a discutir e a “implicar” por causa dos estudos, mas não desistiu de freqüentar a escola. Durante as aulas descobriu que tinha capacidade para conviver e se relacionar com outras pessoas. Os trabalhos realizados na escola junto com outros alunos permitiram que se sentisse mais valorizada. Afirma com emoção a experiência vivida nessa escola:

... mas aí... eu fui... assim mesmo... e consegui... com dezesseis anos concluí o quarto ano primário... me dei muito bem... lá é que eu comecei a me sentir mais gente... que eu comecei a ver as coisa que ela me ensinava... e a praticar... a exercitar... a conversar... quando eu chegava na sala de aula... eu ficava lá no cantinho... não falava nada... morria de vergonha, aí... fui... num trabalho de artesanato que eles pediram pra fazer crochê... e eu fazia crochê [...] quando teve um

trabalho, assim... comecei a ensinar as moças da escola, né... aí... elas que começaram a ver: 'nossa... mas que capacidade... nossa como é que você é bonita'... e eu me achava horroRegina... quando eu tinha dezesseis anos. Mas, aí... eu comecei: 'ah... nossa... é interessante... eu sou bonita... que coisa diferente...' mas eu me sentia... assim... um conhecimento muito grande... assim... muito grande entre aspas, né... pouco conhecimento de História...

As brigas e implicâncias de dona Regina, de acordo com Cezarina, foram aumentando e fizeram com que decidisse voltar para a casa de sua mãe. Ela conta essa decisão:

... ela começou a brigar muito comigo... um belo dia lá... eu falei: 'ah... eu vou embora... eu não vou ficar mais aqui... eu vou embora pra minha casa... eu já juntei minhas coisas toda... foi o primeiro dia que eu tive coragem de responder pra ela, aí... fui embora.

Tentativas de retorno aos estudos: "... foi uma loucura que deu..."

Ao voltar para a casa da mãe, aos dezessete anos de idade, Cezarina começou a trabalhar com o pai no açougue. Conta que o pai não tinha dinheiro para pagar-lhe um salário ou sequer podia pagar para que estudasse em uma escola particular. Retornou à escola noturna mais uma vez para cursar a quarta série, mas não deu continuidade.

Aos dezoito anos, conheceu Edilson, seu atual marido. Um ano mais tarde parou de estudar, porque o noivo era ciumento e não via necessidade de que ela estudasse. Casou-se aos vinte anos e ficou sem estudar "durante dez anos".

No início do casamento, enfrentaram dificuldades financeiras e no relacionamento. Para complementar a renda familiar, ela trabalhava como doméstica ou fazendo faxina em casa de família. O comentário a seguir mostra um pouco dessas dificuldades no relacionamento entre Cezarina e o marido, no início do casamento:

... ele já foi... não gostava muito... pra ele não podia estudar...nem nada disso... aí... parei de novo... parei uns tempos...tive

dois filhos... aí... comecei a trabalhar logo, logo que eu casei... tinha que trabalhar... muita dificuldade... aí... outro sofrimento... que ele era muito ignorante... muito mandão... olha eu dominada de novo... proibia tudo... não podia sair... não podia nem conversar com os outros... proibia até de ir na casa da minha mãe.

Ao ser interrogada sobre a posição do marido em relação a seus estudos e sobre o fato de não deixá-la sair de casa, emite uma resposta que, de certa forma, isenta o marido e transfere a responsabilidade para si:

... é... é... questão é... eu era muito submissa também, né... e ele era... assim... muito ciumento... Ele achava... assim... que mulher tinha que ficar só dentro de casa... dando conta de tudo... estando trabalhando... mas, era só isso... E ele achava que estudar era invenção de moda.

Mais adiante comenta que o marido fazia uso de bebida alcoólica, batia nos filhos ainda pequenos, fato que Cezarina acredita ter influenciado a trajetória escolar dos filhos que tiveram muitas reprovações na escola. Durante esse tempo, lia pouco porque as condições não permitiam que parasse de trabalhar para ler ou estudar. Mas comenta:

... mas esse tempo todo... eu não gostava de ver propaganda de escola... que eu sentia muita falta da escola... eu sentia um vazio muito grande... que eu tinha muita vontade de estudar... aí... eu sofria demais... nossa, como... mesmo depois que eu tive os menino... eu via... assim... gente, eu ficava louca pra estudar.

Quando o filho mais velho completou sete anos de idade, começou a freqüentar a igreja católica e, segundo ela, pôde mostrar o que sabia fazer no trabalho da comunidade junto aos padres Jesuítas e às irmãs da Providência de GAP. Ao que tudo indica, esses religiosos possibilitaram a Cezarina uma conscientização de suas verdadeiras potencialidades e possibilidades para a construção de uma vida melhor, ou pelo menos mais digna.

Dentre os trabalhos desenvolvidos na comunidade, Cezarina destaca a catequese com as crianças, a Pastoral do Negro e da Saúde. Devido a seu envolvimento na comunidade, fez diversos cursos de formação para leigos. Essa formação contemplava discussão de temas religiosos, estudo da Bíblia, novenas e, inclusive, um curso de teologia para leigos que teve duração de três anos. Aos poucos Cezarina foi encontrando meios para sair mais de casa e participar cada vez mais ativamente das atividades da comunidade.

Três anos mais tarde, o marido ficou doente. Segundo ela, teve um câncer no cérebro. Foi operado, fez o tratamento e aposentou-se por invalidez. Quando descobriram a doença do marido, Cezarina trabalhava como faxineira em casas de família, os filhos ficavam sozinhos em casa e não conseguiam bons resultados na escola.

Durante a fase crítica da doença do marido – operação e tratamento com radioterapia – Cezarina resolveu voltar a estudar. Ela considera essa decisão como uma “loucura” porque o marido estava muito doente, os filhos pequenos, além das dificuldades financeiras que enfrentava. Pareceu-me que Cezarina fazia de tudo para melhorar as condições de vida da família, mas, como não via resultados, decidiu por retornar aos estudos. Ela comenta os motivos que a fizeram interromper os estudos e a retomar várias vezes:

... mais por questão financeira... foi também por causa dele... mas... mais por questão financeira... porque quando eu voltei a estudar... foi uma loucura que deu... que me deu... assim... porque estava no auge da doença dele... estava bem no auge... ele não estava estagnado como está agora.

Comenta ainda que pessoas amigas e parentes faziam comentários sobre essa decisão e que respondia categoricamente:

... às vezes as pessoas falam assim: 'Cezinha, mas...' aí... os meninos crescendo... com doença... com tudo... aí... é que eu encaro mais ainda... quando as coisa apertam... aí... é que eu fico às vezes eu fico meio deprimida e tal... mas aí... é que eu encaro com mais seriedade ainda... que vou mais à luta... e... é... desafio... eu falo: é... eu gosto de desafio... aí... que eu enfrento mesmo... mas é uma... é... você falou... estar estudando é mais uma realização pessoal... Eu ainda brinco assim: gente... se é hobby... eu me dou o direito de ter um hobby que é estudar... é a coisa que eu mais gosto... a coisa que eu me sinto melhor... bem demais... é dentro de uma sala de aula.

Poder freqüentar a escola é, para Cezarina, a realização de um sonho. Sonho de conquista de uma vida diferente daquela que viveu no Alto da Barroca. As dificuldades enfrentadas pela família, a diferença social e econômica dos vizinhos, caracterizada principalmente por dona Regina e dona Iara, que eram pessoas com nível de escolaridade mais avançado que o de seus pais, tudo isso faz com que busque na escolarização, no certificado escolar uma forma de garantir, agora aos filhos, melhores condições de vida.

Matriculou-se em um curso supletivo particular. Coursou por seis meses as disciplinas de Português, História, Geografia e OSPB e conseguiu ser aprovada em todas elas. Nessa época, segundo Cezarina, Edilson estava morando na casa da mãe dele para facilitar o transporte para o tratamento no hospital. Mas era ela quem cuidava do marido: providenciava remédios, dava banho. Cumpria essa tarefa no intervalo entre o trabalho e a escola. Trabalhava como faxineira e estudava à noite e só chegava em casa à meia noite.

Teve conhecimento, por intermédio de um colega de sala, do curso supletivo para jovens e adultos oferecido pelo Centro Pedagógico da UFMG. Fez a inscrição e participou da seleção, mas não conseguiu ser selecionada. Nessa época a seleção para o ingresso no referido curso constava de uma prova das áreas de Português e Matemática e sobre conhecimentos gerais. Os candidatos aprovados na primeira etapa participavam de um sorteio. E Cezarina afirma ter sido aprovada na primeira etapa e só não conseguiu ser contemplada pelo sorteio.

Enquanto a mãe trabalhava e estudava, os meninos ficavam em casa, sozinhos e uma de suas cunhadas "dava uma olhada". Mas, segundo Cezarina, as dificuldades financeiras e cuidar do marido fizeram com que interrompesse os estudos novamente. Para tentar ajudar os filhos no desempenho escolar, procurou ajuda de um psicólogo, mas não conseguiu êxito. Em outros termos, os filhos de Cezarina abandonaram a escola, com treze e catorze anos, para trabalhar. Um deles se envolveu com drogas, mas segundo Cezarina, no momento das entrevistas já não usava nenhum tipo de drogas.

Algum tempo depois ela retornou aos estudos em outra escola particular, mas "já não estava tendo dinheiro... nem pra condução..." e as mensalidades aumentavam muito. Ficou parada, sem estudar e sem fazer faxina por três anos para cuidar do marido. Nesse período a renda vinha da pensão do marido e dos salgados que ela fazia como complemento. Continuou desenvolvendo as atividades junto à comunidade. Fez um curso de teologia para leigos que teve duração de três anos. Participou do Conselho comunitário como presidente.

Cezarina decidiu não mais trabalhar em casa de família e voltar a estudar. Tentou e conseguiu uma vaga para trabalhar como faxineira em uma “conservadora”. Avaliou ser mais vantajoso, por ter horário de trabalho pré-definido e final de semana livre para participar das atividades comunitárias. Foi designada para trabalhar no prédio da FAFICH no campus da UFMG.

Conseguir esse emprego causou-lhe grande satisfação, porque estaria próxima a pessoas que estudavam e poderia, quem sabe, conseguir retomar os estudos. Conta com grande emoção a conquista do emprego e o significado do novo local de trabalho:

... e chegando na CONSERVO¹⁸... eles falaram: 'oh... nós temos um trabalho pra você lá na UFMG [...] consegui um trabalho pra você... mas é na UFMG.' E eu fui chamada rapidinho... eu quase morri de alegria... que meu sonho... quando eu via isso aqui... eu ficava apaixonada... não pelo trabalho [rindo] mesmo pelo nível de estudo... pelo grau... que era meu sonho.

No final de 1997, com quarenta anos de idade, foi selecionada para cursar o Ensino Fundamental no Projeto Supletivo do Centro Pedagógico da UFMG. Concluiu o curso em 2000 e, no momento de nosso último encontro (outubro de 2001), estava cursando o Ensino Médio no Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG/Coltec.

Solicitei, em uma das entrevistas, que Cezarina falasse um pouco de seu relacionamento com os professores que teve na UFMG. Ela analisou o comportamento de alunos e professores na escola. O depoimento abaixo mostra uma de suas características (aproximar pessoas) e uma comparação entre dois professores de uma mesma disciplina¹⁹:

... é... depende muitas vezes do professor, né... e depende do aluno... que tem aluno que se fecha e não deixa o professor chegar... assim como tem professor que não deixa... Eu sou mais abelhuda... então... eu chego muito... Às vezes o professor mantém uma certa distância... ou às vezes ele é tímido, né... e eu já me acho mais... procuro conversar... sempre com uma brincadeira... E de repente... perguntando também... que eu fico atrás... que eu falo: 'oh... eu sou chata'. Tem um professor lá... que eu não sei se ele vai continuar, e ele é muito bom professor... e tal... é amigo, mas ele é distante... muito

¹⁸ CONSERVO é o nome da empresa de limpeza que prestava serviços à UFMG.

¹⁹ Usarei nomes fictícios para os professores para preservá-los, uma vez que não foi possível informá-los sobre a pesquisa e da forma como estão sendo mencionados. Os nomes das disciplinas também serão preservados.

distante...[...]. O Rinaldo César. Ele é o contrário do Pedro Lucas. O Rinaldo César... eu já tive oportunidade de conversar com o Rinaldo César. E o Rinaldo César é uma pessoa... assim... extremamente... assim... boa, interessada... inclusive não interessado só no... de estar passando as matérias não... mas sim... de estar conversando... e estar percebendo o que... que o aluno está sentindo... e de... incentivando a... incentivando a inteligência da gente... mostrando que não é só... Ele não nasceu pra ser [...] igual ele falou... ele apenas se dedicou a essa disciplina de [...]. Por outro lado... o outro... o outro... já não tem essa visão total... ele é mais apenas pra [...] eu até acho que ele vai ser só [...] mais frio... Mas eu já consegui chegar um pouco mais perto dele... que aí eu mudo ele... Ele está dando aula de [...] mas na hora do intervalo: 'nossa... Pedro Lucas... eu estou com uma dificuldade... rapaz... em [...]... não sei o que... que eu faço... me dá uma explicaçãozinha em [...]... vai... você deve ser bom?'. Aí... ele já começou me explicando... aí... eu levo outra coisa e converso... aí... eu vou introduzindo... e de repente... igual... às vezes... as meninas [colegas de escola] falam assim: 'Eh... Cezarina... você não tem jeito... até o professor de [...] você está pegando'... Mas eu acho... mas... aí... que a gente vai quebrando o gelo, aí... de repente... você vai percebendo que é timidez mesmo... Ele é tímido... Igual a professora de [...]... no início todo mundo morria de antipatia dela... inclusive... muitas vezes... na sala de aula... ela tem um jeito... assim... meio que autoritário... e de repente... não é, aí... a gente quebra... Então... isso depende... depende muito mais do professor, né...

Ao ser interrogada sobre os planos de estudo e trabalho que deseja realizar após o término do Ensino Médio, informou que pretende fazer um curso superior de Psicologia ou de História. Conseguiu isenção da taxa de inscrição para o vestibular junto a Fundação Mendes Pimentel (FUMP). Fez a inscrição para o vestibular de Psicologia. Mas a greve dos professores da universidade, em meados do ano 2000, e as condições financeiras determinaram que adiasse o vestibular para o ano seguinte. Como não se sentia bem preparada para as provas, preferiu prestar serviços durante a aplicação de provas do vestibular de 2002, a fim de saldar algumas dívidas. Segundo ela, no próximo ano estaria melhor preparada para conquistar uma vaga em um dos cursos pretendidos²⁰.

No momento da terceira entrevista, ainda tinha dúvidas entre a Psicologia e a História. Gosta muito de entender os fatos, os acontecimentos, as ações das pessoas através da História, mas acha que com a Psicologia

²⁰ Entretanto, informou-me, por telefone, que se inscreveu para prestar o vestibular na UFMG no final de 2002. Ela e o irmão, Edmundo, tentarão uma vaga para o curso de Psicologia.

poderia ajudar as pessoas a resgatarem sua história pessoal. Parece que os trabalhos feitos na comunidade ligados ao resgate e valorização da história do povo negro influenciam suas escolhas. Quanto à Psicologia, segundo ela, recebeu ajuda de um profissional da área quando seus filhos eram adolescentes. E julga que essa ajuda muito contribuiu para entender o que acontecia com os filhos diante do sofrimento que passavam (maus tratos do pai, dificuldades financeiras etc.).

Em relação ao trabalho, recebeu uma proposta para passar a trabalhar como digitadora após a conclusão do segundo grau (Ensino Médio). Caso essa proposta se concretize, passará a prestar seus serviços a uma outra empresa. Para isso, pretende fazer um curso de digitadora. Com esse trabalho terá um pequeno aumento de salário, mas ainda não é isso que gostaria de estar fazendo. Gostaria de trabalhar em um local em que pudesse conviver com mais pessoas.

Fez o concurso público da Secretaria de Estado da Educação para o cargo de ajudante de serviços gerais. Passando nesse concurso, segundo ela, terá mais tempo e condições para fazer outras coisas, uma vez que o cargo pretendido tem carga horária diária de seis horas de trabalho. Com maior tempo livre poderá, segundo ela, desenvolver ainda mais os trabalhos na comunidade e no partido político, além de poder fazer outros cursos como o de Técnico em Enfermagem.

Cabe ressaltar aqui a opinião de Cezarina sobre a importância de se realizar bem o trabalho a que se propõe:

Pra mim... é um desafio... me vejo fazendo universidade e continuando na faxina... acho que tem o mesmo valor... sou contra qualquer preconceito... e trabalho muito isso em mim... O mesmo valor do meu trabalho é o valor do médico... é importante deixar a sala limpa sem bactérias... assim... também o trabalho dele é importante...

Esse depoimento mostra a consciência de Cezarina sobre a divisão do trabalho na sociedade, como se cada ser humano tivesse seu lugar pré-determinado na sociedade e dele não pudesse sair. Ela luta consigo mesma para que essas relações sejam diferentes, ou seja, que todos possam ter oportunidades e que sejam valorizados.

Nota-se ainda que ela estuda e freqüenta escola por sentir-se realizada. Estuda para aprender e não relaciona diretamente escolarização e melhores salários. Na época em que morava no alto da Barroca, essa relação entre estudo e melhores condições de vida estavam bem marcadas, uma vez que pessoas escolarizadas, como as irmãs Regina e Iara, tinham grau de estudo mais elevado que seus pais e condições de vida mais favoráveis. Atualmente, Cezarina mostra, em seus depoimentos, que aprendeu a valorizar todo tipo de trabalho, por isso, na fala citada acima, afirmou que poderá tornar-se uma psicóloga e continuar exercendo as funções de faxineira. Pareceu-me que estudar Psicologia é uma necessidade que tem enquanto ser humano, tem como objetivo ajudar outras pessoas. E, para isso, não será necessário deixar de ser faxineira.

Atividades Comunitárias: “é... não perder o contato, aquilo que é coletivo me interessa...”

De acordo com os depoimentos de Cezarina, sua participação nas atividades comunitárias teve início quando seus filhos eram ainda pequenos. Ela comenta que:

... quando os menino estava com mais ou menos seis anos... sete anos... eu comecei a freqüentar igreja... igreja católica... e... a igreja da comunidade. [...] a igreja da comunidade é... é... uma igreja muito viva... essa igreja de lá [referindo-se à comunidade], aí... comecei a participar.

Para Cezarina, a vida comunitária tem uma significativa importância devido à maneira como foi tratada nesse começo pelos padres e irmãs de caridade. Essa convivência na comunidade possibilitou, segundo ela, oportunidade de descobrir suas capacidades e aprender a valorizar-se como pessoa. O comentário de Cezarina mostra um pouco do respeito e carinho com que era tratada:

... são padres de congregação... são jesuítas, aí... comecei a trabalhar... comecei a mostrar o que eu sabia e tal... os padres me

incentivando e... e... assim... muito achegado... conversando muito... já começavam chamando pelo nome e tal... com muito carinho.

Tudo indica que Cezarina vê essa participação na comunidade como uma experiência diferente daquela que vivia com o marido. Se em casa a violência e as proibições do marido eram uma constante, na comunidade viveu em um ambiente de respeito e de incentivo ao desenvolvimento de suas habilidades nos trabalhos manuais, e mais tarde, nas atividades de leitura.

Esse envolvimento na comunidade, segundo Cezarina, começou com a participação em novenas e cursos bíblicos. Nessa época, o seu marido não gostava que saísse de casa e ela insistiu dando prosseguimento às atividades. Aos poucos ele passou a consentir que fosse à igreja.

O envolvimento de Cezarina com a comunidade foi crescendo e ela, segundo seus relatos, assumiu, por um ano, a coordenação dos trabalhos como presidente do conselho comunitário. Ao assumir essa coordenação, priorizou a implantação de um curso de alfabetização de adultos e da Pastoral do Negro. Explica que priorizou essas frentes de trabalho porque:

... oh... gente... uma das meta... uma das prioridades da nossa comunidade vai ser alfabetização de adulto e também dentro da Pastoral do Negro... que quando a gente vai ver... o rosto e também as pessoas que têm menos instrução... eles têm... eles têm uma cor... tem uma raça... é a raça negra, né...

Para desenvolver o trabalho de alfabetização de adultos, contou com a orientação das irmãs da Providência de GAP que trabalhavam na comunidade. Tentou, segundo ela, fazer um curso de formação de alfabetizadores oferecido pela FUNJOBI (Fundação São João Bosco para a Infância). Na primeira tentativa foi informada de que não poderia fazer o curso porque não tinha concluído a oitava série.

Ela conta que não desistiu e começou a dar aulas sem ter feito nenhum curso de formação:

... falei... ah... não posso... mas eu já estava com trinta alunos... ah, é... eu vou trabalhar do mesmo jeito... vou trabalhar sem curso... sem nada, aí... trabalhei dois anos, assim... tinha uma irmã que me ajudava... me orientava como é que deveria ensinar, aí... ensinava.

Cezarina afirma que nesse começo usava cartilhas e livros doados por alguns amigos para preparar as aulas. Conta como iniciou os trabalhos:

... aí... então... era inclusive trabalhando com eles, assim...de igual pra igual... nunca me posicionando como professora... sempre conversando de igual pra igual... falando... porque eu li um pouquinho aquele que eu me identifico... um pouquinho... de Paulo Freire.[...] Aí... como ele fazia... é... comecei a ensinar a partir daquilo que eles usavam... fogão... panela.

Ao que tudo indica, Cezarina aproveitava as aulas de alfabetização para fazer um trabalho de conscientização política com os alunos, na medida em que conversava sobre os problemas e dificuldades vividos por eles no dia a dia. Mais adiante Cezarina comenta seu relacionamento com os alunos e o modo como encaminhava as atividades assim como o respeito à sua condição de adulto e analfabeto:

Eu acho que da... da... coisa de estar conversando... de... de repente estar preocupada com o que estava acontecendo... quando o aluno não chegava bem... e a gente começava a conversar... é... por exemplo... eu estava dando o "ta"... do tatu, né... parava-se a aula e conversava, aí... ficavam trocando idéias, aí... eles faziam uma brincadeira e começava a conversar mesmo... E muito, assim... muito preocupada com o dia a dia deles, né... até mesmo com a formação... até política, né... com a maneira de ver a questão política... Eu conversava muito... e explicava muito... que eu sempre gostei muito de conversar, né... então... a gente conversava... explicava... ficava mesmo... amizade muito grande. Eles também... quando tinham problemas... já chegava contando e, aí... a gente ia conversando... por isso... que se dava, assim... mais uma conversa.

Após os dois primeiros anos de trabalho, conseguiu fazer o curso de formação de alfabetizadores na FUNJOBÍ. Afirma que o uso do material sugerido no curso fez com que os alunos aprendessem mais rápido. Ela descreve um pouco esse material e a metodologia de ensino:

... aí... já era diferente... eu tenho até hoje as apostila lá, né... que, aí... já vem o V... por exemplo... o V é com o rosto da vaca, aí... vai eu aprender a desenhar o rosto da vaca... e falar um pouco... trabalhava muito sobre [...] usava as palavra chave... e então... gravava muito isso com eles... era umas três aulas, assim... ah... umas seis aulas, assim...até eles gravarem bem... não preocupava com o nome [da letra] não, aí... era o ta do tatu... era o pa da panela... o cabo da panela formava o p.

Apesar de seguir as instruções das apostilas do curso, do estudo e do preparo das aulas, afirma que teve dificuldades para ensinar os alunos a ler e escrever. Ela conta como se organizava:

... eu dava uma lida, eu seguia com a irmã... e eu traçava... eu fazia o plano de aula... Fazia o plano... fazia os desenhos... tudo direitinho... isso aí eu seguia... consegui chegar lá... foi uma dificuldade muito grande porque... eu falo com você... eu não sou muito organizada... eu não sou de preparar todas as coisas.

Mais adiante faz uma avaliação desse trabalho: "... eu fiquei tão feliz com o pessoal lá... teve alguns... agora estão fazendo... já estão fazendo a sexta série". Isso indica que o trabalho como alfabetizadora foi positivo na medida em que alguns de seus alunos, segundo ela, já estão cursando o segundo segmento do Ensino Fundamental, no Centro Pedagógico.

A outra frente de trabalho que priorizou foi a Pastoral do Negro. Para desenvolver as atividades da pastoral contou ainda com as orientações do "Quilombo Central" que, segundo ela, é um órgão da Igreja Católica que coordena e orienta leigos para o trabalho nas comunidades.

O "Quilombo Central", segundo Cezarina, promove cursos de formação para leigos e oferece material de leitura para o desenvolvimento de atividades na comunidade. Esses encontros de formação promovidos pelo Quilombo Central acontecem periodicamente, a cada dois meses, geralmente, nos finais de semana.

Dentre os cursos feitos, ela destaca o curso de teologia para leigos que teve duração de três anos, com três aulas por semana. Ela traz mais informações sobre esse curso:

... três anos. É... fiz o curso... durou três anos... Mas... é teologia pra leigos, né... que atendia mesmo a... eles explicavam de maneira bem simples... é... como é que é a questão... como é que a gente deveria ver a Bíblia... como as coisas aconteciam, então... foi disso, aí... que eu aprendi muita coisa. [...]

As atividades desenvolvidas pela Pastoral do Negro atendem a crianças, mulheres, adolescentes ou a qualquer pessoa que tenha interesse no trabalho. Durante os encontros, costumam ler trechos da Bíblia relacionando-os à história do povo negro e às condições sócio-econômicas vividas pelo povo. Ela

é veemente ao relatar sobre o uso da Bíblia nas reuniões da Pastoral do Negro:

Não necessariamente... inclusive até pede... pra não ficar sempre, assim... que tem pessoas de várias religiões... Não são nem pessoas... não é católica... não é espíritas... quer dizer... pra não ficar aquela coisa muito... não ficar doutrina, sabe... É uma coisa bem solta... só mesmo, assim... quando há necessidade... ou, às vezes... você nem olha... ou... nas reuniões lá... muitas vezes... tem... faz um altar no chão, né... coloca a Bíblia... coloca os símbolos... a água... a vela, né... a terra, né... assim...e faz... por exemplo... se for... às vezes põe mesa, e aí... faz uma breve reflexão... ou não faz. E a gente só canta... e dança... canta e dança.

Esse trabalho de conscientização política que recupera a história do povo negro, segundo Cezarina, é feito através de outras atividades como o ensino e a confecção de peças artesanais e a prática da capoeira. Ela descreve um pouco sobre esse trabalho:

... fazia artesanato... e... recontando a história, né... Tinha artesanato e tinha capoeira, que... quem dava capoeira... era meu filho. [...] E contava um pouco da história... os meninos brincam de roda [de capoeira], e... ficava contando um pouco da história do negro... como eles estavam aqui, né... o que, que ele estava fazendo, e... falava muito... da questão do preconceito...

Ao que tudo indica, as pessoas são convidadas para desenvolver atividades de artesanato e para praticar algum tipo de esporte, como a capoeira, de modo que as conversas e o método de trabalho propiciem a formação de hábitos coletivos para o trabalho. A esse respeito, Cezarina apresenta um pouco da metodologia do trabalho:

... pra contar... e a gente está sempre trabalhando, assim... em conjunto... no coletivo... sempre um emprestando as coisas pra outro, e... sempre arrumando um jeitinho de contar.... Fazíamos primeiro uma grande roda... cantava um pouco... contava um pouco da história do Zumbi, né... lembrando um pouco... falando um pouco dos falsos heróis, né... como... o Domingos... Domingos Jorge, né... falando um pouco desses falsos heróis... falando tudo que eles fizeram... do Duque de Caxias, e tal... mas a gente se preocupa muito mais... assim... com os nossos heróis negros.

Ela informou ainda que os textos sobre os líderes negros e o material para a execução das peças de artesanato são fornecidos pelo "Quilombo Central.

Cezarina tece alguns comentários a respeito das dificuldades para desenvolver esse tipo de trabalho que procura conscientizar o povo negro de seus valores na medida que resgata sua história:

Só que... Luciana, é um trabalho, assim... muito difícil... e de difícil aceitação... porque se tocar na questão do negro... ainda é muito complicado... As pessoas não aceitam... Uma vez teve um outro padre que falava: 'gente... que absurdo... eu fico bobo de ver... o que... que se passa... é que a maior parte são pessoas negras'... Ele disse que... quando ele estava celebrando a missa... às vezes ele reparava... a maior parte é descendente, né... Era pra ser uma pastoral, assim... bem forte... bem enraizada, e tal... com mais líderes, e tal... mas não tem aceitação... muito complicado... porque é a história que foi contada... ser negro passa a ser quase que... tipo um defeito... pra muita gente ainda, né...

Em outro depoimento, Cezarina conta um episódio que permite concluir que em seu próprio percurso de formação ela foi sentindo a necessidade de mudança, de ser menos radical com as pessoas em relação ao preconceito racial:

... às vezes tem pessoas que critica fala: 'ah... você é muito radical... você tem mania com coisa de negro'... Não... não... tenho não... Inclusive agora... antes eu era mais... agora eu estou até bem flexível... não estou assim mais... que eu acho que não adianta você estar brigando... não adianta você comprar uma briga... tão forte assim... você tem que ser mais flexível... e entender melhor as pessoas, né... conversar mais... mas... as pessoas... muitas vezes... depois que eu falo... depois que acontece ela vão ver... o caminho que é do preconceito... que a gente sofre... ainda hoje... a gente sofre todos os tipos de preconceito... mesmo do próprio negro... Então, é muito difícil... porque você vai chamar uma pessoa... primeiro... você tem que fazer um trabalho... ele tem que estar percebendo... Inclusive... até as danças que a gente fazia na igreja... a gente entrava dançando... eu fui extremamente criticada no princípio: 'Ah... ela está levando coisa de candomblé pra igreja... é isso... é aquilo...'. Aí... depois... com o passar do tempo... agora a gente já viu, o pessoal vai... entra dançando... e já vi até eles dançando... às vezes até no mesmo ritmo que eu dançava, né... Aí... falei: que bom... tem uma sementinha germinada, aí... pelo jeito ficou alguma coisa, né... está aparecendo alguma coisa nova, então... isso já é bom... Mas é difícil.

Em outros termos, seu processo de conscientização política foi se dando aos poucos, na medida em que lia a história de líderes negros e se preparava para as reuniões na comunidade.

Outra frente de trabalho que Cezarina mencionou, nas entrevistas, foi a Escolinha Bíblica. Ela conta o que é, e como funciona essa atividade:

... a escolinha bíblica você reflete.[...] ... É com adulto. [...] É... porque as pessoas vão... ficam... é uma hora só... é o tempo, né... que a gente fala... as Escolinhas Bíblicas da comunidade... Tem as Escolinhas Bíblicas que, aí... tem um número de pessoas... são determinados grupos... eles vão lá e dão até... era lá na casa das irmãs... era uma vez por semana... iam pessoas pra lá só uma vez por semana... refletir dentro da Bíblia... tanto que teve uma que nós passamos... quase foram à sete chaves... do conhecer que foi... o pessoal ver a Bíblia... ver a história... ver o que, que estava acontecendo, né... vê o que, que estava... contar a Bíblia... foi contada de pai pra filho, então... isso a gente aprende na Escolinha Bíblica... que a Bíblia primeiro... ela foi vivida... depois ela foi contada... muito depois que ela foi escrita. [...]

Sua explicação levou-me a deduzir que a Escolinha Bíblica tivesse o mesmo caráter que uma aula de catecismo. Ao que Cezarina, imediatamente, responde: *Não... não... não... é outra coisa... Não... não... não... Inclusive... nós estudamos uma vez... foi o livro de Macabeus... Jeremias.*

O uso do termo “estudamos” é, com certeza, um indicativo de que a comunidade tem por costume não aceitar a religião como a crença em verdades impostas e inquestionáveis. Parece-me que Cezarina vive em uma comunidade que busca, por meio das reflexões dos textos bíblicos, compreender a história da humanidade, do povo negro e, é claro, das condições sociais, econômicas e culturais em que vivem.

Mais adiante, Cezarina conta que se filiou a um partido político. Afirma que tomou essa decisão por acreditar que poderia, por meio do partido político, trazer mais benefícios para sua comunidade e, por outro lado, poderia ainda dar sua contribuição a uma forma de organização mais ampla. O depoimento a seguir mostra as relações feitas por Cezarina para justificar esse ato político:

... mas o PT... ele é uma coisa que eu acredito... pelo projeto... pelo trabalho que ele tem... que é em defesa do povo... bate muito... mais uma vez com o trabalho que a gente faz na comunidade... quer ver... por exemplo... qual que é a nossa reflexão bíblica... que, que aconteceu... vê Apocalipse... o que, que acontecia, né... era o império oprimindo os cristãos da época [...]. No tempo... por exemplo... de Êxodo, né... era o faraó oprimindo aquele povo, né... que sempre ficava massacrado sempre nos pés... ou então, o exílio da Babilônia que... que era... É sempre um poder sobrepondo sobre o outro... não era assim? Então, a gente vê isso... e de repente... a gente transfere aquela

história da Bíblia pro mundo de hoje... por que, que nós estamos na situação que nós estamos... muitas vezes... que nós que somos o povo... às vezes... ajuda a querer esses heróis... esses faraós da vida, aí... esses imperadores da vida a chegar lá em cima... e a ficar é... é... a princípio eles [referindo-se a políticos chamados por ela de faraós] estão do nosso lado... e depois eles estão contra a gente, né... Então, isso aí... que a gente fica percebendo através... e o PT... igual esse livro aqui ele reflete muito isso... esse Carlos Maciel... professor Carlos... ele reflete muito isso... quais são os nossos direitos... o que, que é democracia... como é que é... e bate com a Bíblia... tem gente que acha ruim... mas é pura política... a Bíblia ela é toda política... muito política... Jesus Cristo pra mim foi um dos grandes políticos. Então, eu vejo... no PT muito os ideais que é... o que é muito comunidade... é não perder o contato aquilo que é coletivo me interessa... e o PT... pensa muito assim... o PT não pensa muito só 'Eu fiz'... 'Nós fizemos', né... O que é comunidade... o que tem em comum, né... Eu acho que é por isso... que eu gosto tanto do PT... e peço muito a Deus... que eu não me decepcione... porque quando tem aquela 'Os cristãos tinham tudo em comum... dividiam os seus bens', né... então, eu vejo muito isso... isso me lembra muito o PT... que muitas vezes ele faz com que a gente tenha as coisas em comum... E o PT tem mais mesmo... aqueles que não são católicos... que não têm nenhuma religião... se diz ateu... pensam muito na perpetuação da humanidade... não querem que as coisas se acabem... que os homens uns fiquem se gladiando, né... que joguem os outros, assim... fora... tirem fora de escanteio... qualquer coisa, assim... Então, isso é que me fascina no PT... É muito esse tempo coletivo... ele lembra um pouco de... de... de... aquele da Índia... como é que ele chama... Mahataman Gandhi, né... me lembra muito Gandhi... apesar de Gandhi... depois, através da história... que não foi assim, não... teve todo esse ideal mas, aí... e depois ele era homem, né... era homem... tinha suas falhas... mas tinha qualidades nele... que era a luta pelo povo.

Algumas Considerações:

Práticas de Leitura: "... te sacia um pouco mesmo... daquela coisa do saber".

Alguns aspectos sobre as práticas de leitura de Cezarina merecem ser destacados. Em primeiro lugar, os pais de Cezarina freqüentaram escola até, no máximo, a quarta série do Ensino Fundamental, e, segundo ela, as práticas de leitura eram bastante rarefeitas. Ou seja, o pai usava a escrita para

registrar o controle do orçamento do pequeno açougue que possuía e ensinava os filhos a tarefa escolar. Sua mãe sabia assinar o nome. Entretanto, Cezarina não se recorda de tê-los visto lendo.

Cezarina não teceu comentários mais detalhados sobre as práticas de leitura de seus irmãos. Informou apenas o grau de escolaridade: dois têm a quarta série, um a oitava série, dois o Ensino Médio e em preparação para prestar o vestibular, um cursando o Ensino Médio e um cursando o Ensino Superior. Os investimentos que têm feito para permanecerem na escola indicam, portanto, uma tentativa de ascensão social por meio da escolarização.

Outro ponto que merece destaque em relação à formação escolar (e como leitora) de Cezarina é o fato de ter morado (trabalhado) na casa das senhoras Regina e Iara. Antes mesmo de ter sido levada para a casa das vizinhas, era dona Regina que a auxiliava e aos irmãos nas tarefas escolares, isso quando o pai não tinha condições de fazê-lo.

Durante a estadia na casa de dona Regina, Cezarina lia textos da área de Geografia e História que a vizinha usava para lecionar. Apesar de, atualmente, considerar dona Regina como uma pessoa “muito preconceituosa” afirma ter aprendido com ela a se comportar, a conversar. Julga-se tímida devido à forma como dona Regina falava dos negros durante as conversas sobre a História do Brasil caracterizando-os como “arruaceiros e sem cultura”.

Parte desse material de leitura de dona Regina encontra-se em poder de Cezarina que afirma utilizá-los para fazer trabalhos escolares, mesmo que apenas para comparar a diferença no modo de contar a história. Há, aparentemente, uma contradição em relação à participação das Irmãs Regina e Iara no processo de formação de Cezarina. Em alguns momentos, aponta para uma contribuição significativa de dona Regina em sua formação, por exemplo, o aprendizado de trabalhos manuais e o modo de comportar-se. Entretanto, mostra certo ressentimento em relação à forma como dona Regina a tratava. Ela comenta esse sentimento: “eu morria de vergonha... eu me achava muito feia... por ser negra... muitas vezes... ela punha apelido em mim...”. Ou seja, o fato de ser negra, pobre e mulher a colocava em uma situação de desprestígio em relação ao irmão que morava na mesma casa e

podia estudar “porque era homem”. As vizinhas contavam a Cezarina as dificuldades que enfrentaram para estudar e serem professoras e diziam-lhe que ela “precisava aprender a ser dona de casa”.

É bastante significativo na trajetória de formação de Cezarina a sua insistência, ou teimosia, em estudar. Seu processo de escolarização é marcado, como acontece com a maioria dos alunos adultos, por uma vida escolar irregular²¹, com interrupções - causadas por questões ora financeiras ora de saúde - e por várias tentativas de retorno aos estudos.

É possível afirmar, com certeza, que Cezarina é fascinada pelo mundo escolar por sentir-se realizada ou por sentir-se desafiada a alcançar um objetivo, que talvez tenha sido traçado por ela mesma ainda na infância. Desafio que procura vencer em cada etapa de sua vida com garra e determinação.

Na casa de dona Regina, quando quis retornar aos estudos, teve dificuldades para convencer a patroa de que poderia estudar à noite. Logo que voltou para a casa dos pais começou a freqüentar a quarta série novamente para não ficar sem estudar, pois não tinha condições de pagar o curso de Admissão. Aos dezoito anos, conheceu o atual marido e, como ele não gostava que estudasse, interrompeu os estudos pelo menos por dez anos.

Após o casamento, as dificuldades financeiras e a proibição do marido não permitiram que voltasse aos estudos. Em relação a essa fase da vida comenta que:

... mas...esse tempo todo eu não gostava de ver propaganda de escola... esse tempo todo que eu sentia muita falta da escola... eu sentia um vazio muito grande... que eu tinha muita vontade de estudar, aí... eu sofria demais, nossa... assim... gente, eu ficava louca pra estudar.

Quando o marido adoeceu, os filhos não iam bem na escola apesar de seus investimentos e, ainda assim, resolveu voltar a estudar. Matriculou-se em um curso supletivo particular e conseguiu ser aprovada nos conteúdos de Português, História, Geografia e OSPB. Parou os estudos, por dificuldades

²¹ Ver, por exemplo, ZAGO, 2000.

financeiras. Começou novamente em outra escola particular, mas interrompe novamente a escolarização para cuidar do marido doente e porque:

“já não estava dando, aí... já não estava tendo dinheiro... nem pra condução, aí... tive que parar de trabalhar... mesmo de fazer faxina e também de estudar, aí... eu fiquei parada uns três anos.”

Merece destaque também a satisfação de ter conseguido trabalho na conservadora que prestava serviços na UFMG. Essa satisfação indica que o mundo escolar é, para Cezarina, a porta de entrada para a concretização do sonho de conclusão do Ensino Médio e de um curso superior. No final do primeiro ano de trabalho no prédio da FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) inscreveu-se para a seleção do curso oferecido pelo Centro Pedagógico.

Enquanto estudou no CP e no Coltec/UFMG, as práticas de leitura de Cezarina estiveram voltadas para a realização das tarefas escolares e para a leitura de jornais e revistas com o objetivo de manter-se informada sobre os acontecimentos atuais, além de participar do grupo de colegas que costuma trocar livros entre si. Esse grupo era composto, quando cursavam o Ensino Médio, por Cezarina, Sara, Orlanda, Neusa e Luduvina. O material de leitura que trocavam era composto basicamente por livros espíritas.

Cezarina esclarece os motivos que a fazem ler esse material devido a sua intensa atividade religiosa na Igreja Católica:

... Então, são livros que vai dando uma explicação... o porquê dos porquês... Não que eu seja... que eu vá acreditar, ou... se perguntar 'ah... mas você acredita... você tem fé?'... Não... quando acabo... quando leio... leio... leio livros espíritas... de repente eu falo meu Deus do céu, mas, aí... eu corro e penso... eu acredito mais na Igreja Católica... não que ela seja melhor... mas pelo menos... ela passa mais... me diz mais. [...] E nos livro... nos espíritas você encontra muitas explicações... Encontra explicações... ou são romances que, que ao menos te inova um pouco... te sacia um pouco mesmo... daquela coisa do saber.

No momento de nossa última entrevista, Cezarina estava concluindo o Ensino Médio e pretendia preparar-se para prestar o vestibular para o curso de Psicologia. Sendo assim, é possível dizer que o processo conturbado de escolarização vivido por Cezarina representa as reais condições de estudos

entre aqueles pertencentes às camadas populares que insistem em concluir o Ensino Médio e ousam alcançar o Ensino Superior.

Merecem destaque ainda as práticas de leitura de Cezarina voltadas para a realização das atividades comunitárias. Os cursos de formação que teve oportunidade de participar propiciaram a ela uma ampliação de seu universo cultural. Ao que tudo indica, Cezarina lê textos religiosos, a Bíblia, e sobre direitos humanos, no intuito de preparar-se para as reuniões na comunidade.

Avalia que suas habilidades de leitura e de escrita são boas, apesar de considerar-se desconcentrada. Ela explica essa avaliação:

... pra ler e pra escrever... eu sou muito desconcentrada... Eu preciso aprender a me concentrar.... Eles falam que a questão da respiração... eu não sei se a questão da respiração... é que eu não tenho direito... eu não sei respirar direito... apesar dos exercícios... que às vezes as pessoas tentam me ensinar... mas eu estou tentando me concentrar mais pra poder ler... Mas a minha leitura... a avaliação que eu faço... ela é boa... eu tenho um bom entendimento... eu leio... uma boa interpretação de qualquer livro... mas... eu entendo, mas... pra me concentrar... às vezes a pessoa está conversando eu custo a ligar, aí... dá até dificuldade pra entender aquilo que eu estou lendo.

CAPÍTULO IV

ANTÔNIO CARLOS

**“Eu comecei a ler mais só informática... informática...
informática, e...”**

Antônio Carlos Mendes Barbosa tem trinta e cinco anos. É alto, magro, pele morena. Dentre suas características, a que mais se destaca nas entrevistas é seu empenho na busca por melhores condições de vida. É uma pessoa simpática e agradável no trato com os colegas de turma e professores. Suas práticas de leitura estão voltadas, predominantemente, para assuntos relacionados ao seu trabalho e ao aprendizado de construção de programas para computadores. Interrompeu o processo de escolarização para trabalhar em uma oficina mecânica. Voltou a estudar para atender às exigências do mercado de trabalho. É eletricitista, funcionário de uma empresa que presta serviços para USIMINAS e exerce suas funções na área de manutenção de equipamentos elétricos e eletrônicos.

As Entrevistas: Disponibilidade

Antônio Carlos foi o primeiro a ser entrevistado porque se mostrou mais disponível para se encontrar comigo. Como estava fazendo aula de direção para tirar carteira de motorista, a primeira entrevista aconteceu em três etapas (em dias consecutivos), no Coltec, antes do início de suas aulas. No primeiro momento, mostrou-se um pouco tenso, mas logo notei que já conversava e não apenas respondia às minhas questões. Outras duas entrevistas foram realizadas em sua residência, alguns meses mais tarde, tempo necessário para a definição dos sujeitos que participariam da segunda parte da pesquisa.

A família estava em casa quando a entrevistadora chegou, com alguns minutos de atraso para a segunda entrevista. Antônio Carlos Antônio Carlos foi acordado pela esposa, Simone²², que escrevia um texto para a monografia do curso de especialização. O filho Eduardo saiu do banho, nos cumprimentou e ligou o computador para jogar. De vez em quando, pedia ajuda ao pai, que o observava e orientava para que não executasse comandos que pudessem danificar ou criar problemas futuros. A entrevista transcorreu com tranquilidade e com a participação efetiva de Simone, mas o filho não participou em nenhum momento.

Foi necessária a realização de uma terceira entrevista, pois alguns dados eram, ainda, obscuros ou insuficientes para que se construísse e analisasse a trajetória de formação de Antônio Carlos. Houve novamente participação da esposa de Antônio Carlos, e agora também de seu filho. Cabe informar aqui que a participação de Simone nas entrevistas foi espontânea. Essa participação acontecia quando solicitada por Antônio Carlos ou quando percebia que o marido precisava de ajuda para lembrar fatos e informações sobre a vida escolar, profissional e sobre os familiares. Sendo assim, suas informações complementaram as lembranças do marido. A participação do filho também aconteceu a pedido do Antônio Carlos e trouxe contribuições para apreendermos o investimento da família no processo de escolarização do filho.

²² A esposa de Antônio Carlos pediu que sua identidade fosse preservada, por isso recebeu o nome fictício de Simone.

Durante as entrevistas, Antônio Carlos olhava para a esposa buscando aprovação para o que respondia ou pedindo ajuda para as perguntas sobre sua trajetória de formação. A maioria das questões foi respondida por Antônio Carlos e referendada por Simone. A entrevistadora teve a impressão de que o marido tem o apoio da esposa no desenvolvimento de suas práticas escolares, apesar de terem preferências e hábitos diferenciados de leitura.

Antônio Carlos foi escolhido para fazer parte da segunda fase da pesquisa porque sua prática de leitura é marcada por suas relações de trabalho. Ou seja, através da leitura busca garantir seu lugar no emprego e procura manter-se informado e participante das rodas de conversa com amigos no trabalho e na escola. Outro fator que embasou essa escolha foi a participação de sua esposa em sua formação como leitor e no processo de reescolarização.

Casa e Bairro: busca por melhores condições de moradia

Antônio Carlos reside em casa própria, com a esposa e o filho, em Ribeirão das Neves - município da região Metropolitana de Belo Horizonte. Sua casa está localizada na divisa dos municípios de Belo Horizonte, Contagem e Ribeirão das Neves. O bairro tem boa infra-estrutura com ruas asfaltadas, iluminação pública, escola pública, além de ser servido por várias linhas de ônibus. O casal pretende comprar outro apartamento em um bairro mais próximo do centro de Belo Horizonte para facilitar o acesso do filho à escola.

O apartamento tem sete cômodos (dois quartos, sala/copa, cozinha, área de serviço, banheiro). A sala de visitas é conjugada com a copa e composta por um jogo de sofá, mesa de centro e uma folhagem natural. Em uma das paredes havia dois quadros: um era a fotografia do filho e outro mostrava um certificado de um dos cursos de elétrica feito por Antônio Carlos. A copa tem uma mesa com seis cadeiras, uma toalha, um arranjo de flores artificial, um armário embutido na parede contendo algumas vasilhas e enfeites decorativos. Não havia, neste espaço, aparelho de televisão ou vídeo.

Na área de circulação entre os quartos e o banheiro foi montado um local de estudo. Neste local encontrava-se um computador, uma estante contendo livros didáticos, infanto-juvenis e textos sobre programação de computadores copiados da Internet por Antônio Carlos. A arrumação da casa, nos dias das entrevistas, mostrou que a dedicação com a limpeza e com a decoração do ambiente constituem uma rotina da casa.

A família (de origem) de Antônio Carlos: "Sentava embaixo de uma árvore lá em casa... e lia a Bíblia..."

A mãe de Antônio Carlos, dona Cristina, faleceu quando ele ainda morava em Bocaiúva. Era natural de Lontra, segundo Antônio Carlos, uma cidade do Norte de Minas, localizada nas proximidades de Montes Claros.

De acordo com Antônio Carlos, sua mãe tinha pele clara e era dona de casa. Católica, converteu-se à religião Adventista do Sétimo Dia junto com o marido. Apesar de freqüentar a Igreja Adventista, batizou Antônio Carlos na Igreja Católica influenciada por uma vizinha, também católica. Afirma em diferentes momentos que sua mãe era "como é que se diz, ela era daquelas crentes que sou crente, mas...", em outros termos, a mãe não seguia os preceitos religiosos que a Igreja Adventista do Sétimo Dia exigia e que, na sua opinião, eram seguidos pelo pai.

Antônio Carlos diz não ter certeza da escolaridade de sua mãe. Recorda-se que ela sabia assinar o nome, mas não lembra de ter visto a mãe lendo. Apesar disso, Dona Cristina, segundo Antônio Carlos, fez o que estava a seu alcance para que continuasse os estudos após a conclusão da quarta série do Ensino Fundamental.

Alguns fatos relatados durante as entrevistas mostram esse investimento da mãe em sua escolarização. Enquanto cursava a terceira e a quarta série, a irmã – Renata – o auxiliava nos deveres escolares, e essa era uma tarefa delegada pela mãe. Como tinha esperanças de que o filho pudesse

voltar a estudar, fez com que comprasse uma enciclopédia. De acordo com seus depoimentos, sua mãe não viveu para vê-lo retornar aos estudos.

Utiliza essa enciclopédia atualmente e sobre seu uso informa que:

... ainda uso... ela é bem ultrapassada... mas ainda serve porque tem a Matemática... eu uso... tem umas coisa que eu uso sim... tirar dúvidas eu ainda uso ela... mas tem muita coisa ultrapassada.

Quando interrogado sobre as práticas de leitura de sua mãe, Antônio Carlos relaciona o ato de ler ao cumprimento de uma exigência religiosa uma vez que a religião praticada pelos pais exige leitura de textos bíblicos e de outros impressos publicados e vendidos pela própria igreja. O comentário a seguir evidencia que talvez a leitura fosse utilizada pelos membros da família como parte das práticas religiosas:

... ela sabia. Ela também tinha... mais ou menos... a quarta série mas ela lia mesmo... como é que se diz... ela era daquelas crentes que... sou crente mas... [...] era... não era tão assídua... como meu pai.

O pai de Antônio Carlos, senhor Raimundo, também era natural de Lontra. Segundo Antônio Carlos, era branco, católico e converteu-se à religião da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Trabalhava como lavrador e/ou tomando conta de fazenda. Mudou-se para Montes Claros com a família quando passou a trabalhar como pedreiro.

Essa mudança deve ter acontecido, de acordo com os relatos de Antônio Carlos, antes de ter completado sete anos por não se lembrar da vida em Lontra. Afirma saber apenas que a família tem sua origem em Lontra porque o avô paterno tinha uma marcenaria naquela cidade. Outra indicação da época da mudança da família é o fato de Antônio Carlos lembrar-se que, logo que chegou a Montes Claros, entrou para a primeira série.

De acordo com os depoimentos de Antônio Carlos, o pai freqüentou escola, em Lontra, até a quarta série do Ensino Fundamental. Sabia ler e escrever e faz um comentário comparando a letra do pai com a própria letra:

Meu pai escrevia com... assim... a assinatura do meu pai era trêmula... bem trêmula... que ele tinha dificuldade de escrever mesmo. Mais ou menos parecida com a minha antigamente... [antes de retornar aos estudos] aquela coisa tremida.

Ao ser questionado sobre as práticas de leitura do pai e sobre o material utilizado nas leituras, conta que o pai lia:

... muito livro da igreja... ele lia, lia direto. [...] Ele podia ler outra coisa mas... assim, o que eu via mesmo... era da igreja.[...] Sentava embaixo de uma árvore lá em casa... e lia a Bíblia... lia esses livros... [livros e revistas religiosos] ele comprava essas coleção... esses livros da igreja, né... essas edições que as igrejas lançam, né... assim... está até aqui em casa.

Ao que tudo indica, Antônio Carlos não percebia os investimentos do pai em seu processo de escolarização. Atribuía à mãe, conforme já foi mencionado, todos os esforços para que tivesse êxito nos estudos. Esses esforços da mãe eram materializados na medida em que exigia que freqüentasse a escola, dificultando, sempre que podia, a interrupção dos estudos. O fato de ter visto o pai lendo impressos religiosos não é considerado, por Antônio Carlos, como indicativo de investimento em leitura ou na escolarização, mas como uma prática religiosa.

Comenta o relacionamento na família, comparando as atitudes do pai e da mãe, quando resolveu interromper os estudos:

Não... a minha mãe importava. Meu pai não... meu pai nunca foi ligado... assim... muito, assim... conversar... conversar com a gente, assim... conversar... porque a minha mãe... também não, a gente não tinha muito diálogo dentro de casa...

A vivência religiosa da família na Igreja Adventista do Sétimo Dia fazia com que lessem revistas e folhetos contendo textos bíblicos ou ensinamentos sobre a doutrina religiosa. Além dessas leituras, Antônio Carlos informa que participava da Escola Sabatina da igreja, nos finais de semana, e uma das condições para esse envolvimento era a leitura dessas revistas e o estudo de textos bíblicos. Guarda em casa parte desse material de leitura que pertencia ao pai.

A escola Sabatina recebe esse nome, segundo Antônio Carlos, porque acontece aos sábados – dia dedicado ao descanso pelos Adventistas. Essa escola é caracterizada como o espaço e o local utilizados para ensinar as crianças a seguirem a religião. As aulas eram ministradas por professores

selecionados na comunidade e preparados para desenvolver o ensino da religião.

Antônio Carlos informa que tem um irmão e três irmãs, todos bem mais velhos que ele. Quando entrou para a escola, aos sete anos, os três irmãos mais velhos já eram casados. Não soube informar a idade dos irmãos e teve dificuldades para informar dados sobre ocupação e escolaridade, porque se considera bastante afastado da família. Afirma que:

Não... é... são quatro irmãos... comigo cinco, nossa... Eu sou tão desligado de família... pra você ter uma idéia... eu vou ter que contar nos dedos... Eu fico dois... três anos sem ir lá... [em Montes Claros, onde a maioria dos irmãos mora] nossa... sou desligado.

Getúlio, o mais velho, é pedreiro mora na Bahia. Joana é dona de casa e costureira, trabalha confeccionando cortinas em sua própria casa na cidade de São Paulo. Fernanda, mora em Montes Claros, trabalha como doméstica. Renata, a mais nova das irmãs, mora em Montes Claros, trabalha exercendo funções na área de serviços gerais e limpeza em uma escola pública municipal.

Segundo Antônio Carlos, os três irmãos mais velhos concluíram o Ensino Fundamental e a mais nova cursou o Magistério. Justificou o fato de Renata não exercer a profissão por ter se casado logo após a conclusão do curso e, quando resolveu trabalhar, o concurso que prestou oferecia vagas para o cargo de serviçal apenas. Em alguns momentos menciona que os irmãos estudaram sem que a mãe precisasse forçá-los a cumprir as tarefas e a freqüentar as aulas.

Lembra-se de ter visto Renata lendo e estudando e comenta que:

[silêncio] mais alguém lendo? A minha irmã... essa que chegou a fazer o magistério... ela lia. Ela era muito estudiosa. Como se diz... chegou no interior no limite, né... não tinha mais outra coisa pra fazer.

De acordo com Antônio Carlos, o material de leitura a que teve acesso na infância e na adolescência eram os livros didáticos utilizados pela irmã Renata, o material impresso da igreja Adventista do Sétimo Dia adquiridos pelo pai na própria igreja e a enciclopédia que a mãe o fez comprar logo que interrompeu os estudos.

A família (atual) de Antônio Carlos: “...eu quero que ele estude bastante”

A esposa de Antônio Carlos, Simone, é branca, cabelos e olhos claros, tem trinta e cinco anos. Freqüenta a Igreja Batista desde a infância. É professora no primeiro segmento do Ensino Fundamental das redes pública e municipal em Belo Horizonte.

É natural de Bocaiúva, Cidade do norte de Minas, próxima a Montes Claros. Aos dezoito anos mudou-se para Recife para cursar Música no Seminário Batista. Durante os quatro anos desse curso, segundo seus depoimentos, morou em um internato e recebia ajuda de custo da igreja para estudar.

Ao concluir o curso de Música, recebeu um convite para trabalhar em uma escola particular como professora de música na cidade de Varginha, no sul de Minas. Mas como já havia conhecido Antônio Carlos, segundo seus depoimentos, preferiu permanecer em sua cidade natal e trabalhar como professora das séries iniciais em uma escola rural na rede municipal.

Casaram-se em 1987, continuaram morando em Bocaiúva onde construíram uma casa. De acordo com Antônio Carlos, após três anos de casamento, a esposa recebeu uma proposta para trabalhar em Belo Horizonte como professora de Português na rede estadual de ensino. Simone aproveitou que tinha direito a férias prêmio²³ para dar início aos trabalhos em Belo Horizonte.

Vieram para Belo Horizonte porque Simone teria melhores oportunidades de emprego e possibilidades de voltar a estudar. Segundo Antônio Carlos, o começo da vida, após a mudança, não foi complicado, porque a família de Simone já morava na capital. Moraram com a mãe de Simone por um ano. Venderam a casa que possuíam em Bocaiúva, compraram

²³ Férias prêmio é a denominação de um benefício dos funcionários públicos que consiste em desfrutar três meses de férias após cada cinco anos de efetivo trabalho no serviço público.

a parte de cima da casa da sogra. Construíram outra casa e moraram nesse local até que toda a casa foi vendida pela sogra. Com o dinheiro recebido deram entrada no apartamento em que residem atualmente.

De acordo com Antônio Carlos, logo que chegaram a Belo Horizonte Simone cursou algumas disciplinas isoladas no curso de Letras da UFMG no intuito de qualificar-se profissionalmente. Ao concluir essas disciplinas, participou da seleção para Obtenção de Novo Título²⁴, também no curso de Letras. Foi classificada entre os três primeiros colocados e afirma que havia mais de cem concorrentes a uma vaga. Simone comenta e analisa os dois cursos de graduação feitos em diferentes períodos de sua vida:

... foi um curso muito bom... porque eu fazia o que eu gostava, e... eu estava estudando, e... praticando, né... que a gente estava sempre em eventos muito grandes... era muito bom... e eu estudei com pessoas muito boas mesmo... músicos mesmo... eu tive oportunidade de fazer um curso bom... uma pena, né... que depois você não tem valor... que música todo mundo gosta mas de graça, e... até na própria igreja eu parei porque você tem que dedicar um tempo pra estudar... e você não ganha nada. [...]

Eu há anos e anos sem estudar... eu achei que... que eu não ia dar conta... mas eu entrosei muito bem com eles e ... e... foi assim... foi um curso maravilhoso... eu aprendi, assim... eu sinto não ter podido aproveitar mais... eu poderia ter feito línguas... eu poderia ter feito inglês, espanhol... eu comecei fazer... alemão... fiz dois semestres... estava gostando... e tive que parar porque o três [referindo-se ao terceiro módulo do curso de alemão] era à noite... e eu tinha que trabalhar à noite... então, não... não... espanhol também era só oferecido à noite... e eu trabalhava à noite... não podia... então, assim... que eu tinha que trabalhar... eu não pude aproveitar mais... mas o que eu pude aproveitar... nesses quatro ano... eu aproveitei muito bem, mesmo... eu trabalhava dois horários e minhas notas eram excelentes comparando com o pouco tempo que eu tinha pra estudar... que eu... eu amo escola... eu acho que eu não daria certo pra outra profissão... eu gosto de escola... de sala de aula... eu gosto... faço por prazer mesmo, então... o curso de Letras foi maravilhoso.

No momento de nossa última conversa, agosto de 2002, Simone estava concluindo o curso de pós-graduação *latu sensu* na Universidade Federal Fluminense. O tema da monografia exigida como requisito para aprovação no curso foi a "coesão em redações escolares". Para realizar a análise dos textos,

²⁴ Obtenção de Novo Título é uma das formas de ingresso na UFMG para pessoas que já tenham concluído algum curso de graduação. A seleção costuma ser bastante concorrida e consta de prova e análise de histórico escolar anterior.

selecionou produções de alunos de sexta série. Afirmou que escolheu esse tema:

porque eu lido com redação o tempo inteiro, então... está dentro da minha realidade, aí... eu usei... tinha o material disponível... que era a redação de meus alunos, e... peguei pra analisar as redações... os problemas que eles mais cometem, né... nas redações... os problemas mais freqüentes.

O filho de Antônio Carlos e Simone, Eduardo, tem onze anos, é branco, cabelo preto e liso. Freqüenta a Igreja Batista junto com a mãe. Estudou até a quarta série do Ensino Fundamental em escola pública municipal no bairro em que moram.

Ao concluir o primeiro segmento do Ensino Fundamental, fez testes de seleção em três escolas particulares (Colégio Militar, Anchieta e Wenceslau Brás). Como Eduardo não conseguiu ser aprovado no colégio Militar, preferência dos pais, ele escolheu o Anchieta. A mãe disse que deixou que Eduardo escolhesse a escola que mais lhe agradasse.

Ao que tudo indica, a esposa de Antônio Carlos foi quem se dedicou mais diretamente à escolha do estabelecimento de ensino assim como se dedica a acompanhar mais de perto a trajetória escolar do filho. É a própria Simone que comenta os motivos que a fizeram matricular o filho em uma escola particular:

eu conheço as duas realidades de escola pública... tanto a municipal.. quanto estadual... e eu não acho... se eu posso... se a gente pode, né... colocar numa escola particular... pra ele ter uma assistência melhor... eu... por isso... porque a gente não tem escola pública de qualidade. As escolas são super lotadas, não tem material...

O casal conversou com amigos que têm filhos nas escolas nas quais Eduardo faria o teste de seleção e visitaram as escolas no intuito de saber sobre a proposta pedagógica, para conhecerem o funcionamento e o relacionamento das pessoas nessas escolas. Ou seja, os pais tiveram o cuidado de analisar em qual escola o filho daria continuidade aos estudos. Muitos estudos sobre investimento familiar na trajetória escolar dos filhos têm mostrado que essa preocupação é comum aos pais de classes médias, uma

vez que nas classes populares a escola pública mais próxima da residência é a única opção de escolarização dos filhos²⁵.

Mudar o filho de escola a partir do segundo segmento do ensino fundamental mostra, além do investimento dos pais na educação escolar do filho, a preocupação com seu futuro. Eduardo nos informou que ainda não escolheu uma profissão e os pais o apóiam na escolha que fizer. O pai, em especial, espera que estude muito e que:

eu quero que ele estude bastante... e quero que ele seja, assim... sei lá um doutor. Vai ser... Doutor mesmo... não é esse doutor... não é esses doutores que tem aí... que faz faculdade e cisma que é doutor.

Eduardo faz uma comparação entre as escolas que já freqüentou:

Ah... eu estou achando muito boa...que essa escola que eu estava antes... ela era ruim... os alunos não prestava atenção nas coisa, e... atrapalhava a aula... agora... essa não... essa é diferente.

Antônio Carlos pede ao filho que comente sobre os livros lidos a pedido da professora e Eduardo, prontamente, informa alguns títulos como "O menino maluquinho", "A macaca espanhola" e "O pai do Cavaleiro". Comenta ainda sobre o tipo de livro que costuma tomar emprestado na escola:

além do que a professora pede... tem vez que lá... que lá... na escola eu pego alguns livrinho pra trazer aqui pra casa, aí... eu leio. [...] Ah... tem vez que eu pego livro sobre... um dia eu peguei um livro de futebol... um dia eu peguei um livro de aventura.

Ao ser interrogado sobre os estudos do pai, Eduardo diz que acha bom que esteja concluindo os estudos e sempre que precisar poderá pedir-lhe ajuda. Em relação ao uso da Internet diz que o pai sabe muito sobre computadores e Internet e que: "tudo que eu aprendi eu vejo ele fazendo eu aprendo".

Trajectoria de formação de Antônio Carlos: "eu detestava escola, aí... eu preferi ir trabalhar... aprender uma profissão".

²⁵ Ver por exemplo: ZAGO, 2000; NOGUEIRA, 1991; VIANA, 1998, dentre outros.

A trajetória escolar de Antônio Carlos, segundo seus depoimentos, teve início aos sete anos quando a família mudou-se para Montes Claros. Ele caracteriza a primeira escola que freqüentou:

Eu comecei na escola do batalhão... esqueci o nome da escola [...] Alferes Tiradentes... ela era toda de lata... a escola... era toda de lata... existe até hoje... acho que existe até hoje... eu não me lembro bem... mas... me parece que lá só tinha até o primeiro ano... primeiro e segundo ano... eu acho...

Afirma ter aprendido a ler na segunda série. Avalia que não era uma "maravilha" de leitura, mas "já lia alguma coisa". Recorda-se de ter comprado e lido dois livros da coleção Vaga-lume da editora Ática - "O gigante de botas" e "A ilha perdida". Esses livros foram indicados a todos os alunos pela professora quando da passagem de um livreiro pela escola. A professora pediu que os alunos lessem os livros. Antônio Carlos contou o que lembra dessa leitura:

Muito vagamente... sei que... A ilha perdida foi... eram três... acho que eram três meninos num mesmo barco e se perderam no mar... e agora... O gigante de botas... eu não lembro mais como que era a história.

De acordo com seus depoimentos, não gostava de estudar e quase não assistia às aulas. Dona Cristina o obrigava a freqüentar a escola. Foi reprovado na terceira série e atribui essa reprovação às faltas e à indisciplina e diz que teve boas professoras.

A partir da terceira série, passou a estudar em uma outra escola, também estadual. Essa transferência ocorreu, segundo Antônio Carlos, porque a primeira escola só oferecia os dois primeiros anos do Ensino Fundamental. Conta que fazia ainda mais bagunça nessa escola porque era menos rígida que a primeira.

Ao concluir a quarta série do Ensino Fundamental, com doze anos, resolveu interromper os estudos. A mãe não concordou com essa decisão, e só permitiu o abandono da escolarização com a condição de que teria que aprender uma profissão. Conta que: "detestava escola, aí... eu preferi ir trabalhar... aprender uma profissão". Avaliou seu desempenho escolar até o final do primeiro segmento do Ensino Fundamental: "eu cheguei à quarta série... aos trancos e barrancos" [risos].

Tempo sem escola: "... então, tudo que eu sou curioso eu faço"

Antônio Carlos permaneceu sem freqüentar escola por um período de dezessete anos. Durante esse tempo fez cursos de qualificação profissional na área de elétrica, investindo em sua formação profissional.

Logo que abandonou os estudos, Antônio Carlos trabalhou como ajudante em uma oficina mecânica em Montes Claros. Uma alergia ao excesso de óleo na pele o fez deixar o trabalho de mecânico. Passou a trabalhar, então, na oficina elétrica de um de seus primos. É ele mesmo quem conta esse início de vida profissional:

...aí, eu parei de trabalhar com oficina mecânica e fui trabalhar com... meu primo, com... ele trabalhava com enrolamento de motor elétrico... conserto de máquina de lavar... geladeira, aí... fui ajudar ele. [...] Aí... que eu aprendi eletricidade... conserto de máquina de lavar... geladeira... essas coisa tudo... eu aprendi com ele.

Trabalhou na oficina do primo dos catorze aos dezoito anos, sem carteira assinada. Afirma que o fato de não ter essa experiência registrada em carteira o prejudica até hoje. Durante esse tempo, de acordo com seus relatos, fez um curso de elétrica básica por correspondência do Instituto Universal Brasileiro. Sente-se orgulhoso ao mencionar como fez esse curso:

Eles mandavam todo o material didático... livros... a gente estudava... e depois... eles mandavam a prova pra gente fazer... a gente fazia a prova... e mandava pra eles corrigir.

Conta o que aprendeu nesse curso:

o básico da elétrica... nesse primeiro que eu aprendi... no primeiro que eu fiz pelo Instituto Universal eu aprendi só o básico da elétrica... eletricidade básica mesmo... ligações simples... o mínimo da elétrica.

O material didático utilizado para esse estudo é mencionado com certos detalhes que demarcam a importância do investimento na formação profissional. Comenta ainda que para fazer o curso por correspondência teve que ler mais do que em outros cursos feitos posteriormente:

... era mais... [referindo-se à quantidade de leitura]. Era um livro... um livro... mais ou menos... a metade de um papel A4, né... e mais ou menos... umas cinqüenta, sessenta páginas [...] me parece que eram doze módulos... doze livrinhos desses.

De acordo com seus depoimentos, tinha consciência de que, ao fazer esse curso por correspondência, não teria melhores condições para disputar vagas no mercado de trabalho. Conta com veemência os motivos que o levaram a fazer esse curso por correspondência:

... porque eu queria aprender... eu era curioso na área de elétrica, então eu queria aprender mais na área de elétrica... então tudo que eu sou curioso eu faço.

Entre os catorze e os dezoito anos Antônio Carlos tinha como principal atividade o trabalho na oficina elétrica. Nos finais de semana, costumava sair para se distrair com amigos. Esse divertimento, segundo ele, constava de participação em festas e bailes, e às vezes se envolvia em brigas que preocupavam a mãe, dona Cristina.

Segundo seus relatos, sempre teve vontade de mudar-se para São Paulo por acreditar que teria melhores oportunidades de emprego e de salário. Dona Cristina só permitiu que fosse morar com a irmã em São Paulo quando completou dezoito anos e após ter se envolvido em uma briga. Ele conta um pouco desse episódio:

... e minha mãe não deixava eu ir pra São Paulo. Mas, aí... aconteceu uma briga... que eu perdi um pedaço da orelha na briga, aí... minha mãe ficou com medo... e falou: 'ah... agora você... pode ir pra São Paulo... você quer ir embora... você pode ir... Aí que eu fui pra São Paulo.

Morou em São Paulo, na casa da irmã Fernanda, por um ano. Afirma não ter gostado de morar e trabalhar na capital paulista. Durante esse tempo, de acordo com seus depoimentos, trabalhou em oficinas de enrolamento de motores elétricos. Ao retornar para Montes Claros, ficou desempregado por um mês porque não queria voltar a pedir emprego ao primo. Mas, dessa vez o primo o convidou para trabalhar sempre que houvesse muito trabalho e a proposta foi aceita por Antônio Carlos para não continuar desempregado. Ele relata que:

... só que assim... não era direto não... fazendo uns biquinho... se ele precisava... ele me chamava... fazia. Eu falei: 'não... pra mim não ficar em casa à toa... eu venho'. Aí, ele precisava... apertava... ele me chamava... eu ia lá fazia o serviço... tipo bico, né...

Esse trabalho lhe rendeu um emprego melhor em uma empresa siderúrgica em Bocaiúva, cidade vizinha a Montes Claros. Foi convidado por um funcionário dessa empresa a mudar de emprego e de cidade porque, segundo Antônio Carlos, ele gostou de seu trabalho. Não teve dúvida em aceitar a proposta porque passaria a receber: “dois ou três salários a mais... que eu ganhava em Montes Claros... e eu não ia?”.

Em Bocaiúva, teve a oportunidade de fazer um curso de comandos elétricos oferecido pelo SENAI. Esse curso teve duração de três meses, foi feito “no período de trabalho, uma hora antes do término... a gente tinha pra fazer o curso”. Ele comenta com entusiasmo como esse curso foi feito e o compara com cursos oferecidos em escolas regulares:

Oh... era uma unidade móvel do SENAI... o curso era feito numa unidade móvel deles... então, era uma carreta... ela tinha tudo... ela tinha todos os equipamentos lá dentro... ela tinha todo material didático... dentro dessa carreta... eles conseguiam fazer uma sala de aula lá dentro... com testes, com tudo... então, os equipamentos que a gente tinha para esses cursos era excelente... não deixou nada a desejar de uma escola.

Antônio Carlos informa o que aprendeu nesse curso, comparando com o que tem aprendido na área de informática:

... e no de comandos elétricos... eu aprendi a fazer é... é...a fazer é... comandos elétricos na verdade são... são... parte automatizada da elétrica, né... onde trabalha várias... você consegue interligar vários... é se fosse a informática hoje... uma programação... você está programando a máquina pra fazer várias coisas... entendeu... quer dizer trabalha com vários motores interligados... você faz uma programação, aí... você aprende mais a programar... é mais técnico.

Alguns anos mais tarde, segundo seus relatos, mudou-se para Belo Horizonte com a família porque a esposa tinha recebido uma proposta melhor de trabalho e poderia também retornar aos estudos. No próximo item, discutirei um pouco mais sobre a trajetória de formação de sua esposa por acreditar que seu investimento pessoal e profissional tenha, talvez, influenciado a formação de Antônio Carlos.

Seus relatos indicam que sua prática de leitura e de escrita estão voltadas para a realização de cursos de qualificação e aperfeiçoamento profissional. Pelo menos é isso que ele mesmo diz quando interrogado sobre

as leituras que realizava como exigência dos cursos: “mais era noções de elétrica mesmo... noções elétricas, comandos... elétrica básica”. Comenta ainda que lia além das indicações contidas nos equipamentos elétricos e que para acompanhar os cursos e ter bom desempenho “tinha que ler... fez prova... eu tenho as provas até hoje”.

De acordo com Antônio Carlos, após a mudança para Belo Horizonte, trabalhou em oficina elétrica desenvolvendo as atividades que já tinha experiência: enrolamento de motores elétricos. Alguns anos mais tarde, ficou desempregado, teve que procurar por emprego, preencher fichas e formulários de inscrições candidatando-se a uma vaga no mercado de trabalho. Ele faz algumas relações entre procurar emprego em firmas de pequeno porte, em grandes empresas e nas agências de recursos humanos:

... chegava nas oficina... oficina pequena até que eles não importa muito com grau de escolaridade... tem na ficha mas aquilo ali eles nem olha... só coloca lá... grau de escolaridade e... agora... numa empresa grande não... aquilo lá... eles leva muito a sério...

A procura por emprego em Belo Horizonte e o relacionamento com colegas de trabalho fizeram com que sentisse a necessidade de retornar aos estudos. Ele conta um pouco mais sobre esses motivos:

Quando eu... o seguinte... quando eu ia trabalhar... toda vez que eu ia arrumar um emprego... eu tinha problema... justamente por causa de escolaridade... pra mim ganhar melhor... eu tinha que ter... um grau de instrução melhor [...] então, pra mim conseguir trabalhar numa empresa maior eu teria que estudar... foi quando eu comecei a trabalhar na... na... nessas empresa... pequena... que eu fui conhecendo os funcionário, aí... eles falando que outras empresas pagavam melhor mas tinha que ter curso... tinha que ter isso... tinha que ter aquilo... aí eu já comecei a pensar... falei: 'vou ter que estudar pra mim conseguir' [referindo-se a melhores empregos].

Na adolescência, Antônio Carlos interrompeu os estudos para trabalhar e aprender uma profissão. Conseguiu aprender a profissão de eletricista na prática através do auto-estudo e dos cursos por correspondência e de qualificação profissional. Na fase adulta percebe que a sua escolaridade, ou a sua falta de escolaridade, não permite que se insira ou se mantenha nesse mesmo mercado de trabalho. Enquanto procurava por emprego, chegou a omitir seu verdadeiro grau de escolaridade. Ele comenta que:

... pra conseguir ganhar... subir numa empresa... sem estudo não dá mesmo... pra conseguir emprego. Você saía de uma empresa... é difícil você chegar em outra empresa... eu já cansei de preencher ficha de empresa e colocar oitava série... grau de estudo: primeiro grau completo... eu não colocava quarta série... porque se colocasse quarta série... eu não conseguia.

Quando trabalhava em uma empresa que prestava serviços para uma montadora de automóveis e, lembra Antônio Carlos, seu contrato de trabalho foi interrompido, um dos funcionários da montadora o convidou para voltar a trabalhar após o cumprimento do prazo legal de aviso prévio (um mês). Enquanto isso, procurou emprego em outras firmas e participou do processo seletivo para cursar o segundo segmento do Ensino Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG (CP).

De acordo com seus depoimentos, foi selecionado para trabalhar no escritório de uma empresa prestadora de serviços elétricos. Logo em seguida, a própria empresa o encaminhou para prestar serviços na área elétrica da USIMINAS. Conta com satisfação a conquista dessa vaga:

A vaga era pra trabalhar na SERTEC... lá no escritório da SERTEC... quer dizer... se eu estivesse lá eu não trabalhava lá mais hoje... mas, aí... tinha uma... o salário era uma... eu tinha pedido um salário maior do que o que eles estavam pagando... que tem lá... eu pedi maior, aí... que o dono da empresa... não sei se era o dono se era gerente... sei lá... da SERTEC... que me chamou e falou: 'oh... tem uma vaga na USIMINAS... e lá você...'. Eu tinha... eu tenho o curso de comandos elétricos... que eu fiz em Bocaiúva, então... a USIMINAS estava exigindo o curso de comandos elétricos... e como no dia só tinha ido eu e mais outro eletricitista, aí... o cara falou: 'a vaga é sua... daqui é sua... mas como só tem dois... se você quiser tentar lá na USIMINAS eu dou a vaga pro outro'. A vaga estava garantida... só que o salário era menor... eu falei: eu tento na UFMG [várias vezes trocou o nome da empresa com o da universidade], aí... fui pra USIMINAS... tentei lá... fiz teste... fiquei uma semana aqui em casa. Aí... eles me chamaram. Fiquei uma semana... esperando, só.

Para ter condições de trabalhar e estudar à noite, uma vez que tinha sido selecionado para estudar no CP, Antônio Carlos preferiu trabalhar nessa empresa a trabalhar na montadora de automóveis.

Na empresa em que trabalha atualmente, ele tem por função cuidar da manutenção dos materiais elétricos, da refrigeração da empresa, além de

fazer relatórios escritos sobre as atividades desenvolvidas. Conta com mais detalhes as atividades por ele exercidas:

Ah, eu cuido da parte de... de... de... de refrigeração da empresa... interna... ar condicionado... na parte de informática... na área de elétrica de... de dar suporte pra... pra informática... trabalhar mesmo a falta de energia elétrica... A parte de informática... ela não pode ter falta de energia elétrica... então faço manutenção em geradores... que tem que ter... faltou energia ele tem que estar funcionando. É... manutenção nas bombas de ar condicionado do prédio... é... faço anotações, né... que são controles do próprio equipamento, né... de manutenção... dentro do funcionamento do equipamento e... que mais que eu poderia dizer... leitura na subestação... tem que fazer toda semana... todo dia... pra controlar o consumo de energia no mês... quem faz sou eu.

Ao ser interrogado sobre o material que lê para exercer o trabalho, Antônio Carlos informa que, além dos manuais dos equipamentos, consulta, com frequência, um livro sobre elétrica básica para fazer cálculos a pedido de seu chefe. O depoimento a seguir mostra que Antônio Carlos tem no exercício das atividades profissionais a definição de suas práticas de leitura:

...quando pego... por exemplo... quando meu chefe pede... por exemplo... pra eu fazer um cálculo... que ele é engenheiro civil, então... ele não entende de nada de elétrica, então... quem faz cálculos... normalmente sou eu... pega aquelas fórmulas de engenharia... e eu consigo fazer... mesmo sendo uma fórmula que é dada só lá na engenharia... mas eu já consegui fazer, é... então... é... e... e... eu leio... por exemplo... livro de elétrica... tem por exemplo... livro de eletricidade básica... do Hélio Kleder... e esse livro é muito usado na elétrica, então... quando a gente precisa tirar dúvidas, e... a gente procura nesse livro.[...] Tem lá na empresa, então... é... os manuais também... porque... quando instala um novo equipamento vem os manuais. E manuais de máquinas industriais... eles são bem grandes, então... tem que... tem que dar conta de ler tudo.

Mais adiante comenta ainda que o fato de ser curioso e de estar sempre perguntando ao chefe aquilo que ainda não sabe ou que tem dúvidas faz com que adquira conhecimentos escolares e/ou profissionais sem freqüentar escola. Antônio Carlos conta como aprendeu um dos conteúdos escolares da área de Matemática:

Na empresa eu sempre tive essa, eu sempre fui muito curioso. É... quando eu... tinha contas... eu tinha muita dúvida... quando eu entrei no CP eu já tinha feito 4ª série... mas não tinha aprendido na escola regra de três... eu já sabia regra de três... por quê? Porque os engenheiros que trabalhavam na empresa... eu era curioso... eu

perguntava... eles me explicavam... colocavam: 'regra de três... aqui, olha... isso aqui é regra de três', aí... eu aprendi o que... que era regra de três... aí eu aprendi a fazer com eles... porque eu era curioso... eu queria aprender... eu sempre gostei. Toda profissão que eu trabalhei, é... sempre foi no... mais no ramo elétrico, mas... toda profissão que eu trabalhei... me aperfeiçoar, e... muito melhor porque eu não quero ficar pra trás, então... quero sempre, então... não adianta sem você ler e tirar suas dúvidas.

O processo de retomada da escolarização: "... hoje eu consigo desenvolver a leitura... antes eu não conseguia"

Segundo Antônio Carlos, as informações sobre o curso oferecido pelo CP chegaram até ele por intermédio de sua esposa que cursava Letras na UFMG. Como já estava pensando em retornar aos estudos devido às dificuldades para encontrar emprego, procurou a secretaria do Projeto de Ensino Fundamental – segundo segmento (PROEF II) para buscar maiores informações e preencher a ficha de inscrição para a seleção.

No final de 1997, Antônio Carlos fez a inscrição para participar do processo seletivo no curso supletivo na UFMG. Segundo suas informações, não teve dificuldades nas provas. De acordo com seus depoimentos, o processo seletivo constou do preenchimento da ficha de inscrição, prova de conhecimentos básicos em Português, Matemática, Geografia, História e Ciências, além de uma entrevista.

O curso no CP teve duração de dois anos e, na opinião de Antônio Carlos, contribuiu de forma significativa para sua formação como leitor. É ele mesmo que faz uma avaliação de suas habilidades para ler e escrever comparando-as antes e depois da (re) escolarização:

Hum... antes de eu entrar... antes... antes que eu... na época que eu entrei no CP... a minha escrita era horrível, eu não sabia escrever.... É tanto que a Ção...[coordenadora da área de Matemática do curso no CP] que me conheceu quando eu comecei... me falaram... todos falaram que estava escrevendo... muito melhor... depois que eu estava

terminando o CP. Quando eu entrei no CP... eu escrevia horrível... minha letra era horrível.

Afirma ainda que ter voltado a estudar fez com desenvolvesse as habilidades para ler, o que torna a leitura menos difícil:

Eu acredito que ter voltado a estudar... é... que contribuiu a eu gostar mais de ler igual leio hoje as coisas... talvez eu ter voltado a estudar... aí eu vi... antes eu não conseguia ler, é... com tanta desenvoltura igual eu consigo ler hoje... hoje eu consigo desenvolver a leitura... antes eu não conseguia, então... ficava maçante... e eu não terminava de ler... cansativo.

Antônio Carlos faz alguns comentários sobre aulas e/ou professores do CP que contribuíram para melhoria da qualidade de suas habilidades de leitura e de escrita, portanto, de sua formação como leitor:

... então por exemplo... eu tinha uma professora... tinha uma professora de História... que as matérias que ela deu quando eu comecei lá na quinta série... lá no primeiro segmento, é... ela dava aula de História... História do Brasil... e eu adorava... eu era apaixonado com História, então... eu li muito nessa época... me contribuiu muito pra mim ler... porque eu li a História toda do Brasil... de Getúlio... Tchê Ghevara... Revolução de 30 toda... eu li... antes de Getúlio... Porque eu gostava de ler... eu me interessei por isso... então essas revolução toda que aconteceram... eu li todas... História do Brasil eu gostei... aprendi, então... talvez foi isso que me incentivou a ler mais... foi essa professora... que ela falava assim: 'vocês têm que ler isso aqui porque isso aqui é a História assim, assim, assim é boa'... e eu fui ler e gostei mesmo... eu nem sabia... por exemplo... sabia que Thie Gevara por exemplo existia... comecei ler a história dele... aí fui saber que ele era médico... formado em medicina... que ele não era cubano... acho que ele era argentino... e foi pra Cuba, aí... que eu fui, aí... aquilo foi me segurando... as revoluções... a História do Brasil, aquelas histórias de revolução.

Ao concluir o Ensino Fundamental no CP no final de 1999, Antônio Carlos participou da seleção para cursar o Ensino Médio no Coltec da UFMG. Enquanto cursava o Ensino Médio, ele fez um curso de Inglês na empresa em que trabalha. Esse curso teve duração de seis meses com duas aulas por semana de uma hora cada. Apesar de ter sido feito por intermédio da empresa, segundo Antônio Carlos, foi ele quem custeou esse curso.

De acordo com seus depoimentos, o Coltec ofereceu aulas de informática para os alunos. Durante essas aulas ele aproveitou para aprender um pouco mais sobre programação de computadores e teve a oportunidade de

construir uma página na Internet para o Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos (PEMJA). Avalia suas práticas de leitura ao mencionar seu desempenho na área de informática por exigir que leia e esteja atualizado em relação às inovações do mercado. Fala dessa experiência mostrando estar satisfeito, realizado com o investimento pessoal:

Eu fiz a página do projeto... e pra isso a gente tem que ler muito... Pra fazer uma página da Internet... um cara que nunca fez um curso... nem de digitação... fiz a página.

As leituras sobre informática a que Antônio Carlos se refere constituem, talvez, uma forma de auto-estudo uma vez que ele mesmo menciona não ter feito nenhum curso nesse campo do conhecimento. Em outros termos, o que vem aprendendo e fazendo na área da informática é resultado do esforço e da dedicação pessoal, assim como fez na área de elétrica. Afirma que essas leituras constituem, para ele, uma forma de lazer:

...contribui sim... contribui sim... pro lazer... porque eu gosto de... de informática, então... eu tenho que ler pra... pra... pra aprender eu tenho que ler, é... é... esse computador mesmo... eu já consertei ele duas vezes... eu mesmo abro e conserto... nunca foi no conserto. E nunca... nunca fui em nenhuma escola de informática... em nenhuma... nem pra consertar e nem pra aprender.

Algumas Considerações:

As práticas de leitura: "eu leio, sim... mas é o que eu gosto."

Quando criança, Antônio Carlos lia para atender às exigências escolares, como a leitura de livros infantis - "O gigante de botas" e "A ilha perdida" - sugeridos pela professora. Os comentários feitos por ele sobre essas leituras indicam que essa leitura, realizada como tarefa escolar, talvez, não tenha lhe causado prazer ou mesmo despertado seu interesse pelos livros.

As tarefas escolares eram realizadas com a orientação de uma das irmãs mais velhas e sob a orientação da mãe que, segundo ele, lia pouco. Os comentários de Antônio Carlos sobre a vida escolar de seus irmãos mostram

que dona Cristina teve que se empenhar bastante para que ele - o filho caçula - concluísse o primeiro segmento do Ensino Fundamental. Os outros irmãos concluíram todo o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, no caso de Renata, sem dar tanto trabalho para a mãe quanto Antônio Carlos.

Os investimentos de dona Cristina, mesmo após Antônio Carlos ter interrompido os estudos para trabalhar e aprender uma profissão, apontam para uma valorização do processo de escolarização pela família. Além desse investimento familiar, Antônio Carlos teve, ainda na infância e adolescência, as leituras voltadas para a prática religiosa.

Até os catorze anos, freqüentou a Igreja Adventista do Sétimo Dia, junto com o pai. Antônio Carlos informa que a participação na Escola Sabatina exigia a leitura e o estudo de textos bíblicos e de impressos publicados pela própria igreja para "ensinar a religião pras crianças". É assim que ele define as aulas que recebia aos sábados, dadas por pessoas mais velhas da comunidade religiosa.

Na adolescência também lia, segundo ele, textos voltados para a área de elétrica. O trabalho com o primo na oficina elétrica o fez buscar maiores conhecimentos na área para que pudesse aprender os conceitos básicos da eletricidade. Apesar de não ter obtido o certificado do curso feito por correspondência, por dificuldades financeiras, Antônio Carlos julga ter aprendido bastante com esse estudo.

Ao ser interrogado sobre o que lia entre os catorze e os vinte e nove anos - idade em que deu início ao curso no CP - comenta que:

... lia... muito pouco... mas lia... não lembro, assim... o que que eu lia... mas muito pouquinho... mas lia... nunca fui ligado a revistinha em quadrinho... essas coisa.

Apesar de julgar ter lido pouco nessa fase de sua vida, o curso por correspondência e a participação no curso de qualificação profissional oferecido pelo SENAI aconteceram nessa época. Esses cursos exigiram que lesse e estudasse para garantir sua permanência no mercado de trabalho. Ele não considera ter feito esses cursos para atender às exigências do mercado de trabalho, mas porque lê o que gosta e que poderá ser aplicado. Em outros

termos, sua prática de leitura é uma aplicação imediata como a leitura de manuais técnicos que afirma gostar de ler.

O processo de escolarização é novamente valorizado por Antônio Carlos ao comparar suas habilidades de leitura (e de escrita) antes e depois da conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Ele mostra, em diferentes momentos das entrevistas, que o retorno aos estudos o ajudou a desenvolver a leitura, a melhorar a escrita e a gostar mais de ler. Em um de seus depoimentos fica clara essa auto-avaliação:

... assim, é... eu tenho é... eu leio... eu estou lendo muito melhor... escrevendo muito melhor... bem menos erros de Português ... mas eu poderia... eu acho que eu poderia ler mais ainda.

Em nenhum momento de nossas conversas, Antônio Carlos menciona a esposa como um referencial para suas práticas de leitura. Talvez não a considere como leitora modelo porque os gostos do casal se diferenciam. As afirmações dele em relação à leitura de romances mostram que sua prática de leitura tem um “para quê” bem definido:

... igual... por exemplo... romance eu não gosto de ler. [...] Ah... sabe... o que que é... eu não sei... não... não me interessa, assim... eu não tenho interesse por esse tipo de leitura... o que que eu vou ler... é a história de um, né... de um casal que morava [referindo-se ao livro Vidas Secas, lido por ele recentemente]. Pra quê? Não tem graça.

Após explicitar os motivos que o fazem não gostar de ler romances, Antônio Carlos é enfático ao falar sobre as leituras que prefere fazer, os motivos que o fazem ler: “...Pegar o livro... vou lá... saber como é que faz o negócio... lá no computador, aí... eu quero ler”.

Ao que tudo indica, para Antônio Carlos, a leitura precisa ter um objetivo claro e bem definido. As leituras que pratica conferem, segundo ele, um aprendizado. E aprender algo a partir da leitura de um manual, de uma revista ou de um livro significa colocar em prática as indicações desse texto. Talvez essa prática de leitura proporcione a ele uma significativa diferença de quando lê romances, uma vez que não atribui aprendizado a essa leitura. Talvez por esse motivo, ele julgue desnecessário ler um texto literário. Outro fator que dificulta a leitura de romances, apontado por Antônio Carlos, é a dificuldade para encontrar palavras usadas pelo autor no dicionário. Ele

comenta que para ler e entender “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, recorreu várias vezes ao dicionário. Como não obteve êxito com o “Aurélio” que sempre leva consigo, utilizou um dicionário antigo da empresa. Ele comenta essa experiência:

...pois é... nossa... nele [Vidas Secas] eu usei dicionário demais, nele, uai... que, que é aquilo... não... e o pior que tem aquelas palavras difíceis do interior... que não adianta você ir no dicionário... você não acha. Agora... só que lá na empresa... tem um dicionário antigão, aí... eu achei umas palavras lá... um dicionário antigo, eu achei...

O uso do dicionário é uma marca de Antônio Carlos, pois traz sempre consigo um exemplar para retirar dúvidas de palavras que dificultam o entendimento da frase. Em sala de aula, os colegas recorrem a ele quando precisam consultar algo durante as aulas. Ele explica o uso do dicionário em seu dia a dia:

... e eu gosto de usar... é... quando eu estou no serviço... lendo... as dúvidas das palavra tem de tirar... não adianta você lê um...um... você lê uma frase, e... tem uma palavra... que você não sabe o significado dela... você não consegue interpretar aquela frase... tem que correr no dicionário.

Apesar de dizer que não gosta de ler romances Antônio Carlos considera interessante a construção do texto pelo autor, mas prefere ler sobre a vida do autor. Seu depoimento é claro:

... é interessante... que é o autor criar todo o ambiente ali, né. [...] pra você ver... eu li um livro sobre ele [Graciliano Ramos] eu sei que ele ficou preso... na época que ele escreveu esse livro... ele estava preso...

Nesse momento, a esposa interfere informando que: “Memórias do cárcere que ele estava preso”. E Antônio Carlos contesta: “os dois... ele escreveu Memórias do cárcere e ele [Vidas Secas]... os dois foram escritos...” E a esposa se dá por vencida na discussão.

Outros tipos de textos apontados por Antônio Carlos como interessantes são aqueles ligados a suspense e terror. Os textos voltados para a área de História também fazem parte do material de leitura que o interessa. Talvez esse interesse tenha surgido a partir do processo de re escolarização. Ele menciona uma professora de História do CP que contribuiu para que

começasse a ler textos voltados para essa área, mostrando a importância desses conhecimentos para a formação das pessoas.

O depoimento a seguir é um indicador de que, no caso de Antônio Carlos, talvez, a reescolarização tenha contribuído de forma significativa para sua formação como leitor:

Thies Guevara... sobre a história de Thies Guevara... eu gosto... eu li toda a história de Thies Guevara... peguei os livros li... falei na ponta da língua... que... tinha que... apresentação na escola... mas por que eu gosto de ler esse tipo de coisa... história... eu gosto de história... livros das história... por exemplo de... eu tenho dois aqui... que eu comprei... você lembra que eu comprei? [conversando com a esposa]... de Platão...

Os livros que cita nesse depoimento fazem parte da coleção “Os pensadores” publicado pela editora Abril.

Durante as duas primeiras entrevistas, os depoimentos de Antônio Carlos tiveram um tom de receio ao falar sobre o que gosta de ler, sobre suas preferências. Esse procedimento em relação a suas práticas de leitura aponta para um conceito de leitura, ou mesmo de valorização de suas práticas de leitura, que se modificou na terceira entrevista.

Nas primeiras conversas, ele fala das leituras com receio de que poderiam ser chamadas de leitura, por considerar que ler significa ler os clássicos da literatura. Já na terceira entrevista, assume uma postura diferenciada em relação às leituras que realiza. Afirma que:

... vou falar, mesmo... que eu não leio... Eu leio sim... mas é o que eu gosto. E pra gostar de ler tem que ler Machado de Assis? Pra mim gostar de ler tem que ler Machado de Assis, Graciliano Ramos?

Essa atitude de valorização de suas práticas de leitura podem ter ganhado força após uma conversa de Antônio Carlos com uma das pedagogas que coordena o Projeto de Ensino Médio no Coltec. Ele relata essa conversa:

... tem a pedagoga lá da escola... me perguntou essa semana: 'por que você não gostou de ler o livro?' ah... porque eu não gosto desse tipo de leitura... eu não gosto de leitura... eu não soube falar... eu falei... eu não gosto de leitura. Ela falou: ' não... você gosta de leitura'... eu estava com a apostila... aquele pacote da apostila [600 páginas sobre programação, copiadas da Internet]. 'você gosta de ler, aí, você está lendo'. Eu falei: 'não... eu gosto de ler isso aqui'

[mostrando a apostila de informática]. Ela falou, assim; 'você tem que achar uma coisa que você goste de ler'.

Ao mencionar o texto copiado da Internet sobre programação de computadores, Antônio Carlos se entusiasma, mostra os exemplares que já leu e conta o que já fez na área de informática sem ter frequentado nenhum curso, como, por exemplo, a página do PEMJA na Internet e os consertos em seu computador. Em outros termos, ele afirma ter aprendido sobre eletricidade básica por intermédio de um curso por correspondência e atualmente vem estudando sobre informática da mesma forma para conseguir alcançar seus objetivos.

Pretende mudar sua área de atuação profissional. Ele conta seus planos:

Eu pretendo continuar na USIMINAS até... até... eu não penso em sair de lá... porque é uma empresa boa de se trabalhar, né... mas eu procuro... eu quero fazer uns cursos, então... eu quero trabalhar... eu queria trabalhar... eu tenho vontade de trabalhar na área de informática, né... então... ainda quero. Gostaria de mudar de ramo.

O depoimento de Antônio Carlos sobre suas preferências de leitura mostra ser ele um leitor com características próprias, que lê os textos a que tem acesso e que despertam seu interesse . Em diferentes momentos das conversas, ele aponta sua área de interesse e o desenvolvimento de suas habilidades de leitura:

Do dia a dia, assim... dá pra... dá pra... dá pra passar... mas eu acho que eu queria mais, assim... tem que ter mais... mais leitura. Apesar que... que não tinha hábito... eu gosto de ler manuais técnicos... é informática... tudo que me der sobre informática eu gosto de ler... Agora não adianta me dar um livro de romance... que eu não gosto... não adianta.

CAPÍTULO V

Antônio Geraldo

“não tem, assim... muito entusiasmo com leitura não...”

Antônio Geraldo Costa tem cinquenta e três anos. É alto, magro, pele morena. É uma pessoa agradável e simpática no relacionamento com os colegas de sala e de trabalho e também com os professores. Costuma ler com frequência jornais e revistas de informação sempre que apresentam notícias ou reportagens de seu interesse. Frequentou, por um ano, a escola regular na zona rural de Conselheiro Pena.. Estudou em casa com a orientação de um empregado de seu pai por mais um ano e, segundo ele, continuou a estudar sozinho o livro do terceiro ano. Retomou os estudos após trinta e três anos no Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos da UFMG.

As Entrevistas: “... eu estou aqui dialogando com você e estou aprendendo.”

Como Antônio Geraldo, durante a coleta de dados, não estava estudando, duas entrevistas foram realizadas em seu local de trabalho, na

Escola de Belas Artes (doravante EBA) da UFMG, e uma terceira entrevista foi feita em sua casa.

A primeira entrevista foi realizada em uma das salas situada ao lado do atelier de escultura da EBA. Esse local era utilizado na época para guardar diversos materiais como madeira, gesso, argila, dentre outros. Antônio Geraldo escolheu esse local por considerá-lo mais adequado e tranquilo para a gravação da entrevista. Apesar de sua boa intenção, havia muito barulho ao redor e fomos interrompidos várias vezes por alunos que o procuravam solicitando ajuda com máquinas e ferramentas do atelier. Ele mostrou-se à vontade para responder as questões feitas pela entrevistadora e, ao mesmo tempo, satisfeito em poder contribuir com o trabalho de pesquisa. Durante a primeira entrevista ele comenta que:

... tem que agradecer a Deus... a cada momento que ele concede pra gente... e um momento pra agradecer a Deus é esse aqui, agora... que eu estou aqui dialogando com você e estou aprendendo.

Para a segunda entrevista, Antônio Geraldo escolheu um local ao ar livre. Pareceu-me que ele estava ocupado quando cheguei, mas logo conseguiu se liberar para a conversa. Os colegas de trabalho (seu chefe, inclusive) fizeram questão de saber de que pesquisa se tratava e os motivos que fizeram com que Antônio Geraldo tivesse sido escolhido para as entrevistas. Expliquei meu trabalho em linhas gerais, o que facilitou um pouco mais a liberação do funcionário para conversar comigo.

Para a realização da terceira entrevista, fui recebida por Antônio Geraldo em sua casa. Ele me orientou em relação ao endereço e ao transporte que deveria usar para chegar à sua residência. Quando descii do ônibus e comecei a procurar por sua rua, me surpreendi com Antônio Geraldo a minha espera na esquina da rua. No momento da entrevista, estavam em casa um filho, uma filha, um enteado e sua mulher. Apesar de estarem em casa e atentos à conversa, apenas sua mulher participou da entrevista quando solicitada por mim ou por seu marido.

Casa e bairro: busca por estabilidade

Antônio Geraldo possui uma casa própria em Justinópolis, bairro de Ribeirão das Neves na Região Metropolitana da capital mineira. Entretanto, no momento da terceira entrevista, havia se mudado com a família para o bairro Santa Helena em Contagem, também na Região Metropolitana.

Segundo suas informações, a mudança ocorreu para facilitar o trabalho de suas filhas no pequeno comércio que possuem e também devido ao aumento da poluição no antigo bairro, que vinha prejudicando a saúde de sua mulher e da filha Margarida. Ele compara os dois bairros na tentativa de justificar a mudança para uma casa alugada, afirmando que o bairro é melhor, mais novo e as construções são melhores. Em relação à segurança, avalia que os dois bairros são iguais: em nenhum dos dois teve qualquer problema.

Antônio Geraldo mora há alguns metros da esquina com a avenida principal do bairro. Segundo ele, o bairro Santa Helena conta com linhas de ônibus que conduzem os moradores até o centro de Contagem e de Belo Horizonte. O acesso ao metrô também é tranquilo e rápido. O bairro possui boa infra-estrutura, escolas, igrejas e o comércio atende às suas necessidades diárias.

A casa de Antônio Geraldo foi construída na parte alta e no fundo do lote. Há um grande espaço do portão até a casa. Do lado esquerdo, logo na entrada há uma pequena garagem e um carro que, segundo ele, está parado há mais de um ano porque teve problemas com o revendedor. Uma varanda na frente da casa dá acesso à sala ocupada com um jogo de estofados em couro e um móvel com a televisão. Ao lado da sala, há um quarto e a copa onde foi realizada toda a entrevista. Nesse ambiente havia uma mesa e um móvel construído pelo próprio Antônio Geraldo que disse não tê-lo concluído por falta de tempo e de condições para a compra de matéria prima. A cozinha fica ao fundo da copa, do lado direito o banheiro, e mais dois quartos estão do outro lado. Durante a visita, dona Mercês, mulher de Antônio Geraldo, ofereceu-me suco natural feito com mangas trazidas por ele de sua terra natal e, ao final da conversa, um lanche.

A família (de origem) de Antônio Geraldo: “se perguntasse letra separada ele não sabia qual letra que era”.

A família de Antônio Geraldo possuía um terreno na zona rural de Conselheiro Pena, cidade do interior de Minas Gerais próxima a Governador Valadares. Segundo ele, essa é uma cidade que tem como principal fonte de produção e renda a criação de gado leiteiro. No passado, a cidade contou com empresas como a Vale do Rio Doce que garantia emprego a muitos habitantes que trabalhavam na manutenção da rede ferroviária (principal meio de transporte para escoar minério de ferro de Minas Gerais até o porto em Vitória no Espírito Santo).

Todos na família trabalhavam na lavoura. O que plantavam garantia a sobrevivência e o restante da produção era vendida no comércio da cidade. Ele traz mais informações sobre a plantação e o comércio na família:

... de tudo... de tudo que... de alimentação que a gente sobrevive... a gente plantava... é... milho, feijão, abóbora, mandioca, cana, café, batata... pra consumir e vender... vendia no comércio... dava... naquela época era quase dá,né... que era tão barato...

Em relação a criação de animais, contou que tinham:

... criação de porco... galinha, depois... os últimos seis... dez anos de resto que a gente ficou na roça, aí... já começou comprar animal... a gente chegou a possuir umas sessenta cabeça de animal...[eqüinos] gado a gente chegou a possuir, uma média de... quinze cabeça.

O pai de Antônio Geraldo era natural de Conselheiro Pena, era católico, negro. Segundo ele, seu pai não freqüentou escola e:

... sabia desenhar o nome... mas ele mesmo não sabia a letra que estava fazendo... desenhar, ele desenhava, agora... se perguntasse letra separada ele não sabia qual letra que era. [...] não... ele não sabia [ler e escrever]... sabia fazer conta, assim... na mente, né... se perguntasse tanto por tanto ele sabia te responder, mas agora... pra escrever o nome dele... ele escrevia com dificuldade.

Em relação às possíveis leituras de seu pai, Antônio Geraldo diz não ter recordações de tê-lo visto lendo ou escrevendo, mas que o pai tinha destreza para fazer contas. Essa agilidade com as operações matemáticas podem ser

atribuídas, decerto, à necessidade de realizar as negociações da produção da lavoura.

Segundo os depoimentos de Antônio Geraldo sua mãe resolveu separar-se do marido e mudou-se para Barra do Cuité Com essa separação, os filhos acompanharam a mãe, arranjam emprego na cidade e abandonaram a roça. O pai continuou morando na roça com uma outra mulher até seu falecimento há catorze anos.O terreno da família foi vendido por seu pai pouco antes de seu falecimento.

A mãe de Antônio Geraldo é natural de Manhumirim, interior de Minas Gerais, e, ali, freqüentou escola até o segundo ano do Ensino Fundamental. É católica, negra, tem oitenta anos e, atualmente, mora com Mercês - uma das filhas - na Barra do Cuité, um distrito de Conselheiro Pena. Segundo seus relatos, sua mãe trabalhava na roça junto com o marido e os filhos e cuidava dos afazeres domésticos

Ao ser interrogado sobre as práticas de leitura atuais de sua mãe, Antônio Geraldo informa que:

Ah... não tem grande interesse não... alguma coisa, assim... ela lê... mas sem muito interesse também... a idade também já... oitenta anos... não tem, assim... aquele hábito de ler... fazer leitura, né... porque pessoa mesmo de idade tem aquele hábito de estar lendo, né... ela não... ela só... o dia a dia mesmo.

Para Antônio Geraldo, ler "alguma coisa" ou "só o dia a dia mesmo" significa praticar a leitura para atender a necessidades individuais do cotidiano como a leitura de jornais da cidade e textos ligados à religião (orações e novenas). Ao que tudo indica, ele reconhece que outras pessoas idosas costumam ter o hábito da leitura, inclusive como forma de lazer, mas como sua mãe não criou esse hábito na juventude, conseqüentemente lê, na senilidade, apenas o necessário para realizar suas orações e obter informações sobre a cidade.

Segundo Antônio Geraldo, ele e os cinco irmãos freqüentaram escola na zona rural de Conselheiro Pena. Essa escola funcionava em uma fazenda próxima a sua casa: ficava, a pelo menos, seis quilômetros de distância que eram percorridos a pé por ele e seu irmão mais velho. Quando os irmãos mais

novos vieram a freqüentar a escola, a família já possuía cavalos que os levavam.

Antônio Geraldo e seu irmão mais velho, José Antônio, freqüentaram a escola por um ano. Segundo ele, faziam o percurso de casa pra a escola a pé, trabalhavam na roça e à noite recordavam as lições. Após o primeiro ano de escolarização, o pai resolveu tirar os filhos da escola, porque:

... que a gente ia de pé e ainda voltava e ainda ia pra roça pra trabalhar, entendeu?... e de noite você ia recordar lições, então... não tinha como... você aprender... chegava morria de cansado e ainda ia trabalhar... ia recordar lições como?, aí... ele tirou a gente da aula.

Foi nessa época, de acordo com seus depoimentos, que um rapaz com "estudo completo" foi contratado pelo pai para trabalhar na lavoura. Esse rapaz tinha completado o primeiro segmento do Ensino Fundamental e era considerado na região como um professor. Antônio Geraldo conta que, além de trabalhar na lavoura, à noite, esse rapaz ensinava a ele e aos dois irmãos (José Antônio e Cristina) as lições de acordo com a idade e o desenvolvimento de cada um. Esses estudos tiveram duração de um ano.

José Antônio, filho mais velho da família, tem cinqüenta e cinco anos, trabalhou na roça até conseguir emprego na Companhia Vale do Rio Doce onde trabalhou até aposentar-se como trabalhador braçal. Segundo Antônio Geraldo, não retomou os estudos e, atualmente, mora em Governador Valadares.

A terceira filha é Cristina, tem quarenta e nove anos, é casada e mora em Conselheiro Pena. Estudou até o terceiro ano do Ensino Fundamental e não deu continuidade aos estudos. É dona de casa e ultimamente passou a vender roupas como ambulante.

A quarta filha da família, Natália, tem quarenta e quatro anos, é casada, mora em Belo Horizonte. Segundo Antônio Geraldo, ela ia à escola a cavalo e depois estudou em Conselheiro Pena. Não completou o Ensino Fundamental. Retomou os estudos em Belo Horizonte, mas desistiu porque estava se sentindo cansada pelo excesso de trabalho e pela distância entre a escola e sua casa. É dona de casa e trabalha, em casa, como costureira.

O quinto filho da família, Juliano, tem quarenta e um anos, é casado. Frequentou escola na zona rural e, depois, na cidade. Antônio Geraldo é veemente ao afirmar que: "... esse fez o segundo grau... esse é cabo da Polícia Militar... lá em Ipatinga". Segundo seus depoimentos, aos dezoito anos o irmão mais novo alistou-se e serviu o exército em Ipatinga onde deu continuidade à carreira militar. Completou o ensino Médio a cinco anos.

A sexta filha da família, Marta, tem trinta e oito anos, é viúva, mora na Barra do Cuité. De acordo com Antônio Geraldo, é dona de casa, concluiu o Ensino Fundamental e iniciou o Ensino Médio.

As práticas de leitura da família de Antônio Geraldo, ao que tudo indica, estiveram voltadas para o processo de escolarização e aprendizado da leitura e da escrita. Ao ser interrogado sobre as atuais práticas de leitura de seus irmãos, Antônio Geraldo considera que todos procuram ler o que é necessário ao conhecimento de acontecimentos da atualidade de acordo com o interesse e as condições de acesso de cada um.

A família (atual) de Antônio Geraldo: "conhecimento da leitura nunca é tarde pra você aprender..."

Antônio Geraldo casou-se pela primeira vez quando morava em Conselheiro Pena. Seis anos mais tarde, separou-se da esposa, ficou com a guarda dos dois filhos. Segundo ele, sua mãe cuidou das crianças por algum tempo.

A filha mais velha, Elisa, tem vinte e sete anos. Segundo Antônio Geraldo, é dona de casa, casada e tem dois filhos e mora em Contagem. Completou o Ensino Fundamental e não quis dar continuidade aos estudos.

O segundo filho, Eustáquio, tem vinte e cinco anos. É solteiro, tem três filhos e atualmente está morando com o pai. De acordo com Antônio Geraldo, trabalha em uma firma de transporte de mercadorias exercendo função de

separar mercadorias. Interrompeu os estudos na sexta série do Ensino Fundamental por dificuldades para conciliar emprego e escola.

Antônio Geraldo informa que, após sua separação, sua mãe cuidou dos filhos pequenos, no interior, por um ano e nove meses. Assim que conheceu a atual mulher, Mercês, buscou as crianças para que pudessem morar juntos novamente.

De acordo com seus relatos, essa segunda união aconteceu há vinte e dois anos e, onze anos atrás, se casaram no civil. Mercês tem cinquenta e quatro anos, frequenta a Igreja Evangélica. É natural de Itanhumirim, cidade do interior de Minas Gerais, próxima a Governador Valadares e Caratinga.

Segundo seus próprios depoimentos, Mercês é dona de casa, costureira e tem uma loja de aviamentos e miudezas. Essa loja funciona, atualmente, em um espaço alugado, no mesmo bairro em que moram. Completou o primeiro segmento do Ensino Fundamental e afirma não ter continuado os estudos por proibição de sua mãe.

Segundo Antônio Geraldo, antes de se conhecerem, Mercês já tinha dois filhos. Almir, 34 anos, é solteiro, mora com a mãe, sofreu uma paralisia infantil que lhe causou lesões irreversíveis deixando-o em uma cadeira de rodas.

A segunda filha de Mercês, Silvana, tem vinte e oito anos, é solteira e também mora com a mãe. Frequenta a mesma igreja que ela. Trabalha com a mãe no armarinho e não completou o Ensino Fundamental.

Margarida é a única filha do casal, Antônio Geraldo e Mercês. Ela tem vinte anos, completou o Ensino Médio e interrompeu os estudos por não ter conseguido vaga para fazer um curso técnico. Frequenta a Igreja Evangélica junto com a mãe. Atualmente, está trabalhando na loja junto com ela e a irmã Silvana.

De acordo com Antônio Geraldo, seu quarto filho, Fabrício, tem doze anos, está cursando a sexta série do Ensino Fundamental. Ele informa que quase não tem contato com esse filho que mora com a mãe, também em Belo Horizonte. Apesar de ter pouco relacionamento com o filho bastardo, Antônio

Geraldo fez questão de informar que as pensões são pagas conforme determinação da justiça.

Ao ser interrogado sobre as práticas de leitura dos filhos e da esposa, Antônio Geraldo diz que a esposa lê a Bíblia, catecismos e revistas da Igreja Evangélica. Segundo ele, a filha Margarida lê muito por causa dos estudos e da prática religiosa. Os outros membros da família, na opinião de Antônio Geraldo, não têm o hábito de ler porque a profissão não exige tanta leitura.

Em relação aos seus estudos, Antônio Geraldo informa que os filhos não interferiram em sua decisão e a esposa diz que não concorda com o retorno aos estudos porque:

... acho a pessoa... o que tem fazer... até trinta... trinta e cinco anos... depois o estudo só serve pra atrapalhar... se ele já tem uma profissão pra trabalhar... tem que deixar pros novo, uai... ajudar os novo a estudar. [...] Não evoluiu nada... pra mim acho que não... não sei pra ele, né... continuou na mesma coisa... naquele estágio que estava... aquele cavalo velho... não aprende não... é o mesmo.

Antônio Geraldo discorda da esposa e diz que:

Ah... eu achei... eu pra mim eu achei, né... porque melhorou, né... porque... ela está dizendo que... cavalo velho não aprende andar, né... mas porém... você... o conhecimento da leitura nunca é tarde pra você aprender... não tem idade que você aprende... e o mundo... Deus fez a... o aprender... pra todos... aprender... quando você está sabendo muito ainda tem mais outro tanto pra você aprender... e morre aprendendo... e eu... a leitura é a oportunidade que eu não tive de pequeno... mas aprender... não tem idade pra aprender. [...] Está certo que no caso que eu aprendi... que eu aprendi... não foi suficiente pra que eu... pegasse um cargo melhor no meu trabalho, né.

Trajetória de formação de Antônio Geraldo: "... eu pratiquei sozinho o terceiro ano"

Antônio Geraldo iniciou sua vida escolar aos oito anos junto com o irmão José Antônio. Segundo seus depoimentos, freqüentou a escola rural em uma fazenda vizinha a sua casa, pelo período de um ano.

Ele comenta as dificuldades para chegar à escola e para realizar as tarefas escolares em casa:

... nessa escola... que a gente andava uma distância... mais ou menos... daqui [campus da UFMG] no centro... a gente ia de manhã... andava pra ir lá... chegava lá... estudava... e voltava e tirava a roupa e ia recordar as lição... muitas da vez... cansado... super cansado...

Além das dificuldades sofridas em consequência do cansaço, provocado pela distância e pelo trabalho na lavoura, Antônio Geraldo mostra ter sentido menosprezo na relação professor/aluno:

... e o professor... daqueles professor... parece dava mais valor aos filho daqueles fazendeiro mais... de mais... de nível, entendeu?... a gente... parece que ele não...

De acordo com os depoimentos de Antônio Geraldo, abandonar a escola foi uma decisão de seu pai por ter considerado a distância, a forma como os filhos eram tratados na escola e, usando suas próprias palavras: “porque não estava dando rendimento”.

Para que os filhos continuassem a receber instrução e a aprender a ler e escrever, segundo Antônio Geraldo, seu pai contratou um rapaz “com estudo completo” para trabalhar na lavoura. Esse rapaz era considerado professor porque tinha “estudo completo”, ou seja, tinha completado a quarta série do Ensino Fundamental. Segundo ele, não havia pagamento estipulado para o trabalho de ensinar a ler, mas o pai de Antônio Geraldo dava uma gorjeta pelo serviço prestado.

À noite esse “professor” ensinava o código escrito para Antônio Geraldo e para os irmãos José Antônio e Cristina. Cada um tinha seu próprio livro de leitura e atendia as necessidades individuais de aprendizagem. Afirma ter aprendido a ler com esse professor quando, segundo ele, tinha nove anos.

Para Antônio Geraldo, esse professor tinha interesse em que aprendesse por não admitir erros no momento da leitura em voz alta. As aulas e leituras realizadas nesse tempo eram feitas, segundo ele, nos livros escolares, indicados pelo professor, adquiridos pelo pai no comércio de Conselheiro Pena.

Antônio Geraldo faz alguns comentários sobre o livro utilizado por ele na escola, com o “professor particular” e depois quando estudou sozinho:

... antigo livro... Felisberto de carvalho... que eles falava. [...] Felisberto de Carvalho... primeiro, segundo e terceiro ano... inclusive... é um livro que dá gosto você ler... [...] Se você visse, assim... o objetivo desse texto aqui... tinha ele em... de forma, de imprensa, de manuscrito... minúsculo, maiúsculo e manuscrito... tinha ele em cinco talho de letra... aprendia mesmo... não era aquele texto... só com essa letra aqui... de forma não... tinha ele a maneira que você interessasse a praticar... pra tirar dúvida na letra... você lia...

Mais adiante ele comenta os estudos realizados junto a esse professor:

... aí... ele [o pai] tirou a gente da aula... e arranjou esse menino pra trabalhar pra nós e ensinar nós... à noite, também... mas olha pra você ver... depois de trabalhar o dia inteiro... o quê que você tinha... sentava na mesa pra estudar... e ele ali... e ali perto... se você pronunciasse uma palavra errada... era lambada daquela na cacunda que chegava a cantar... e você não podia nem chorar também não... tinha que engolir seco.

Após um ano, esse rapaz deixou o trabalho e, de acordo com Antônio Geraldo, ele e os irmãos deram continuidade aos estudos sozinhos. Ele faz algumas considerações sobre esse tempo de autodidatismo:

... eu pratiquei sozinho o terceiro ano. [...] é que eu já tinha conhecimento do livro do segundo ano... eu lendo ele... praticamente... eu lia sozinho em casa... eu tinha conhecimento da leitura dos textos

Apesar de estudarem ao mesmo tempo, segundo Antônio Geraldo, cada um fazia sua lição. Ele comenta as diferenças entre as habilidades dele e do irmão mais velho:

... cada um fazia... cada um fazia sua [lição]... meu irmão estava mais adiantado do que eu... na época... pra leitura, escrever... tinha mais... agora na Matemática... eu já era melhor que ele...

De acordo com seus relatos, deu prosseguimento aos estudos por mais um ano, fazia as atividades propostas pelos livros, procurava responder as questões e os problemas trazidos pelo material comprado pelo pai. Seu comentário sobre esse autodidatismo mostra seu empreendimento nos estudos:

... e se teve algum trabalho, talvez... que estava me perguntando pra responder... eu entendia e respondia... mas algum que não tinha... não tinha solução... ficava por isso mesmo...

como os estudos foram interrompidos, Antônio Geraldo trabalhou na roça junto com o pai até os vinte e cinco anos de idade. Mudou-se para

Resplendor, segundo ele, para trabalhar em uma empresa responsável pela manutenção da estrada de ferro. Trabalhou como ajudante de carpinteiro e sua função era: "fazer aqueles caixote pra escoamento de água na beira de linha".

De acordo com Antônio Geraldo, após sete meses, pediu que fosse classificado como carpinteiro. Como não foi atendido pediu ajuda a um amigo que lhe arranhou um emprego no porto de Tubarão em Vitória. Permaneceu na capital do Espírito Santo por dez meses, também trabalhando como ajudante de carpinteiro. Segundo ele, assim que conseguiu ser classificado como carpinteiro, veio a Belo Horizonte visitar o sogro e resolveu permanecer na capital mineira.

Nos primeiros meses de moradia em Belo Horizonte, contou com a ajuda do sogro que o hospedou e orientou na capital e com sua mãe que hospedou a esposa e os dois filhos. Ele relata esse episódio:

... e a minha família ficou lá no interior, né... lá em Resplendor, aí... ficou lá quatro meses, aí... arrumei emprego... voltei lá pra buscar... estou aqui desde 76... julho de 76. [...] E ela ficou lá até novembro... junto com a minha mãe... novembro eu fui pra votar... que tinha eleição, e... despachei minha mudança pra cá, e... comecei a trabalhar aqui [em Belo Horizonte] a 16 de agosto de 76

Antônio Geraldo, logo que chegou a Belo Horizonte trabalhou em empresas de construção civil, como carpinteiro, durante quatro anos e meio. Ele enumera os locais em que trabalhou:

... comecei trabalhar em... construção civil... lá na... lá naquele prédio do... do... na Cidade Nova... aquele prédio ali... da... da mata do Estado... é o SEP... e dali... trabalhei ali perto do mineirinho... trabalhei na construção do novo fórum... na marcenaria, né... aí... eu fui trabalhei no Banco Central do Brasil... lá na... perto da Assembléia Legislativa... um ano e... passou de um ano e meio um pouquinho... sai de lá entrei aqui [na UFMG] 26 de maio de 80...

No início de sua carreira profissional na UFMG, trabalhou na Escola de Engenharia. Ele comenta suas funções nesse começo de trabalho no setor público:

... nunca trabalhei em pedreiro... lá trabalhava de marceneiro mesmo... só que assim... colocando porta... consertando... entendeu?... pequeno reparo. [...] Chama manutenção... que a gente fazia... coisa

de madeira que estragava a gente ia consertava... pedreiro já era outra parte.

Segundo seus relatos, após dois anos, foi transferido para o Departamento de Manutenção no campus da Pampulha. Ele explica os motivos dessa transferência:

... foi um encarregado que estava lá na cidade [centro de Belo Horizonte]... que... chegou lá e falou que eu ia pro campus... no campus me mandou pra mexer com um telhadozinho... fiquei uns três meses... no fim desses três meses eu voltei pra... voltei pro campus, né... aí, tinha um rapaz que não se dava bem com... com poeira de marcenaria, aí... eu troquei com ele... fui trabalhar na marcenaria... e ele saiu pra fazer manutenção nos prédio.

De acordo com seus depoimentos, trabalhou na marcenaria por dezenove anos e suas funções estavam relacionadas à construção e ao conserto de móveis para atender as unidades da universidade.

Alguns meses após a conclusão do Ensino Fundamental, Antônio Geraldo pediu transferência de unidade de trabalho. É ele mesmo que conta os motivos e o processo de transferência para a Escola de Belas Artes:

... não foi que eu pedi transferência... é... questão de... de... assim... de aborrecimento... com administração do setor, entendeu?... administração pegou, assim... marcar a gente demais... que cada quatro ano que a gente está trabalhando... e que tem conhecimento das coisa... não precisa ninguém administrar... basicamente... que eu sei... eu sei determinar... sei fazer... o que marcar pra mim fazer ou for pra mim fazer... eu tenho conhecimento, não preciso nenhum deles lá... porque entra... cada quatro ano mudava administração e de pessoas que não tinha conhecimento... e que pegou marcar a gente... aquilo foi irritando, aí... eu pedi... eu pedi pra sair... eles não queria liberar... eu fui no Recurso Humano... entrei com um recurso... eu falei que eu queria sair... 'ah, não... precisa de permuta pra sair'... que é troca, né... de setor que estava precisando... ou por camaradagem... e... pedi... e eles interessaram?... ficou, assim... amarrando um pouco, aí... recorri aos Recurso Humano e... eles me liberaram, entendeu?

Em maio de 2001, já se encontrava trabalhando na Escola de Belas Artes da UFMG, no Departamento de Serviços Gerais. Ele enumera suas funções nesse novo local de trabalho, logo após a transferência de unidade:

Meu trabalho... eu faço de tudo hoje... igual eu estou dizendo pra você... eu estou no serviço gerais... faço de tudo o que precisar... eu tiro xerox... eu atendo uma sala... abro uma sala... arrumo cadeira, mesa... arranjo auditório... ligo aparelho... precisa consertar um

aparelho... eu vou e conserto... precisa emendar uma lixa... igual eu estou ali... uma folha de... serra, fita... precisa tornear, eu torneio... precisar cortar eu corto... fazer uma caixinha, eu faço, então... eu coloquei mão de tudo... faço de tudo...

Mais adiante, comenta que:

... de tudo da média... de menos se for pra escrever... ou mesmo grande quantidade, aí... já não está na minha... como é que eu vou dizer pra você?... não está na minha... no meu ramo, né.

Na data de nossa terceira entrevista, já estava desenvolvendo outras atividades, além daquelas mencionadas na primeira entrevista. Passou a ser o responsável pelo patrimônio da Escola de Belas Artes e, para exercer as novas funções, está utilizando mais a leitura e a escrita, além de ser o computador seu instrumento de trabalho. Ele comenta com maiores detalhes as novas atribuições:

anotar... numeração de placa... já vem a tabela... os departamento tem os número... pra onde eu vou... pegar de um departamento... transferir pra outro... que às vezes num departamento... está sobrando alguma coisa... e praquele outro departamento tem serventia, aí... eu pego aquele número daquele departamento... e faço a transferência... o próprio computador... já tem o sistema... que já manda pro outro departamento. [...] Eu digito logo a... que eu tenho o número... tenho a senha... só de acessar ele já me informa, aí... eu... pelo aquele número... daquele... daquele patrimônio que está ali... eu sei que ele está naquele departamento... eu tenho consulta e tenho... transferência, aí... pelo aquele número eu sei que ele está naquele departamento... e tem o número de outro departamento que eu vou mandar... eu só digito ali... o próprio sistema já... já faz automático... depois vem a listagem em folha... pra mim levar naquele departamento que foi feita a transferência pra ele assinar... eu assino como responsável do patrimônio... e ele assina como responsável pela... pela... aquela mercadoria que foi pra ele

Antônio Geraldo julga que, apesar de não ter aumento de salário por causa da escolarização, o fato de exercer essas novas funções mostram um reconhecimento de sua competência para o trabalho. Ele comenta que o chefe imediato atribuiu-lhe tais responsabilidades porque:

um rapaz que estava... que eu estava com ele lá no serviços gerais... enxergou que eu tinha competência pra exercer essa função, né... é o chefe do serviço gerais.

Segundo os relatos de Antônio Geraldo, as outras atividades continuam sendo desenvolvidas e procura atender às necessidades do professor do atelier e de seus alunos sempre que solicitado.

Ao que tudo indica, Antônio Geraldo confirma, com essas novas responsabilidades, o que já sentia antes do retorno aos estudos. Ou seja, ao concluir o Ensino Fundamental passa a exercer funções, para ele, mais importantes por lhe exigir um trabalho mais mental/intelectual em que precisa utilizar a leitura, a escrita e o computador.

O processo de retomada da escolarização: "... competência eu tenho, mas... não tive oportunidade de estudar..."

Antônio Geraldo comenta em diferentes momentos das entrevistas que não teve vontade de retornar aos estudos e que não recebeu nenhum incentivo da universidade ou mesmo da chefia imediata para investir esforços na escolarização. No entanto, afirma que sempre teve consciência do valor do diploma e da escolarização para conseguir melhores cargos e, até mesmo, para obter reconhecimento do serviço prestado.

Ao comentar sobre os motivos que o fizeram retomar a escolarização, diz que essa foi uma decisão particular. Desconsidera, no entanto, o fato de ter sido convidado a estudar em um curso promovido pela universidade e de ter liberação do horário de trabalho para freqüentar as aulas como um incentivo da instituição em sua formação.

Segundo seu relato, Antônio Geraldo estudou no Projeto de Alfabetização de Adultos durante três anos e seis meses e concluiu o equivalente ao primeiro segmento do Ensino Fundamental no final de 1997. Durante esse curso, era liberado do trabalho uma hora mais cedo. Apesar de ter sido convidado a participar desse curso e de ter sido incentivado pela universidade, Antônio Geraldo afirma com veemência que a decisão de retornar aos estudos foi exclusivamente sua:

... é... depois de um período grande que eu já estava aqui na universidade... eu me senti falta por si próprio... porque a realidade aqui da universidade é dada a quem estudou... você trabalha... tem valor só pro trabalho, mas... não é reconhecido em geral... você sabe, né?... agora... se você tem um cartucho [diploma] na mão... você é mais reconhecido... competência eu tenho, mas... não tive oportunidade de estudar... que hoje eu me coloco... é... numa posição, assim... de uma experiência com competência... mas se for pra pedir comprovação por escrito... eu não tenho, entendeu?

Segundo Antônio Geraldo, o curso de alfabetização na FAFICH proporcionou a ele condições para desenvolver suas habilidades de leitura e de escrita, além de contribuir para sua formação enquanto cidadão.

No final de 1996, Antônio Geraldo participou do processo de seleção para cursar o segundo segmento do Ensino Fundamental no Centro Pedagógico da UFMG. Na primeira entrevista (maio de 2001), ele considerou o fato de não ter sido aprovado nesse teste como uma reprovação escolar. Alguns meses mais tarde, em nossa terceira entrevista, ponderou de forma diferenciada sobre o que, antes, era um fracasso individual. O comentário a seguir mostra que Antônio Geraldo, com certeza, após um afastamento do processo de escolarização “vê com outros olhos” esse episódio:

... é... você não liga, né... ah... você quer umas coisa fácil e leva... que a prova que caiu não era... não é difícil... só que umas... pequenos detalhe que te joga pro escanteio... [risos]. Uma palestra [questão], assim: ‘tem três cesto com tantos pães... divide...’ ah... eu não sei agora explicar não... porque eu ainda falei assim: ‘três não cabe e dois sobra’... mas é questão é assim... que às vezes não é dado... a prova é maldade... não é nem... eu considero que... a prova e teste... não é quem sabe realmente... é questão de maldade que você está ligado a ela... na hora de fazer... que cai as coisa... o que que tinha a ver eu com um estudo... com umas prova com um cesto de pão lá... é isso é que eu acho... que a gente não está ligado... não é seqüência... eles pula de galho... você fica meio perdido... e pela maldade... não é nem saber...

Ele compara o teste de seleção feito no CP/UFMG com o teste de seleção de candidatos a uma vaga para emprego em seu setor de trabalho:

...porque na minha experiência... que eu tenho de trabalho... o teste de profissão... muitas vezes não cai... naquilo que você fala que está fazendo... cai uma outra coisa lá que você... tem nada a ver com o peixe... e às vezes... tem pequena ligação com aquilo que você está fazendo... e às vezes é uma pessoa excelente e não passa... o outro que não sabe fazer nada... tem a maldade e passa... isso aconteceu

com nosso serviço lá, uai... o cara não tinha... acabei de falar: 'ah... esse passa'... não passou... outro que não tinha... praticamente até hoje não tem prática pra trabalhar e passou na prova, é.

Esses comentários sugerem uma reflexão sobre o processo de ensino aprendizagem e de avaliação e seleção escolar ou mesmo no campo do trabalho. Para Antônio Geraldo, algumas questões do teste de seleção do CP/UFMG, no referido ano, não estavam relacionadas a sua vivência profissional, assim como não mantinham afinidade com o processo de escolarização experimentado por ele até aquele momento. Em outros termos, as provas de seleção exigem do candidato não só conhecimento e/ou experiência, mas sim a "maldade" para discernir, no momento de realização da prova, o que realmente está sendo avaliado.

No segundo semestre de 1997, Antônio Geraldo novamente se aventurou a participar do processo de seleção no CP/UFMG e dessa vez foi aprovado. Completou o Ensino Fundamental no final de 2000. Apesar de ter recebido o certificado de conclusão, os coordenadores e professores do PROEF II o orientaram a estudar mais um ano nesse mesmo projeto para que conseguisse se aperfeiçoar um pouco mais antes de iniciar o Ensino Médio.

Ao ser interrogado sobre os reais motivos que o fizeram interromper os estudos novamente, Antônio Geraldo afirma que:

Eu fiz até a inscrição... cheguei fazer inscrição lá... pra continuar... e fazer essa prova... só que eu vi que não dava... não dava... eu só iniciar pra depois eu tomar... às vezes fazer e não passar e dizer que eu fiz e não passei... por isso que eu não quis continuar... eu resolvi a não fazer [a prova] ... porque se eu fizesse e não passasse às vezes... eu ficava com aquele preconceito, assim... maior... Falar: 'ah... eu não estava tendo conhecimento adequado'... e fiz a prova... e tomar aquele baque... já misturava duas... duas conseqüência... porque eu ficava com aquele... ficava que eu já não estava sabendo.

Mais adiante informa que, no final do último ano do curso no CP/UFMG, estava passando por dificuldades financeiras e, como não conseguia se concentrar nos estudos, seu rendimento foi menor, nesse período, do que nos anteriores. Segundo ele, talvez, por esse motivo os professores tenham feito tais recomendações. Informa ainda já ter recebido o certificado de conclusão do Ensino Médio e que a decisão de cursar novamente o último período no

CP/UFMG ou se inscrever para a seleção no Coltec/UFMG será sua. Ele comenta a seguir suas intenções em relação à continuidade dos estudos:

... então... quero fazer consciente... se eu passo ou não... mas eu não vou ter desculpa que foi... que foi... que foi aperto ou preocupação... Não... eu nem parei pra refletir nesse assunto... porque eu sabia que... eles... deram que tinha conhecimento... de que eu... eles não sabia da minha... daquela conseqüência que estava passando comigo, né.

Afirma em diferentes momentos que pretende voltar a estudar e concluir o Ensino Médio, mas, para isso, quer estar tranqüilo, ou seja, sem preocupações com dívidas. O comentário a seguir mostra seu interesse pelos estudos:

... estou esperando resolver... pra que eu decida que eu posso... eu ainda quero voltar... eu ainda vou voltar pra completar esse segundo grau ainda... se Deus quiser. [...] Inclusive... meus colega queria até que eu voltasse agora, entendeu?... 'ah... você já acabou'... eu falei: 'gente... não... não adianta... eu tenho que fazer consciente... porque leitura... você não pode misturar... leitura e preocupação não combina... você tem que estar tranqüilo.

Algumas Considerações:

Práticas de leitura: "Olho as notícia... quando tem alguma notícia que interessa"

A trajetória de formação de Antônio Geraldo é peculiar em relação aos outros sujeitos e merece alguns destaques. Primeiro, estudou em escola regular na infância apenas durante um ano. Entretanto, segundo seus depoimentos as dificuldades para chegar até a escola não foram empecilho para que ele e os irmãos aprendessem a ler e escrever. O empreendimento de seu pai ao contratar o rapaz com "estudo completo" é um indício de que a família de zona rural investiu na escolarização de seus filhos, apesar das circunstâncias geográficas e econômicas desfavoráveis.

Após um ano de aulas com o “professor particular”, Antônio Geraldo passou um ano estudando sozinho. Quando questionado sobre seu nível de escolaridade, informa com segurança: “... lá, estudei até terceiro ano. [...] Mas só fui um ano [na escola]... depois aprendi em casa”. Estudar em casa significava ler e fazer cópias dos textos contidos nos livros comprados pelo pai. É curioso o costume da família de Antônio Geraldo em relação à aquisição das cartilhas para aprender a ler e escrever. O pai comprava um novo volume do mesmo exemplar para cada filho que entrasse para a escola. Dessa forma, cada um dos filhos adquiriu a coleção completa desses livros.

Antônio Geraldo faz questão de guardar os exemplares das cartilhas com as quais aprendeu a ler e escrever. Em uma de nossas conversas, tive a oportunidade de levar três exemplares desses livros para que ele visse. Ele folheou página por página do volume do quarto ano, exatamente aquele que não chegou a comprar. A visível satisfação se intensificava a cada página, a cada atividade que o fazia recordar os tempos de autodidatismo.

Outro ponto importante em sua formação é o tempo que permaneceu sem estudar. Parou de estudar em casa, aos treze anos, para trabalhar na lavoura junto com os pais e os irmãos. A retomada do processo de escolarização só acontece em 1995, trinta e três anos mais tarde. Entre os quatro sujeitos é, portanto, Antônio Geraldo quem ficou maior tempo sem freqüentar a escola.

Em 1995, a universidade passou a liberar os funcionários uma hora mais cedo para que freqüentassem as aulas no Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos. Essa medida da instituição tinha por objetivo diminuir o número de funcionários com baixo nível de escolaridade. Por esse motivo, Antônio Geraldo deixava o posto de trabalho uma hora mais cedo para assistir às aulas.

Durante as três entrevistas, seus depoimentos mostram certa ambigüidade por considerar não ter recebido incentivo ou apoio para voltar a estudar durante todo o tempo de trabalho. Em alguns momentos, Antônio Geraldo chega a dizer que esses “privilégios” não chegavam até ele por questões burocráticas ou mesmo por desinteresse da chefia mediata. Por

outro lado, afirma ter voltado a estudar por vontade própria e porque sentiu necessidade de estudar.

Seria coincidência que essa vontade tenha ocorrido somente quando a universidade implanta um projeto de escolarização para seus funcionários? A falta de incentivo para os estudos em seu setor de trabalho foi um fator determinante para que não retomasse os estudos? Por que não procurou escolarização fora da universidade? Essas e outras questões nos intrigam, mas, para tentar respondê-las, seria necessária a realização de entrevistas com outras pessoas, além da análise de documentos da universidade sobre os incentivos oferecidos a funcionários estudantes, ao longo dos vinte e um anos, tempo de trabalho de Antônio Geraldo.

O investimento na busca por compreender o interesse de Antônio Geraldo pela escolarização não se justifica porque este trabalho de pesquisa tem por objetivo apreender os fatores que determinam a formação de leitores e não os fatores que corroboram para sua escolarização. Essa é outra peculiaridade do processo de formação de Antônio Geraldo. As práticas de leitura por ele realizadas, ao longo de sua trajetória, sempre estiveram ligadas ao processo de escolarização. Na infância e na adolescência lia para aprender a ler, seja na escola, com o professor particular ou mesmo sozinho. A partir daí, não especifica o quê e para quê lia, mas afirma, em diversos momentos, gostar de ler poesias, jornais e revistas de informação.

Merecem destaque, ainda, as afirmações de Antônio Geraldo sobre as leituras realizadas na Associação dos funcionários da UFMG (ASSUFEMG) e na biblioteca da escola de Belas Artes:

Olho as notícia... quando tem alguma notícia que interessa... ou boa ou ruim... mas todas folha... Hoje, Diário ou Folha de São Paulo... que tenho acesso... aqui na escola tem... aqui na biblioteca... lá na associação tem... eu vou na hora do almoço... eu dou uma passadinha lá... só as notícia do dia a dia.

Em relação à leitura de revistas de informação ou revistas sobre arquitetura e decoração, Antônio Geraldo é categórico ao dizer que sempre que há alguma matéria interessante ele procura adquiri-las para ler. Essa é, portanto, uma prática de leitura eventual, pois depende do interesse provocado pelas manchetes de capa.

Apesar de ter afirmado que gosta de ler poesias, Antônio Geraldo não mencionou nenhum livro ou título que tenha memorizado. Se analisarmos os livros que utilizou para aprender a ler e escrever, será possível verificar que é, relativamente, grande a quantidade de poesias e poemas presentes para leitura e atividades de interpretação e cópias.

Logo que foi transferido para o departamento de serviços gerais da Escola de Belas Artes, Antônio Geraldo assume funções que são desenvolvidas junto a professores e alunos, como a abertura de salas e o auxílio aos alunos no atelier de esculturas. Ao que tudo indica, esse contato com os alunos fez com que se sentisse um orientador dos alunos. Seu depoimento deixa claro seu posicionamento em relação ao ensino e aprendizagem:

... mesmo o professor pede... eles que me pergunta... que eu tenho muita... ele é professor mas não é... ele também não tem tanta experiência igual eu tenho, né... eu só não tenho o cartucho na mão [risos]. Lá na área da máquina eu tenho mais conhecimento do que ele... porque ele aprendeu na teoria, né... na prática não tem. [...] É... mais ou menos uma orientação, né... que você possa... que você contribui, né... que ensinar é uma palavra que eu nem gosto de falar... que ninguém ensina ninguém... acho que cada um, você pode orientar... cada um é orientado no aprender... porque quando você tem boa vontade só de você ver você aprende... você tem aquele dom de aprender... e você persistindo em orientar... ele pega a prática do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As quatro trajetórias de formação analisadas, neste estudo, apontam para diferentes modos de apropriação do saber, ou, em outros termos, de construção de práticas sociais de leitura. A família, tanto a de origem quanto a atual, e a escolarização desempenham um papel preponderante na formação desses sujeitos.

LAHIRE (1997:334), em estudo sobre o “fracasso” e o “sucesso” escolar de crianças das classes populares na França, analisa, dentre outros fatores, a função da família nas trajetórias escolares dos filhos. Famílias de classes populares, segundo o autor, abstêm-se de prazeres e até de necessidades objetivas no intuito de garantir aos filhos uma formação que lhes proporcione ascensão social. Segundo o autor, os pais “almejam para sua progênie um trabalho menos cansativo, menos sujo, menos mal-remunerado, mais valorizador que o deles”.

No caso das trajetórias de Sara, Cezarina, Antônio Carlos e Antônio Geraldo, notam-se traços comuns no investimento de suas famílias de origem. As quatro famílias se preocupavam-se em garantir que os filhos tivessem uma formação básica, ou seja, uma formação que possibilitasse uma certa ascensão social, ou, pelo menos, que possibilitasse a inserção no mercado de trabalho. Esse investimento consistia em garantir o acesso dos filhos à escola e a permanência nela. Aparentemente, as famílias de Cezarina e de Antônio Geraldo não apresentam tal preocupação, uma vez que esses dois sujeitos interromperam o processo de escolarização muito precocemente.

Na família de Cezarina, nota-se que, seu afastamento da escola se deu em um momento em que a família passava por dificuldades econômicas. A

decisão de afastá-la do padrasto aponta, ainda, para um cuidado da mãe em oferecer-lhe certas garantias de integridade moral (e física). Ir morar e trabalhar na casa das vizinhas Iara e Regina é, com certeza, o indicativo de que a família de Cezarina, assim como os vizinhos e amigos, se preocupavam com sua formação. A estada na casa das vizinhas não trouxe, para Cezarina, momentos de prazer e satisfação, por ter sido obrigada a deixar a escola de que tanto gostava, para aprender a ser dona de casa. Entretanto, Cezarina enumera alguns dos aprendizados dessa época, como a forma de falar, de se vestir, além do aprendizado do crochê, que lhe serviu de fonte de renda mais tarde. Relata, ainda, a possibilidade de desenvolver práticas de leitura aproveitando o acervo das duas professoras.

A família de Antônio Geraldo não investia, segundo ele, em uma escolarização que fosse além da quarta série do Ensino Fundamental, uma vez que, na região em que moravam - Norte de Minas- esse era o patamar da vida escolar dos filhos de pequenos proprietários de terra. Após um ano de frequência difícil à escola, o pai resolve interromper esse processo por julgar que os filhos não obtinham um rendimento que compensasse tamanho esforço. É interessante observar que, um ano mais tarde, o pai contrata um empregado para a lavoura com condições de ensinar os filhos a ler e escrever. O fato de ter aprendido a ler e a escrever em casa, com esse “professor”, garantiu a Antônio Geraldo condições mínimas, para que na vida adulta, pudesse se inserir em um mercado de trabalho diferente daquele que a vida na roça podia lhe oferecer.

Assim, apenas aparentemente, as duas famílias não desenvolveram formas de investimento para o aprendizado dos filhos: ser levada para morar na casa das professoras possibilitou a Cezarina o desenvolvimento de práticas de leitura e uma familiarização com outro contexto cultural; as habilidades básicas do ler, escrever e contar, foram asseguradas pelo pai de Antônio Geraldo por meio da contratação de um “professor”.

Antônio Carlos e Sara, apesar de terem concluído a quarta série do Ensino Fundamental ainda na infância e em idade regular (entre onze e doze anos), acabaram por interromper os estudos na busca da aprendizagem de uma profissão que pudesse lhes oferecer melhores condições econômicas. Na

família de Antônio Carlos, a mãe se destaca em relação aos investimentos na escolarização dos filhos, mais especificamente, do caçula. Era a mãe que fazia as cobranças para que se dedicasse aos estudos e permanecesse na escola até a conclusão do primeiro segmento do Ensino Fundamental, como os irmãos mais velhos. O pai não aparece nos episódios em que Antônio Carlos relata a insistência da mãe para não abandonar os estudos antes de completar a quarta série do Ensino Fundamental. Um investimento claro da mãe em sua escolarização é o fato de ter atribuído a uma de suas irmãs mais velhas a obrigação de lhe ensinar as tarefas escolares e, mais tarde, o fato de tê-lo feito comprar uma enciclopédia como forma de incentivo aos estudos.

Na família de Sara, o investimento com a formação vai além da preocupação e do incentivo dos filhos no processo de escolarização. Ela comenta, durante as entrevistas, que os pais não se importavam muito com a vida escolar dos filhos, apenas confiam à escola a tarefa de transmissão do conhecimento. Mas, as práticas de leitura, desenvolvidas em família, proporcionaram a Sara e a seus irmãos maior envolvimento com a leitura e, conseqüentemente, melhor desempenho na escolarização.

O costume, ou "vício" de leitura, segundo Sara, foi transmitido entre as gerações. Sara e as irmãs aprenderam a gostar de ler com a mãe, que aprendeu com a avó materna. As condições socioculturais e objetivas da família de Sara, na época em que sua avó materna vivia a adolescência e a juventude, propiciaram o início de uma prática familiar de leitura. Sua avó lia para ocupar o tempo ocioso, uma vez que não lhe era permitido trabalhar fora de casa. Essa prática foi transmitida à mãe de Sara, que buscava na leitura uma forma de entretenimento. Os filhos, ou melhor as filhas, aprenderam a gostar de ler porque a mãe oferecia-lhes material de leitura desde a mais tenra idade. Talvez essa prática não tenha sido intencional, já que, há indícios de que a mãe de Sara colocava os filhos para ler à noite para ocupar-lhes o tempo e poder dar seguimento a suas próprias leituras. Tendo consciência ou não da formação que estava proporcionando aos filhos, a mãe de Sara consegue produzir o hábito da leitura e acaba por criar uma comunidade familiar de leitores, ou, melhor, de leitoras.

Essa comunidade familiar estabelece para todas as mulheres da família (Sara, sua mãe e as quatro irmãs) e as amigas mais próximas de cada uma delas a possibilidade de uma constante circulação de leitura. Esse material varia de acordo com os empréstimos de livros que conseguem realizar. No momento das entrevistas, estavam lendo, com maior assiduidade, romances espíritas que conseguiam emprestados com uma das irmãs do marido de Sara e com colegas de escola.

Outra característica das famílias está relacionada às regras que cada uma segue para manter o convívio e o respeito entre seus membros, ou o que se pode chamar de ética familiar. Na família de origem de Sara nota-se que os pais não impunham, severamente, que os filhos dessem continuidade aos estudos, uma vez que, além de Sara, as outras irmãs também concluíram o Ensino Fundamental e Médio somente na fase adulta da vida. Isso não significa a não existência de uma orientação e de um discurso de valorização da escolarização e sobre as conseqüências do abandono dos estudos. No entanto, em sua família atual, Sara exige que seus filhos estudem e que tenham um bom desempenho. Sara mostra, claramente, sua preocupação com o sucesso escolar e profissional dos filhos ao orientá-los nas tarefas escolares e sobre a profissão a ser escolhida. Outra diferença marcante entre o comportamento de Sara e o de sua mãe está relacionada ao incentivo à leitura: a primeira procura incentivar os filhos por meio do discurso sobre as vantagens da prática cotidiana da leitura na formação de um modo geral, enquanto que a segunda fez com que os filhos adquirissem o hábito da leitura na medida em que lia junto com eles antes de adormecerem.

Nas famílias de origem de Cezarina e Antônio Geraldo, a presente preocupação com a garantia do sustento imediato fez com que essas regras estivessem voltadas para o aprendizado de uma profissão. Esse direcionamento das atitudes em torno da luta pela sobrevivência fez com que as famílias admitiessem que os filhos abandonassem a escola para trabalhar (como doméstica e como lavrador) para contribuírem com o orçamento da família. No caso mais específico de Cezarina, aparece ainda uma questão de gênero, se observarmos as justificativas de sua mãe para a interrupção de seus estudos: "... ela tem é que trabalhar... é bobagem... mulher ter que

ficar... ficar estudando pra quê?... [...] ela tem mais é que trabalhar mesmo... pra ajudar". No caso de Antônio Geraldo, é significativo o investimento do pai ao contratar um "rapaz com estudo completo" e fazer com que os filhos aprendessem a ler e a escrever após o trabalho na lavoura.

Nas famílias atuais de Cezarina e de Antônio Geraldo, nota-se uma semelhança no que tange às regras e aos costumes dos pais em relação ao comportamento dos filhos. Os filhos de Cezarina tiveram muitos problemas no processo de escolarização; segundo ela, interromperam esse processo muito cedo para trabalharem. Os filhos de Antônio Geraldo interromperam a escolarização antes de alcançarem a conclusão do Ensino Fundamental, com exceção da única filha de seu segundo casamento, que concluiu o Ensino Médio. É interessante observar uma relativa aceitação, tanto de Cezarina quanto de Antônio Geraldo, quando explicam os motivos que fizeram com que os filhos abandonassem a escola. Pareceu-me que esses dois sujeitos encaram os fracassos dos filhos como algo natural, como um episódio da vida dos filhos em que não tinham como interferir para mudar a situação. Certamente, a perspectiva com base na qual vêem a situação dos filhos é a de um círculo vicioso entre pobreza, baixa escolaridade, subemprego.

Na família de origem de Antônio Carlos, aparecem certas imposições, principalmente no papel desempenhado pela mãe, que indicam uma existência de normas mais rígidas: a exigência pela freqüência às aulas, o fato de a maioria dos irmãos ter completado Ensino Fundamental, a liberação para morar em São Paulo somente após os dezoito anos. A religião professada por sua família, mais especificamente por seu pai, impunha regras de comportamento que parecem não ter influenciado, de modo significativo, a formação de Antônio Carlos. Em sua família atual, as normas e preceitos da Igreja Batista parecem orientar os hábitos e costumes como também a conduta da criação do filho. A esposa de Antônio Carlos é enfática ao afirmar, em diferentes momentos das entrevistas, que a Igreja Batista muito contribuiu para sua formação profissional e pessoal e que faz questão de que o filho a acompanhe à Igreja, apesar da pequena ou nula participação do pai nas atividades religiosas.

É interessante observar, ainda, que a formação da esposa de Antônio Carlos foi propiciada pela Igreja Batista. Na infância, obteve as orientações mais específicas da moral religiosa, além de uma formação inicial em música. E, como formação profissional, fez o curso de música para lecionar teoria musical na Igreja. Mais tarde, é orientada por um pastor a cursar Letras na Universidade Federal de Minas Gerais, para que pudesse também lecionar outros conteúdos além da música.

Um fator que diferencia a família atual de Antônio Carlos e a de Sara são os investimentos dispensados à formação dos filhos e a preocupação em lhes garantir melhores condições de estudo. Para Antônio Carlos e a esposa é muito importante que o filho frequente uma escola particular que ofereça melhores condições para o acesso a um bom curso superior. E, para isso, o casal parece não medir esforços, pois a esposa trabalha em dois turnos e o marido faz trabalhos extras nos finais de semana. Para Sara esse investimento se dá por meio de um discurso de valorização da leitura e da escolarização. Ela procura mostrar-lhes que por meio da leitura poderão se aprimorar em todas as outras áreas do conhecimento e que com bons rendimentos escolares conseguirão um futuro mais promissor.

O processo de escolarização dos quatro sujeitos pesquisados mostra-se também como um dos fatores determinantes para a formação desses leitores. Ao analisar a vida escolar, é possível verificar que, nos primeiros anos de frequência à escola, todos os sujeitos, com exceção de Antônio Geraldo, tiveram um bom desempenho. O baixo índice de rendimento de Antônio Geraldo é justificado, por ele, pela dificuldade de transporte para chegar até a escola e pelo baixo interesse do professor para ensinar aos filhos dos pequenos proprietários. Esse baixo rendimento, no entanto, é recompensado com as aulas noturnas com o "professor particular" e com os estudos individuais. A trajetória de Cezarina também foi interrompida antes da conclusão do Ensino Fundamental, mas, segundo ela, além de sentir gosto pelos estudos, julga que tinha um bom desempenho. Esse processo foi interrompido, conforme esclarecido anteriormente, pelo fato de ir morar com as professoras e aprender a ser dona de casa podendo, assim, ajudar no orçamento familiar.

As trajetórias de Sara e Antônio Carlos, até a quarta série do Ensino Fundamental, não apresentaram marcas de fracasso escolar. Os dois interromperam os estudos para trabalhar, aprender uma profissão e para terem condições de adquirir objetos pessoais. Outra semelhança entre essas duas trajetórias está relacionada ao fato de terem afirmado que tinham bons professores, que gostavam deles, mas não gostavam de estudar.

O retorno aos estudos se deu, de forma definitiva, para os quatro sujeitos, em 1998, quando foram selecionados pelo Projeto de Ensino Fundamental – segundo segmento da UFMG. Ao final desse curso, todos, com exceção de Antônio Geraldo, deram continuidade aos estudos no Coltec/UFMG onde cursaram o Ensino Médio. Cezarina já havia tentado concluir o Ensino Fundamental em diferentes momentos e passou por diversos cursos supletivos, mas não alcançou seu objetivo em nenhum deles. Antônio Geraldo, por sua vez, retornou aos estudos, três anos antes no Projeto de Ensino Fundamental – primeiro segmento - da UFMG, para desenvolver as habilidades de leitura e de escrita. Sara só retomou o processo de escolarização para conseguir retornar ao mercado de trabalho. E Antônio Carlos voltou aos estudos para conseguir manter-se no mercado de trabalho e por sugestão, mesmo que indireta, da esposa.

Ao que tudo indica, o retorno à escolarização possibilitou relativas mudanças para os sujeitos, no que diz respeito às práticas de leitura e a sua inserção e/ou manutenção no mercado de trabalho.

Antônio Geraldo pediu transferência de unidade de trabalho na UFMG, por julgar que na Escola de Belas Artes (EBA/UFMG) teria melhores condições de trabalho. Essa transferência proporcionou a ele uma oportunidade de exercer novas atividades: passou a orientar e a auxiliar alunos na oficina de marcenaria, no manuseio de máquinas e ferramentas, passou a ser responsável pelo patrimônio mobiliário da unidade. Essas atividades, segundo ele, foram-lhe atribuídas devido à conclusão do Ensino Fundamental.

Para Sara, as mudanças não foram significativas, na medida em que não havia conseguido se inserir, novamente, no mercado de trabalho e, segundo ela, não alterou seu gosto e interesse pela leitura; apenas intensificou a quantidade de leitura, devido à realização de atividades e

pesquisas exigidas pelos professores. Nota-se, mais uma vez, uma semelhança entre Antônio Carlos e Sara, pois, para ele, a escola também intensificou a carga de leitura e possibilitou seu acesso às bibliotecas da Universidade, onde tomava emprestados os livros técnicos da área de elétrica e informática.

Para Cezarina, a escolarização trouxe uma perspectiva de trabalho, e por conseguinte, acabou sendo convidada por um de seus superiores a exercer as funções de digitadora. Antevinha para Cezarina a possibilidade de participação em concursos públicos, além do desejo de fazer um curso técnico na área de enfermagem. Dentre os quatro sujeitos, Cezarina foi a única a prestar o vestibular - para Psicologia, no final de 2002.

Além dos fatores apresentados e discutidos acima, há outros que se destacam nas trajetórias de formação desses leitores. A inserção social de cada um dos quatro sujeitos leva-nos a observar que as práticas de leitura vêm sendo exercidas a partir de uma singularidade de interesses e objetivos que, ao mesmo tempo, delimitam ou ampliam essas práticas.

No caso de Antônio Carlos, nota-se que, seu envolvimento com o mundo do trabalho, desde a adolescência, tem provocado uma intensificação de suas práticas de leitura. As leituras desenvolvidas por causa do trabalho exigiram (e exigem) que crie estratégias de estudo que poderíamos denominar como autodidatismo. Os livros e revistas são estudados por ele na busca de aprender o que a escola (ainda) não lhe proporcionou e para manter-se, constantemente, em sintonia com os avanços e novidades nas áreas de elétrica e de informática. As práticas de leitura garantem a ele não só a manutenção do emprego, como também, sua inserção nas rodas de conversa na escola e na empresa. Apesar de todas essas possibilidades provocadas pelas leituras técnicas que ele realiza, Antônio Carlos e a esposa vivem um pequeno conflito quando discutem suas leituras. Para ele é importante ler para uma aplicação prática e sua esposa valoriza a leitura de romances literários, ao que ele responde categoricamente: "e para gostar de ler... precisa ler Machado de Assis?".

No caso de Antônio Geraldo e Cezarina pareceu-nos que, a relação entre leitura e trabalho tem sentido inverso ao de Antônio Carlos. Ou seja, as

leituras, ou melhor, a escolarização, tem lhes propiciado melhores condições de disputa em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. O fato de Cezarina poder participar de concursos públicos é um sinal de que poderá trabalhar menos horas, ter um rendimento salarial maior e, em conseqüência, poderá dedicar-se mais aos trabalhos comunitários e, até mesmo, a outros cursos. Antônio Geraldo não fez relações diretas entre seu pedido de transferência para a EBA/UFMG e a conclusão do Ensino Fundamental, mas afirmou, com segurança, que no Departamento de Manutenção, não teria mais condições de crescer profissionalmente. As atividades que vem desenvolvendo junto aos alunos e professores da EBA/UFMG parecem ser para Antônio Geraldo uma conquista, um reconhecimento de suas competências profissionais adquiridas na prática. Ele justifica a valorização de suas habilidades ao comentar:

eu só não tenho o cartucho na mão [risos]. Lá na área da máquina eu tenho mais conhecimento do que ele [professor]... porque ele aprendeu na teoria, né... na prática não tem.

Ao observar um pouco mais as leituras de Cezarina, é possível afirmar que suas práticas têm uma certa proximidade com aquelas praticadas por Antônio Carlos. Seu envolvimento com os movimentos sociais e comunitários fizeram com que desenvolvesse estratégias de leitura para uma aplicação, ou seja, as leituras desencadeiam uma série de ações. Sua participação em cursos de formação religiosa e política propiciaram uma ampliação de seu universo cultural, além de ter-lhe aguçado a criticidade, o que aumentou suas condições de participação na comunidade. É notável esse objetivo que atribui a suas leituras, quando justifica a leitura dos romances espíritas, que tomava emprestado com as colegas de sala como uma leitura em busca de saber mais e entender um pouco mais o mundo em que vive. Assim, a participação de Cezarina em movimentos religiosos e sociais tem sido um dos motivos que a fazem ler cada dia mais.

Outro ponto que merece nossa atenção são as leituras desenvolvidas por Sara e por sua família. Isso porque, toda sua prática está diretamente ligada a suas relações familiares. O surgimento de uma comunidade de leitoras nessa família aponta para o entendimento de algumas das condições familiares da formação de leitores. As estratégias utilizadas por cada uma das

mulheres da família de Sara mostram que a leitura é, para elas, um “vício” do qual não conseguem se livrar. Dito de outra forma, as condições por meio das quais adquiriram o hábito da leitura, certamente, fez com que se apropriassem dessa prática cultural no sentido pleno da palavra: as mulheres da família, segundo Sara, lêem muito e sempre.

É preciso ainda, observar o empreendimento de cada um dos sujeitos ao criarem estratégias de estudo e de acesso aos diversos materiais de leitura a que têm acesso. Antônio Geraldo, após um ano de aulas com o “professor” contratado por seu pai, passou a fazer, sozinho, as atividades do livro de leitura da terceira série, uma vez que, já tinha conhecimento do livro de segunda série. Ele fazia as leituras e os exercícios propostos no livro, mas como não tinha com quem tirar suas dúvidas, as carregou consigo até o retorno aos estudos no PROEF I/UFMG.

Antônio Carlos, ao interromper os estudos após a conclusão da quarta série do Ensino Fundamental e iniciar o aprendizado da profissão de eletricitista, decide fazer um curso por correspondência pelo Instituto Universal Brasileiro sobre elétrica básica. A partir dos conhecimentos adquiridos nesse curso passa a investir em leituras de textos técnicos sobre elétrica na busca por informações e conhecimentos que pudessem lhe garantir condições de disputa no mercado de trabalho. Ser aluno da UFMG propiciou a ele condições de ampliar esses estudos individuais devido ao acesso a livros técnicos da biblioteca universitária. Nessa fase de estudos passou a ler e a estudar também textos sobre eletrônica e informática. O acesso a páginas da Internet especializadas em programação de computadores têm sido, segundo ele, uma das fontes de informação para seus estudos.

No caso de Cezarina, esse estudo individual se manifestou, ao longo de sua trajetória, pelo esforço dispensado ao buscar por escolarização, além dos estudos feitos em casa de textos religiosos e/ou de revistas especializadas em orientações para o trabalho em comunidades populares. Em relação a Sara, esses investimentos individuais aparecem na busca incessante por material de leitura e nas estratégias de leitura criadas por ela e por suas mulheres da família.

Procurou-se, ao longo deste estudo, apontar os fatores que vêm conformando a formação desses sujeitos como leitores, ainda que, pudessem ser denominados “não leitores” ou “leitores precários” se suas práticas fossem comparadas com as de outros sujeitos. As análises, aqui desenvolvidas, indicam a constituição de práticas e estratégias de leitura que permitem a visualização de diferentes fatores que contribuem para que pudessem se tornar os leitores que se tornaram.

É importante ainda, chamar a atenção para a necessidade de interpretação dos dados, buscando a interdependência desses fatores, para que se possam compreender as condições de formação desses leitores adultos com trajetória escolar irregular e extemporânea. O caráter sociológico deste trabalho possibilitou uma visão mais ampliada dessa formação e dessas práticas, uma vez que não houve a pretensão de estabelecer parâmetros lingüísticos ou mesmo escolares das leituras realizadas pelos sujeitos ao longo de sua trajetória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria Jaqueline de Grammont Machado de. Família e escola: possibilidades de leituras. Belo Horizonte: FAE-UFMG, 1999. (Dissertação de Mestrado).

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1994, p.82-121.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Práticas de leitura, impressos, letramentos: uma introdução. In: _____. (orgs.). Leitura: práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 11-45.

CARVALHO, Marina Lúcia de. Um estudo sobre um processo de construção do letramento na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: FAE-UFMG, 2002. (Dissertação de Mestrado).

CASTANHEIRA, Maria Lúcia. Entrada na escola, saída da escrita. Belo Horizonte: FAE-UFMG, 1991. (Dissertação de Mestrado).

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: _____. A história cultural: entre práticas e representações. Trad. de M. Galhardo. Lisboa; Rio de Janeiro: Difel; Bertrand Brasil, 1990. p. 121-39.

DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor "comum" do século XVIII. In: : CHARTIER, Roger (org.). Práticas da Leitura. Trad. de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 143-75.

DE SINGLY, François. L'appropriation de l'héritage cultural. Lien social et Politiques. RIAC, 35, 1996, p. 153-165.

DIAS, Vânia Aparecida Costa. Práticas de leitura de professores no meio rural. Belo Horizonte: FAE-UFMG, 1999. (Dissertação de Mestrado).

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. Condições de construção de leitores alfabetizando: um estudo na escola e na família em camadas populares. Belo Horizonte: FAE-UFMG, 1993. (Dissertação de Mestrado).

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira. Discurso, memória e inclusão: reminiscências da Matemática escolar de alunos do Ensino Fundamental. Campinas, São Paulo. 2001. (Tese de Doutorado).

GNERRE, Mauricio. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

HEBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (org.). Práticas da Leitura. Trad. de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 35-74.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 43-62.

LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. O analfabeto: vida e lida sem escrita. Belo Horizonte: FAE-UFMG, 1994. (Dissertação de Mestrado).

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1996.

MIRANDA, Marildes & SILVA, Ceris Ribas da. Leituras do professor. Campinas: mercado de Letras; ALB, 1998.

MIRANDA, Marildes Marinho. Os usos sociais da escrita no cotidiano das camadas populares. Belo Horizonte: FAE-UFMG. 1991. (dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Marta Kohl Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. 22ª ANPEd – 26 a 30 de setembro de 1999, Caxambu. (Trabalho encomendado pelo GT "Educação de Pessoas Jovens e Adultas").

PANIAGO, Maria de Lourdes FARIA DOS Santos. A aquisição do capital cultural e lingüístico: quatro casos particulares do (im)provável. Belo Horizonte: FAE-UFMG, 2000. (Dissertação de Mestrado).

RIBEIRO, Vera M. M. Alfabetismo e Atitudes. Campinas, SP: Papyrus; São Paulo: Ação Educativa, 1999.

SANTANA, Luciene. Usos e funções da leitura e da escrita para analfabetos e recém-alfabetizados. Belo Horizonte: FAE-UFMG, 1996. (Dissertação de Mestrado).

SCHETINE, Silvânia Passos. Práticas de leitura de professores num contexto de formação. Belo Horizonte: FAE-UFMG, 2002. (Dissertação de Mestrado).

Soares, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1997.

UFMG. Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 1998 (mimeo.).

VIANA, Maria José Braga. Novas abordagens da escolarização das camadas populares: uma revisão de estudos recentes acerca de trajetórias escolares de sucesso. In: _____. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. Belo Horizonte: FAE-UFMG. 1998. (Tese de Doutorado).

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares – As contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, M. A., ROMANELLI, G., ZAGO, N. (Orgs.). Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.